



PODER  
GLOBAL E  
RELIÇÃO  
UNIVERSAL

JUAN CLAUDIO  
SANAHUJA





# PODER GLOBAL E RELIGIÃO UNIVERSAL

JUAN CLAUDIO  
SANAHUJA



*Minha Impalpável Biblioteca*



ECCLESIAE

Poder Global e Religião Universal

Copyright © by Juan Claudio Sanahuja e Edições Katechesis

Impresso no Brasil

1ª edição - maio de 2012 - CEDET

Os direitos desta edição pertencem ao

CEDET - Centro de Desenvolvimento Profissional e Tecnológico

Rua Angelo Vicentin, 70

CEP: 13084-060 - Campinas - SP

Telefone: 19-3249-0580

e-mail: livros@cedet.com.br

*Gestão Editorial:*

Silvio Grimaldo de Camargo

*Tradução:*

Lyège Carvalho

*Revisão:*

Renata Gusson e Ronald Robson

*Projeto gráfico e editoração:*

Diogo Chiuso

*Impressão:*

Daikoku Editora e Gráfica

Reservados todos os direitos desta obra.

Proibida toda e qualquer reprodução desta edição por qualquer meio ou forma, seja ela eletrônica ou mecânica, fotocópia, gravação ou qualquer outro meio de reprodução, sem permissão expressa dos titulares do Copyright.

## SUMÁRIO

---

Apresentação.....	7
Prefácio à edição brasileira.....	13
Introdução.....	21
1. O projeto de poder global e a reengenharia social.....	27
2. Os novos paradigmas éticos.....	31
I. O paradigma do utilitarismo sentimental da maioria.....	31
II. O novo paradigma de saúde.....	32
III. O paradigma da reinterpretação dos direitos humanos.....	34
a) A negação da transcendência.....	39
b) A ordem da criação.....	41
IV. O novo paradigma de família.....	42
a) A Convenção Interamericana contra o Racismo e Toda Forma de Discriminação e Intolerância.....	44
b) Os Princípios de Yogyakarta.....	46
c) A Convenção Ibero-americana de Direitos dos Jovens.....	47
3. Os novos paradigmas religiosos.....	49
I. O ecologismo.....	50
II. A Carta da Terra.....	56
III. Materialismo espiritualista.....	59
IV. A Aliança das civilizações e o apoio maçônico explícito.....	64
V. A Ética Planetária.....	68
4. A Imposição da reengenharia anticristã.....	71
I. Uma religião sem dogmas. Infiltrar as religiões.....	71
II. Religião e Objetivos do Milênio para o Desenvolvimento.....	73
III. Sincretismo religioso a serviço do poder.....	76
IV. Resposta ao indiferentismo e ao sincretismo religioso.....	80

V. O panteísmo como pensamento único.....	81
VI. O moralismo político.....	83
VII. A diversidade ou igualitarismo cultural.....	87
VIII. Conduta única, discurso único.....	89
IX. Para uma nova Constituição Civil do Clero.....	91
5. A confusão dentro da Igreja.....	95
I. Rumo a uma igreja popular?.....	96
II. A apostasia silenciosa e as deserções.....	98
III. Alguns casos atuais.....	105
a) A dissidência católica.....	105
b) A obrigação de corrigir aquele que erra.....	106
c) Unidade ou tirania do relativismo?.....	107
d) O Obamismo.....	108
e) Dom Chaput: recuperar a identidade católica.....	112
f) O desvendamento do cisma.....	114
g) Superiores Religiosos: a Carta da Terra e a Ética Planetária.....	120
6. Notas para uma conduta cristã.....	123
I. O discernimento.....	123
II. O Anticristo será pacifista, ecologista e ecumenista.....	124
III. Valorização e defesa da ordem natural.....	129
IV. Laicidade e princípios não negociáveis.....	131
V. O dever de se opor.....	136
VI. A falsa inevitabilidade.....	138
7. Recuperar a identidade católica.....	141
Anexo I – Obama e Blair. O messianismo reinterpretado (Michel Schooyans) .....	151
Anexo II – A terra e seu caráter sagrado (Irmã Donna Geernaert, SC) .....	161
Bibliografia Geral.....	179
Bibliografia – Nações Unidas.....	185
Índice de nomes e assuntos.....	195

«FALAR PARA ENCONTRAR APLAUSOS, FALAR ORIENTANDO-SE SEGUNDO O QUE OS HOMENS QUEREM OUVIR, FALAR EM OBEDIÊNCIA À DITADURA DAS OPINIÕES COMUNS, É CONSIDERADO UMA ESPÉCIE DE PROSTITUIÇÃO DA PALAVRA E DA ALMA. A “CASTIDADE” À QUAL O APÓSTOLO PEDRO FAZ ALUSÃO NÃO É SUBMETER-SE A ESTES PROTÓTIPOS, NÃO É PROCURAR APLAUSOS, MAS PROCURAR A OBEDIÊNCIA À VERDADE»

**BENTO XVI**

«ONDE DEUS É EXCLUÍDO, A LEI DA ORGANIZAÇÃO CRIMINAL TOMA SEU LUGAR, NÃO IMPORTA SE DE FORMA DESCARADA OU SUTIL. ISTO COMEÇA A TORNAR-SE EVIDENTE ALI ONDE A ELIMINAÇÃO ORGANIZADA DE PESSOAS INOCENTES – AINDA NÃO NASCIDAS – SE REVESTE DE UMA APARÊNCIA DE DIREITO, POR TER A SEU FAVOR A PROTEÇÃO DO INTERESSE DA MAIORIA»

**CARD. JOSEPH RATZINGER**

## APRESENTAÇÃO

---

NA PASSAGEM PARA O TERCEIRO MILÊNIO, ao inaugurar o Grande Jubileu de 2000, o beato João Paulo II exortou os cristãos a confiarem na vereda de Cristo, lembrando a estreiteza da via que, em uma história bimilenar, foi capaz de fazer a Igreja vencer tantas sombras e perigos incontáveis, ameaças e perseguições, e tantas outras incompreensões e falsas interpretações; assim, a luz fulgurante de Cristo chegou ao século XXI como um fato incontestável: “Entramos por esta Porta, que representa Cristo mesmo: com efeito, só Ele é o Salvador.”<sup>1</sup> Esta verdade histórica chegou até nós, a geração pós-Concílio Vaticano II, mas está hoje (e novamente) atacada de modo intenso e sistêmico, por forças culturais, econômicas e políticas, no afã de impor uma nova ordem mundial, destituída das premissas cristãs, ordem imposta por diversas formas de manipulação, a pior de todas as violências. Uma nova ordem não apenas política, mas também religiosa, de uma religiosidade light, “sem dogmas, sem estruturas, sem hierarquias, sem morais rigorosas”, como ressalta o monsenhor Juan Cláudio Sanahuja, neste lúcido livro *Poder Global e Religião Universal*.

Leitura imprescindível (especialmente para nós, católicos), ela efetua uma análise de conjuntura de uma realidade pouco conhecida pelos próprios cristãos. Este

---

<sup>1</sup>[http://www.vatican.va/holy\\_father/john\\_paul\\_ii/homilies/1999/documents/hf\\_jp-ii\\_hom\\_25121999\\_po.html](http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/homilies/1999/documents/hf_jp-ii_hom_25121999_po.html)

“poder global”, como um novo Leviatã, “procura, por exemplo – explica Sanahuja – a perversão dos menores, a anticoncepção, o aborto, a eutanásia, a investigação com embriões humanos, a injusta legitimação jurídica de casais do mesmo sexo, etc. A falsa espiritualidade da nova ordem procura ensinar às crianças desde os 5 anos a normalidade da homossexualidade e da masturbação e instruí-las no uso de preservativos e da pílula do dia seguinte, inculcando-lhes que o aborto é um direito, como propõe a UNESCO”.

Defender Jesus Cristo, caminho, verdade e vida, não foi fácil, nem seguro, em nenhum momento ao longo da história. Afinal, quantas vezes o próprio Jesus disse aos discípulos: “Não tenham medo!”, mesmo quando a tempestade parece fazer o barco soçobrar? E Sanahuja destaca: “São muitos os poderosos inimigos com os quais nos enfrentamos, sendo irremediável o sofrimento pela verdade, inevitável também a perseguição dos bons e urgente a necessidade do testemunho pessoal e social, individual e coletivo, que como cristãos nos é exigido”. Tais exigências (de discernimento, purificação e coerência de vida), no complexo contexto da atualidade, são expostas com objetividade e visão de conjunto por monsenhor Juan Claudio Sanahuja, na síntese que faz dos inúmeros desafios do momento histórico em que vivemos. Ele afirma: “A crise da Igreja é grave”.

Em *Poder Global e Religião Universal*, Sanahuja delinea os aspectos, a profundidade e a amplitude da atual crise, elucidando o processo e as estratégias de uma reengenharia social anticristã em curso, que visa minar a sã doutrina católica, desconstruindo conceitos para correr por dentro as bases do edifício cristão e destituindo a Igreja de sua identidade e força. “Estamos em tempos de perseguição – afirma Sanahuja –, mas, acima de toda consideração acomodaticia, a fidelidade a Jesus Cristo nos exige defender, promover, ensinar, transmitir as verdades



imutáveis – os princípios inegociáveis –; mas todos sabemos, leigos e clérigos, que esse caminho é humanamente inseguro, porque, ao não aceitar os esquemas mentais politicamente corretos, recusamos ser incluídos na categoria de novos cidadãos, segundo o que a Nova Ordem define como paradigma da nova cidadania”. E há ainda outros novos paradigmas éticos, entre eles, o da reinterpretação dos direitos humanos, com sua hermenêutica ideologizada, dando origem a “uma infinidade de pseudo-direitos a serviço de políticas do projeto de domínio mundial”. Os novos paradigmas religiosos completam o panorama deste novo processo de “colonização das consciências, visando um projeto de poder global, com um pensamento único, mudando a cultura e a religião dos povos”.

João Paulo II, gigante da fé, com profundo realismo, destacou num dos documentos mais importantes do Grande Jubileu “nossa responsabilidade pelos males atuais”,<sup>2</sup> salientando que “entre as sombras e em primeiro plano pode ser assinalado o fenômeno da negação de Deus em suas muitas formas”<sup>3</sup> E explica: “O que repercute particularmente é que essa negação, especialmente em seus aspectos mais teóricos, é um processo que surgiu no mundo ocidental. Ligada ao eclipse de Deus está uma série de fenômenos negativos, como a indiferença religiosa, a ausência difusa do senso do transcendente à vida humana, um clima de secularismo e de relativismo ético, a negação do direito da criança não-nascida à vida – às vezes sancionada por legislações abortistas”,<sup>4</sup> entre outros fatores. O fato é que “vivendo ‘como se Deus não existisse’, o homem perde o sentido não só do mistério de Deus, mas também do mistério do mundo, e do mis-

---

<sup>2</sup>Comissão Teológica Internacional, *Memória e Reconciliação - A Igreja e as culpas do passado*, p. 53, Edições Loyola, São Paulo, 2000.

<sup>3</sup>Ibidem.

<sup>4</sup>Ibidem.

tério do seu próprio ser”.<sup>5</sup> Nesse sentido, cabe também lembrar Joseph Ratzinger, em *Dominus Iesus*, quando destacou que “o Reino diz respeito a todos: às pessoas, à sociedade, ao mundo inteiro. Trabalhar pelo Reino significa reconhecer e favorecer o dinamismo divino, que está presente na história humana e a transforma. Construir o Reino quer dizer trabalhar para a libertação do mal, sob todas as suas formas”.<sup>6</sup> Este é o sentido da história de que a Igreja faz parte, como via de salvação. E reconhece que “o mal tem poder através da liberdade do Homem e cria então as suas estruturas. Porque existem, manifestamente, estruturas do mal”.<sup>7</sup> De modo mais claro, Bento XVI afirmou: “como estamos todos na realidade presos pelas potências que de um modo anônimo nos manipulam”.<sup>8</sup> E ressaltou: “O núcleo de toda a tentação (...) é colocar Deus de lado, o qual, junto às questões mais urgentes da nossa vida, aparece como algo secundário, se não mesmo supérfluo e incômodo”,<sup>9</sup> pois as estruturas do mal visam “ordenar; construir um mundo de um modo autônomo, sem Deus; reconhecer como realidade apenas as realidades políticas e materiais e deixar de lado Deus, tendo-o como uma ilusão: aqui está a tentação que de muitas formas hoje nos ameaça”.<sup>10</sup>

Sanahuja deixa evidente nesta obra que há uma subversão silenciosa para concretizar um projeto de poder global, que se realiza impondo novos paradigmas éticos, principalmente aos países membros da ONU. Para Hi-

<sup>5</sup>*Evangelium Vitae*, 22.

<sup>6</sup>*Dominus Iesus*, 19 ([http://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/cfaith/documents/rc\\_con\\_cfaith\\_doc\\_20000806\\_dominus-iesus\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_20000806_dominus-iesus_po.html))

<sup>7</sup>Joseph Ratzinger, *O Sal da Terra – O Cristianismo e a Igreja Católica no Limiar do Terceiro Milênio – Um Diálogo com Peter Seewald*, p. 176, Ed. Imago, Rio de Janeiro, 1997.

<sup>8</sup>Joseph Ratzinger, *Jesus de Nazaré*, v. 1, p. 35, 3ª reimpressão, Editora Planeta do Brasil, São Paulo, 2008.)

<sup>9</sup>Ibidem.

<sup>10</sup>Ib. p. 41.

roshi Nakajima, diretor geral da Organização Mundial da Saúde em 1992, “a ética judaico-cristã não poderá ser aplicada no futuro”. As forças ideológicas anticristãs atuam de modo sutil e sofisticado, especialmente no campo semântico: “mudar o significado e o conteúdo das palavras é uma estratégia para que a reengenharia social seja aceita por todos, sem protestar”, explica Sanahuja. Por isso, “o significado da linguagem internacional muda continuamente”. Os cristãos percebem então uma “estranheza” e um mal-estar, mas não conseguem de imediato constatar o que está acontecendo, e muitos até inconscientemente acabam fazendo o jogo do inimigo: crescem as divisões internas, os desentendimentos entre os fiéis, a evasão, os escapismos, a dispersão, etc. E também o desânimo e o ceticismo, e a adesão às soluções fáceis, aos apelos emocionalistas, ao conformismo e ao indiferentismo. Então o que fazer? “Estamos outra vez perante um novo começo”,<sup>11</sup> salientou Ratzinger. E reforçou: “A tarefa de crer inteiramente a partir da liberdade, e na liberdade, e de crer, dando testemunho contra um mundo exausto, também traz novas esperanças, novas possibilidades de uma expressão cristã. É precisamente uma era de um cristianismo quantitativamente reduzido que pode levar a uma nova vivacidade desse cristianismo mais consciente”.<sup>12</sup> A Igreja – como sinal de contradição –, vai se tornando “a Igreja de uma minoria”.<sup>13</sup> E é a esperança desse cristianismo mais consciente que vemos despontar na obra de Sanahuja, que não fica apenas no diagnóstico da situação, mas indica com clareza atitudes para o enfrentamento daquilo que nos ameaça, para evi-

---

<sup>11</sup>Joseph Ratzinger, *O Sal da Terra – O Cristianismo e a Igreja Católica no Limiar do Terceiro milênio – Um Diálogo com Peter Seewald*, p. 212, Ed. Imago, Rio de Janeiro, 1997

<sup>12</sup>Ibidem.

<sup>13</sup>Joseph Ratzinger, *Jesus de Nazaré*, v. 1, p. 41, 3ª reimpressão, Editora Planeta do Brasil, São Paulo, 2008.)

tar ambigüidades, tibiezas e a fragilização da fé transformada em apostasia. A leitura deste livro, portanto, permite uma melhor compreensão não apenas do turbilhão de desafios à nossa frente, bem como um entendimento cada vez mais agudo do mistério da Igreja no mundo, a partir da missão a ela confiada por Jesus Cristo. A Igreja poderá combalir e ficar até extenuada, mas não sucumbirá, pois é promessa de Nosso Senhor que as portas do inferno não prevalecerão sobre ela. Mas tudo isso exige de nós vigilância, discernimento e fé operante. Refutando Nakajima, temos a convicção de que “a fé cristã tem muito mais futuro do que as ideologias que a convidam a abolir a si mesma”.<sup>14</sup>

## HERMES RODRIGUES NERY

*Especialista em Bioética, pós-graduado pela PUC-RJ; diretor da Associação Nacional Pró-Vida e Pró-Família e do Movimento Nacional da Cidadania Pela Vida “Brasil Sem Aborto”; membro da Comissão Diocesana em Defesa da Vida do Regional Sul 1 da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB; coordenador da Comissão Diocesana em Defesa da Vida e do Movimento Legislação e Vida, da Diocese de Taubaté. E-mail: hrneryprovida@uol.com.br*

---

<sup>14</sup>Joseph Ratzinger, *O Sal da Terra – O Cristianismo e a Igreja Católica no Limiar do Terceiro milênio – Um Diálogo com Peter Seewald*, p. 205, Ed. Imago, Rio de Janeiro, 1997.

## PREFÁCIO À EDIÇÃO BRASILEIRA

---

Cel PAES DE LIRA

TIVE A HONRA DE CONHECER o ilustre autor desta obra, Mons Sanahuja, por ocasião do II Congresso Internacional Pela Verdade e Pela Vida, promovido na cidade de São Paulo, em dependências do Mosteiro de São Bento, pela venerável organização Pró-Vida Human Life International, em novembro de 2011.

A primeira impressão que dele tive, totalmente favorável, confirmou-se quando atentamente acompanhei sua palestra, que, comparada de memória ao denso texto que acabo de ler, pode-se entender como síntese das profundas idéias e análises – e das cortantes denúncias! – nele contidas. Fiquei, naquela ocasião, verdadeiramente impressionado com a franqueza, o descortino e principalmente a coragem desse combativo sacerdote, de estirpe infelizmente rara nos terríveis dias que correm.

Mas é preciso ler, de ponta a ponta, o precioso livro que me foi dado a prefaciar para avaliar melhor o grau de fortaleza moral exigido do autor para dá-lo a público. A profusão, o enraizamento social metastático e o poderio político-econômico, em escala planetária, das entidades comprometidas com aquilo que Mons Sanahuja, com aguda percepção, chama de Nova Ordem, são de pôr a tremer qualquer homem de pouco tutano. E o autor, perfeitamente ciente da força dos oponentes,

enumera-os, nomina-os e desmascara-os, metódica e serenamente. Qual patologista social, expõe suas medonhas entranhas totalitárias, radiografa o seu esqueleto calcificado de grosso dinheiro fomentador da cultura da morte, aponta-lhes a vocação invasiva sistêmica própria dos vírus patogênicos anticristãos.

Mons Sanahuja esclarece a respeito de um fenômeno pouco estudado, pobremente conhecido, até agora. O advento daquilo que denomina Nova Ordem e, como superestrutura supostamente filosófica dela, de uma religião dita ecumênica, de caráter universal, totalmente fundada na concessão doutrinária, no relativismo ético, no sincretismo e em vagos conceitos – na verdade, meras idéias-força – de igualdade, solidariedade, justiça, paz, tolerância, diversidade e pluralidade, ao molde do que Hans Küng, em sua faina de desmonte do verdadeiro Catolicismo, qualificou de “síntese superadora” (por corolário, supressora) das religiões. Principalmente, é claro, da que diz professar, na auto-declarada qualidade de teólogo católico. Aquela que, entre outras, na franca parceria com a malta de demolidores associados à Nova Ordem, Küng e Boff qualificam de dogmática, rígida, anacrônica e anti-popular: o oposto, segundo eles, do imanentismo panteísta da “new age” e de sua desejada ética planetária, que supostamente teriam o condão de conduzir a humanidade à cultura mundial de paz.

Valendo-se do Evangelho, do ensinamento de várias encíclicas e textos doutrinários, do Catecismo, dos escritos de notáveis Doutores da Igreja e de suas próprias conclusões, formuladas a partir do apurado exame do cenário contemporâneo, o autor dissecou as bases teóricas da Nova Ordem, de forma a mostrar claramente de que forma ela se dissemina, lenta, mas inexoravelmente, por todo o mundo ocidental. Demonstra que a principal ferramenta desse contágio é a imposição da relatividade

semântica, cujo mecanismo social Scala, em sua notável obra *Ideologia de Gênero – O Neototalitarismo e a Morte da Família*, desnudou, ao pormenorizar as duas etapas do processo, que, em síntese, corresponde a uma lavagem cerebral: mudança subliminar do sentido real da palavra-talismã por ação da mídia de massa, das artes cênicas e dos grupos de pressão; instilação do novo sentido, sob a égide de direitos humanos ou da modernidade do “politicamente correto”, por intermédio da educação formal, especialmente a fundamental. A partir daí, diz Mons Sana-huja:

“Estamos em meio a uma batalha da qual uma das frentes mais importantes é a semântica. Por exemplo, temos visto que o termo paternidade responsável, na boca de um político, segundo os códigos universalizados pelas Nações Unidas, não terá o mesmo significado contido nos documentos da Igreja. No linguajar de alguns parlamentares poderia significar, segundo as circunstâncias, desde a distribuição maciça de contraceptivos até mesmo a intenção oculta de promover o aborto. O mesmo se poderia dizer da expressão violência contra a mulher ou mesmo do termo tortura, palavras que o comum das pessoas nem imagina que possam esconder uma referência ao suposto direito ao aborto e outras aberrações.”

Portanto, adverte o autor, quando os textos de entidades associadas à Nova Ordem, sob os auspícios da Organização das Nações Unidas (ONU), ou os comitês engajados dela própria, falam hoje de “famílias” (no plural, não por acaso), não se referem necessariamente a agrupamentos humanos constituídos, originariamente, pela união indissolúvel, fundada no casamento, entre uma mulher e um homem, frutificada e ampliada pelos filhos gerados nessa sagrada unificação de vidas e corpos. A palavra família, nos círculos da revolução cultural, pode referir-se a todo tipo de parceria justificado pelo re-

lativismo moral. Essa palavra, outrora cristalina em seu significado social, passa a significar qualquer agrupamento cuja única razão de ser seja a coabitação sexual, qualquer que seja a sua modalidade, pois todas passam a ser consideradas normais.

Atrevo-me aqui a extrapolar, talvez, o mandato de prefaciador, para agregar algo à obra comentada, lembrando Orwell. De fato, as técnicas de imposição da relatividade semântica entroncam com a disciplina do “duplipensar” e a construção da “novilíngua”, literariamente idealizadas pelo genial, se bem que efêmero, britânico, em sua obra de ficção (ou profecia) política 1984. Um sumário do esquema mental do “duplipensar”, na sociedade dominada com mão de ferro pelo Grande Irmão (tradução adaptada minha a partir de uma edição de 2003 da Signet Classic, New York), é o seguinte:

“Duplipensar é a habilidade que alguém tem de reter na mente, ao mesmo tempo, dois conceitos absolutamente contraditórios e aceitá-los, ambos, como verdadeiros. [...] Dizer coisas que sabe serem mentiras e ao mesmo tempo nelas crer firmemente.”

Uma vez logrado esse dispositivo mental, por intermédio de contínua exercitação, toda e qualquer palavra pode ter, para os manipuladores, o significado que queiram, ainda que antípoda à acepção corrente da palavra, ou da expressão. Portanto, na “novilíngua” da revolução cultural, a expressão direito à vida, aplicada à tese feminista do empoderamento da mulher, pode, sem problema algum, significar direito à morte de um ser humano que se desenvolve no ventre materno.

Nesse diapasão, Mons Sanahuja esclarece os pontos-chave da nova sociedade que se pretende impor ao mundo: o reconhecimento jurídico e social do homossexualismo; o direito ao matrimônio de pares homossexuais; o direito de adoção por parte de tais agrupamentos; a



afirmação do aborto a título de direito humano reprodutivo da mulher; a ideologia de gênero. E para coonestar tudo isso, a nova religião mundial, anticristã, sincrética, niveladora e panteísta. Uma religião que nega o primado do ser humano como ente criado por Deus para administrar prudentemente as riquezas da Terra e o qualifica, nas palavras de Boff, como parasita, devastador e merecedor de extinção para que sobreviva Gaia, a grande divindade animista cujo culto deve substituir o do Salvador. A bandeira da salvação do planeta, lastreada nos princípios da Carta da Terra, naturalmente tem o controle populacional dos países periféricos como um de seus alvos. Afinal, por que permitir a proliferação dos assim ditos parasitas? Mas Mons Sanahuja cuida também de examinar os verdadeiros propósitos dessa corrente de pensamento, apontando, sem meias-tintas, os interesses das potências centrais na preservação, para uso oportuno, em prol de si mesmas, das reservas naturais que, desprovidas de recursos humanos, as nações afetadas pelo controle populacional arriscam-se a nunca explorar, de modo sustentável ou não. Outro vespeiro que o combativo autor não teme enfrentar.

Evidentemente tais forças tratarão de torpedear esta obra: Nova Ordem? Pseudo-religião universal a serviço dela?

Já antecipo a pancadaria da militância feminista, do “lobby” homossexual e dos movimentos ateístas: bobagem, contra-senso, ridícula teoria conspiratória! Estertores de fundamentalistas católicos que sonham voltar ao poder por meio da subversão do conceito fundamental do Estado laico! Esses, em resumo sobremaneira otimista, os impropérios a ser inevitavelmente lançados contra o autor pela máquina de propaganda da revolução cultural, que dá sustentação à ideologia que se pretende enfiar goela baixo dos que acreditam em uma

ordem moral perene, ditada pelo Direito Natural e pela mensagem imorredoura do Evangelho.

Não obstante, a expressão Nova Ordem não foi cunhada pelo autor. Consta de numerosos estudos a respeito da estrutura de poder no mundo pós-soviético, entre os quais os de Huntington. O próprio Küng utiliza-se amiúde dessa expressão. Diversos ideólogos do governo mundial (na verdade, o projeto totalitário último da Nova Ordem) igualmente a utilizam. A religião universal, que abandona a mensagem salvífica de Cristo, tem sido proposta às claras pelas forças listadas nesta obra. Mons Sanahuja não inventa, pois. Toma essa realidade e estudava-a, no entanto, o que é seu direito de sacerdote e analista social. E diseca-a com maestria, para proveito dos Cristãos que têm olhos de ver.

Não faltarão forças ao autor para confrontar os críticos adrede dispostos a atacá-lo. Como afirma na conclusão da obra (tomo a liberdade de assim chamar o capítulo intitulado “Recuperar a Identidade Católica”), até mesmo os leitores que encontrarem nela conhecimento e esteio para o bom combate poderão considerá-la desesperançada, negativa ou pessimista. Mas devem recordar-se de que, no esforço, dever de todo católico, para a transformação cristã da realidade que nos assola, pede-nos o Senhor, muito mais do que vitórias, a luta constante. A essa exortação, agrego a lição do Papa Leão XIII (in *Sapientiae Christianae*), ao falar da coragem do Cristão perante inimigos aparentemente muito superiores em força:

“Muito freqüentemente, por tal exposição de coragem, os inimigos perdem o ânimo e seus projetos são derrotados. Os Cristãos são, acima de tudo, nascidos para o combate: quanto maior a sua disposição para a luta, mais assegurado, com a ajuda de Deus, o triunfo...”.

Ao apresentar, sobremaneira honrado, este modesto prefácio, afirmo que a obra de Mons Sanahuja, em boa

hora oferecida aos brasileiros no idioma pátrio, deve ser recebida pelos católicos como um verdadeiro manual de resistência contra o relativismo, contra a revolução cultural, contra o materialismo e contra o perigo de desumanização contido na dessacralização da vida humana.

Sempre digo que à oração deve seguir-se a ação. O notável varão de Cristo Mons Sanahuja dá-nos disso testemunho e exemplo.

São Paulo, abril de 2012

## INTRODUÇÃO

---

CREIO QUE ATRAVÉS DESTAS PÁGINAS cumpro a promessa de editar o conteúdo das aulas, conferências e cursos que ministrei em diferentes lugares deste país, da América e da Europa desde a publicação de *El Desarrollo Sustentable. La Nueva Ética Internacional*.<sup>1</sup> Sempre, ao fim daquelas intervenções – que em algumas ocasiões foram cursos de vinte e cinco a trinta horas –, ficava devendo a publicação das exposições. O assunto girava habitualmente em torno daquilo que, ao cabo do tempo, concretizou-se sob o nome de *nova religião universal*.

Ao trabalhar nesta introdução, reli o que estava no prólogo de *El Desarrollo Sustentable* e percebi que aquelas páginas continuam tendo plena vigência, apesar de terem se passado sete anos (2003).

Lembrei-me então das palavras de João Paulo II na encíclica *Evangelium vitae*, referindo-se ao que chamava de a “verdadeira conjura contra a verdade”: “Os falsos profetas e os falsos mestres conseguiram o maior êxito possível”.

Naquele mesmo texto, acrescentei que certos setores do cristianismo não escapavam à colonização ideológica da Nova Ordem. Em algumas organizações de tradição

---

<sup>1</sup>Sanahuja, Juan Claudio. *El Desarrollo Sustentable. La Nueva Ética Internacional*. Buenos Aires: Vórtice, 2003. [N. do T.: *O Desenvolvimento Sustentável. A Nova Ética Internacional*.]

cristã o que prevalece não é o compromisso com a verdade: o medo de serem acusadas de fundamentalistas, a ambigüidade cúmplice – da qual se tira indigno proveito – e a aceitação resignada dos falsos valores da modernidade – como o sucesso, a popularidade, a excelência – provocaram em algumas pessoas uma verdadeira apostasia material da Fé em Jesus Cristo. Parece que para elas já não existem princípios imutáveis dos quais não se pode fazer concessão. Como diz Spaemann, foi imposta “uma nova ética que avalia as ações como parte de uma estratégia. A ação moral torna-se, então, uma ação estratégica. Esta forma de pensar, que de início era chamada comumente de ‘utilitarismo’, tem sua origem no pensamento político”, o que leva a cair no conseqüencialismo moral. O diálogo se transforma em “dialoguismo”, no qual é concedido o inegociável, e, com a desculpa de se descobrir o que é positivo nas diferentes manifestações sociais e culturais contaminadas de paganismo, muitos católicos não resistem a nenhuma de suas exigências abusivas, coonestam o erro, ocultam sua fé, não demonstram com obras que são cristãos e, com freqüência, se mostram mais amigos do inimigo de Deus que de seus irmãos de fé.

A crise da Igreja é grave. Tenho a impressão de que não se esconde de ninguém que o cataclismo social que afeta o respeito à vida humana e à família tem essa triste situação como causa. Michel Schooyans afirma, sem nenhuma dúvida, que a Nova Ordem Mundial, “do ponto de vista cristão, é o maior perigo que ameaça a Igreja desde a crise ariana do século IV”, quando, nas palavras atribuídas a São Jerônimo, “o mundo dormiu cristão e, com um gemido, acordou ariano”.

Não sem dor eu escrevi algumas destas páginas. O consolo banal e pusilânime de dizer que “vai passar”, que “o pêndulo da história voltará a se equilibrar”, nada

resolve porque, enquanto isso, criam-se situações que põem em perigo a fé de muitas pessoas.

Nossa primeira atitude não deve ser - ainda que a tentação exista - nem de queixa nem de denúncia, mas de obediência a Jesus Cristo, que é exigente: *Se me amais, guardareis meus mandamentos* (Jo 14,15). Só assim nosso falar e pensar servirá para que Deus possa ser ouvido, para que possa encontrar espaço no mundo. Só assim seremos bons instrumentos, purificados pelo Senhor. Como comenta Bento XVI, tomando as palavras da Primeira Carta de São Pedro, primeiro capítulo, versículo 22, que em latim soa assim - *Castificantes animas nostras in obedientia veritatis*: “A obediência à verdade deveria tornar casta a nossa alma e desta forma guiar à reta palavra e à reta ação. Em outras palavras, falar para encontrar aplausos, falar orientando-se segundo o que os homens querem ouvir, falar em obediência à ditadura das opiniões comuns é considerado uma espécie de prostituição da palavra e da alma. A ‘castidade’ à qual o apóstolo Pedro faz alusão não é submeter-se a estes protótipos, não é procurar aplausos, mas procurar a obediência à verdade”.<sup>2</sup>

Bento XVI propôs recentemente, de forma sintética, o exemplo de São João Leonardo: “tender constantemente à ‘alta medida da vida cristã’ que é a santidade”, porque “só da fidelidade a Cristo pode surgir a autêntica renovação eclesial”. São João Leonardo viveu nos anos em que começou a se delinear o pensamento moderno “que produziu entre seus efeitos negativos a marginalização de Deus, com a ilusão de uma possível e total autonomia do homem que escolhe viver ‘como se Deus não existisse’. É a crise do pensamento moderno, que evidenciei várias vezes e que com freqüência desemboca

---

<sup>2</sup>Cfr. Bento XVI, *Homilia durante a missa com os membros da Comissão Teológica Internacional*, 06-10-2006.

em formas de relativismo. São João Leonardo intuiu qual era o verdadeiro remédio para estes males espirituais e resumiu-o na expressão: ‘Cristo antes de tudo’, Cristo no centro do coração, no centro da história e da criação. Em várias circunstâncias reafirmou que o encontro vivo com Cristo se realiza em sua Igreja, santa mas frágil, radicada na história e no seu porvir, às vezes obscuro, no qual o trigo e o joio crescem juntos (cf. Mt 13, 30), mas que é sempre Sacramento de salvação. Tendo clara consciência de que a Igreja é o campo de Deus (cf. Mt 13, 24), não se escandalizou com as suas fraquezas humanas. Para combater o joio optou por ser bom trigo: ou seja, decidiu amar Cristo na Igreja e contribuir para torná-la cada vez mais sinal transparente d’Ele”.<sup>3</sup>

Soma-se à atitude vacilante de muitos católicos a ditadura do politicamente correto, muito mais sutil que as anteriores e que reivindica a cumplicidade da religião, uma religião que por sua vez não pode intervir nem na forma de conduta nem no modo de pensar. A nova ditadura corrompe e envenena as consciências individuais e falsifica quase todas as esferas da existência humana.

A sociedade e o estado excluíram Deus, e “onde Deus é excluído, a lei da organização criminal toma seu lugar, não importa se de forma descarada ou sutil. Isto começa a tornar-se evidente ali onde a eliminação organizada de pessoas inocentes – ainda não nascidas – se reveste de uma aparência de direito, por ter a seu favor a proteção do interesse da maioria”<sup>4</sup>.

Este caminho não será fácil nem seguro: “Num mundo onde a mentira é poderosa, paga-se a verdade com o sofrimento. Quem quer evitar o sofrimento, mantê-lo longe de si, mantém longe a própria vida e sua grandeza; não pode ser servo da verdade nem pode

<sup>3</sup>Cfr. Bento XVI, Audiência Geral, 07-10-09.

<sup>4</sup>Cfr. Ratzinger, J., *Iglesia y Modernidad*. Buenos Aires: Paulinas, 1992, p. 115.

servir à fé”.<sup>5</sup> Para esse serviço à fé contamos com a graça proporcional às circunstâncias que Deus nos deu: “Não devemos distanciar-nos de Deus, mas tornar Deus presente; fazer com que Ele seja grande em nossas vidas; [...] É importante que Deus seja grande entre nós, na vida pública e na vida privada. É importante que Deus esteja presente na vida pública, através por exemplo, da Cruz nos edifícios públicos”.<sup>6</sup> Chamou-me a atenção, desde que li esta afirmação, que o Santo Padre enfatizasse o testemunho público dos católicos; não estaremos complexados e covardes, omitindo deveres elementares com a desculpa de pluralismo e abertura?

Os inimigos que enfrentamos são muito poderosos. Irremediável é o sofrimento pela verdade, igualmente inevitável a perseguição dos *bons* e, ao mesmo tempo, impreterível a necessidade de testemunho pessoal e social, individual e coletivo, o que nos é exigido como cristãos.<sup>7</sup>

Por isso, hoje mais do que nunca devemos responder de forma consciente diante de Jesus Cristo, participando de sua oração e de sua Cruz, com a direção do magistério da Igreja: *Ubi Petrus, ibi Ecclesia, ibi Deus*. Procuremos ser bons discípulos de Nosso Senhor, sem dar rédeas à tentação da impaciência, de imediatamente buscar o

---

<sup>5</sup>Cfr. Bento XVI, *Homilia na inauguração do ano paulino*, 28-VI-2008.

<sup>6</sup>Cfr. Bento XVI, *Homilia na Solenidade da Assunção*, 15-08-2005.

<sup>7</sup>Recordemos que, às vésperas da Conferência do Cairo, João Paulo II convidou-nos a recorrer a São Miguel Arcanjo com a oração que “o Papa Leão XIII introduziu em toda a Igreja (...) para obter ajuda nesta batalha contra as forças das trevas” (João Paulo II, 17-04-1994 e 29-04-1994). Em 1982 referia-se ao mistério da iniquidade na Homilia em Cracóvia (18-08-02): “o homem vive como se Deus não existisse, e chega a pôr-se a si mesmo no lugar de Deus. Assim, arroga para si próprio o direito do Criador de interferir no mistério da vida humana. E, mediante manipulações genéticas, quer decidir a vida do homem e determinar o limite da morte. Rejeitando as leis divinas e os princípios morais, ele atenta abertamente contra a família. De várias maneiras, procura fazer calar a voz de Deus no coração dos homens e quer fazer de Deus o ‘grande ausente’ na cultura e na consciência dos povos. O ‘mistério da iniquidade’ continua a caracterizar a realidade do mundo”.



grande êxito, os grandes números, deixando a Ele quando e como nosso trabalho dê seu fruto.<sup>8</sup>

O esforço realizado para ordenar estas notas e apontamentos seria recompensado se, pela sua leitura, alguns rezassem mais, estudassem mais, pensassem mais e agissem para quebrar o espartilho do politicamente correto, dos lugares comuns e do encantamento mundano.

Estas páginas são inseparáveis do livro *El Desarrollo Sustentable*; em alguns momentos, voltamos aos mesmos assuntos, ampliamos outros, resenhamos novas circunstâncias. Por outro lado, é inevitável que o leitor necessariamente recorra ao site *Noticias Globales*, sobretudo se quiser conhecer detalhes e fontes de informação; é impossível apresentar mil informativos impressos com mais de uma década de informação.

Com a permissão expressa de Michel Shooyans, incluí como anexo ao final deste livro a tradução de sua intervenção na Academia Pontifícia de Ciências Sociais, em 2009, que se encontra na internet, com o afã de facilitar o discernimento cristão sobre problemas e instituições contemporâneos ao leitor.

Que meu agradecimento alcance os que insistiram vez ou outra para que este trabalho se realizasse e, muito especialmente, à *Coalición de Grupos a Favor de la Vida e la Familia* de Mexicali (Baixa Califórnia), causa imediata de minha disposição a organizar e transcrever ordenadamente anotações e roteiros.

Buenos Aires, 7 de novembro de 2009  
Festa de Maria, Mãe e Medianeira da Graça.

Juan C. Sanahuja

---

<sup>8</sup>Vid. Ratzinger, J., *A nova evangelização: construção da civilização do amor*, 12-12-00

# 1 O PROJETO DE PODER GLOBAL E A REENGENHARIA SOCIAL

---

NAS CHAMADAS GRANDES CONFERÊNCIAS internacionais dos anos 90,<sup>1</sup> organizadas pelas Nações Unidas, elaborou-se um *projeto de poder global*, um projeto de poder totalitário. Como tal, tenta dar uma resposta única e universal a todas as questões que possam ser propostas pelos seres humanos, em qualquer situação em que se encontrem e onde quer que estejam; para tanto, é necessário, como é lógico, colonizar a inteligência e o espírito de todos e de cada um dos habitantes do planeta.

Consideremos, ao mesmo tempo, que nenhuma ideologia pode pretender dar uma resposta única a cada uma das circunstâncias em que uma pessoa se encontra a não ser transformando-se numa espécie de *credo religioso*.

Dito de outro modo, é o aspecto religioso que dá sentido à vida das pessoas e resposta a todas as suas interrogações, e por isso o projeto de domínio global precisa

---

<sup>1</sup>Apenas para mencioná-las, as grandes conferências são: *Cúpula da Terra* (ECO 92), Rio de Janeiro, 1992; *Conferência de Direitos Humanos*, Viena, 1993; *Conferência de População e Desenvolvimento*, Cairo, 1994. *Conferência sobre a Mulher*, Beijing, 1995; *Conferência de Desenvolvimento Social*, Copenhague, 1995; *Conferência das Nações Unidas sobre Assentamentos Humanos/Habitat II*, Istambul, 1996; *Cúpula Mundial de Alimentação*, Roma, 1996; *Cúpula do Milênio*, Nova Iorque, 2000; *Conferência contra o Racismo, a Discriminação e a Xenofobia*, Durban, 2001; *Cúpula sobre Desenvolvimento Sustentável*, Johannesburgo, 2002. E suas revisões quinquenais, por exemplo, *Cairo+5*, *Cairo+10*, *Beijing+10* etc. Para estes remeto ao meu livro *El Desarrollo Sustentable. La Nueva Ética Internacional*. Ed. Vortice, Buenos Aires, 2003 e à minha página na Internet: [www.noticiasglobales.org](http://www.noticiasglobales.org)

ser feito com as mentes e consciências daqueles que pretende subjugar; essa é a explicação de por que falamos de *uma nova religião universal*.

Recordemos, a título de exemplo, que os grandes impérios da Antigüidade sempre buscaram a unidade religiosa; tinham-na como imprescindível para garantir sua dominação e, em tempos mais modernos, uma ideologia totalitária – absoluta e abarcante – como o marxismo tem todas as características de um *credo religioso*.

Antes de continuar, acho necessário fazer referência ao *Relatório Kissinger* (1974),<sup>2</sup> que surge em conseqüência do fracasso obtido na Conferência de População de Bucareste (1974) de tentar impor ao mundo os projetos de controle de natalidade dos Estados Unidos. Neste documento, além de estar relacionada uma série de medidas demográficas para diminuir a natalidade em diversos países (por exemplo, Brasil, México, Índia, Paquistão etc.), estão enunciadas três políticas às quais – em minha opinião – deve-se prestar maior atenção que aos objetivos concretos das políticas de população mundial.

Antes ainda da *Conferência de População* de Bucareste, mas sobretudo depois, a acusação mais grave que os países do Terceiro Mundo fizeram aos Estados Unidos foi a de “imperialismo demográfico” ou “imperialismo contraceptivo”. Para neutralizar estas acusações, o *Relatório Kissinger* estabelece três objetivos estratégicos:

- a) Ordena à diplomacia norte-americana *disfarçar as políticas de controle de natalidade sob a aparência de direitos*

---

<sup>2</sup>Cfr. *Implicações do Crescimento Populacional Mundial para a Segurança e os Interesses Ultramarinos dos Estados Unidos. Memorando de Estudo de Segurança Nacional ou Relatório Kissinger* tem a data de 24 de abril de 1974; é classificado como *Memorando de Segurança Nacional 200* em 10 de dezembro de 1974 e é adotado pelo *Conselho de Segurança Nacional dos Estados Unidos* em 26 de novembro de 1975, com o nome de *Memorando 314*. Vid. Sanahuja, J.C., *El Desarrollo Sustentable. La Nueva Ética Internacional*, cit. pp. 29-34.

*humanos*. Para evitar as acusações de imperialismo demográfico, as políticas de controle de natalidade devem ser apresentadas como *direitos do indivíduo ou do casal*. Encontramos aqui uma das raízes do novo paradigma dos direitos humanos.

- b) Estabelece como política global que os *padrões culturais dos povos, entre os quais se incluem as crenças religiosas, que tornam inviáveis as políticas de controle de natalidade, devem ser alterados*. Está aqui a origem dos novos *paradigmas éticos* ou tentativas de criar uma religião universal.
- c) Por outro lado, decide-se que os *encarregados de implantar essas políticas devem ser os próprios políticos nascidos nos países menos desenvolvidos, previamente reeducados nos países do Norte, nas Universidades dos Estados Unidos e da Grã-Bretanha, sob a aparente boa intenção de capacitá-los para que melhorem e assegurem a qualidade de vida dos povos*. Deste modo, a ingerência dos países centrais ficará dissimulada e seus interesses ultramarinos serão preservados, isto é, será assegurada uma grande provisão de recursos naturais; devem ser os próprios políticos *locais, portanto, a entregar a soberania jurídica e até territorial de suas nações*.

Com razão, anos depois, João Paulo II advertiria que “a corrida desenfreada à especulação e à exploração dos bens da terra por parte de uns poucos privilegiados provê as bases para outra forma de guerra fria entre o Norte e o Sul do planeta”.<sup>3</sup>

Esta forma de guerra fria tem como finalidade conseguir o domínio global pela imposição de um *pensamento único* – uma *colonização ideológica* que tem sua origem imediata no *Relatório Kissinger*, antecedente inspirador

---

<sup>3</sup>Cfr. João Paulo II, *Discurso aos cientistas no Centro Ettore Majorana*, 08-05-93.

das conferências internacionais dos anos 90 e dos projetos de “*reengenharia social*”<sup>4</sup> que, a partir delas, se põem em marcha na tentativa de construir uma nova sociedade com bases totalmente diferentes das que conhecemos, tratando de neutralizar e anular lenta e discretamente toda visão transcendente do homem para substituí-la por um novo sistema de valores. Por isso a chamo de *reengenharia social anticristã*.

---

<sup>4</sup>O termo reengenharia social é usado nos documentos das *Conferências Internacionais* dos anos 90. Também faz parte da linguagem dos funcionários das Nações Unidas e representantes das ONGs comprometidas com os planos da ONU. Vid. Noticias Globales (NG) n° 231, ONU: *Embarazo adolescente. ¿Un problema provocado?*, 16-09-99; [www.noticiasglobales.org](http://www.noticiasglobales.org), cit. em Sanahuja, J. C., *El Desarrollo Sustentable. La Nueva Ética Internacional*, cit. pp. 25-26. Vid. também Sanahuja, J. C., *La ideología de género y el proceso de reingeniería social anticristiana en Mujer y Varón. ¿Misterio o autoconstrucción?*, Ed. CEU, Universidad Francisco de Vitoria y UCAM, Madri 2008.

## 2 OS NOVOS PARADIGMAS ÉTICOS

---

ESTA SUBVERSÃO SILENCIOSA para concretizar o projeto de poder global se realiza impondo alguns novos paradigmas éticos. Vejamos quais são eles:

### *1. O paradigma do utilitarismo sentimental da maioria*

Em julho de 1984, o governo do Reino Unido publicou o Relatório intitulado *Report of the Committee of Inquiry into Human Fertilization and Embriology* [Relatório do Comitê de Investigação em Fertilização Humana e Embriologia]<sup>1</sup>, redigido sob a direção da professora Mary Warnock. O Warnock Report, como é conhecido, ainda que admita em alguns pontos que o utilitarismo estrito não é válido como critério ético ou jurídico de decisão – neste caso, a respeito das técnicas de fecundação artificial –, erigiu o *sentimento da maioria das pessoas* como base de toda decisão moral e legal; isto é, fixou o *utilitarismo sentimental da maioria* como critério prático universal.

Deste modo, o culto irracional dos desejos descartou as razões morais objetivas, rejeitando a existência de uma natureza comum a todos os seres humanos. O uso da razão foi substituído pela intensidade dos sentimentos e desejos. Mesmo as recentes afirmações de algumas pessoas acerca da eventual validade da clonagem humana

usando células estaminais embrionárias, com fins terapêuticos, são emblemáticas desta orientação ideológica, que se apresenta mais de uma vez como *responsabilidade de governo* a serviço do bem social.<sup>1</sup>

## II. O novo paradigma de saúde

Foi adotado pela *Organização Mundial da Saúde* em 1992 e imposto aos países membros da ONU. É a aplicação do princípio custo-benefício à saúde. Hiroshi Nakajima, então diretor geral da OMS, dizia: “As diferenças biológicas e genéticas das pessoas podem limitar seu potencial de saúde, e a saúde é um pré-requisito para o pleno gozo dos demais direitos humanos. A OMS sofre pressões para ser seletiva [...] Por exemplo, a sobrevivência infantil; pouco sentido teria para uma criança sobreviver à poliomielite por apenas um ano para morrer de malária no ano seguinte ou não ter um crescimento que lhe permita chegar a ser um adulto *saudável e produtivo*”.

Os *adultos saudáveis e produtivos* são os únicos que terão lugar na nova sociedade, a sociedade da Nova Ordem Mundial. O esforço dos sistemas nacionais de saúde terá que ser direcionado apenas para produzir *adultos saudáveis e produtivos* e serão estes os únicos a ter direito a uma atenção médica de qualidade. Os doentes crônicos, os doentes terminais, os idosos e todos os que não sejam ou não possam chegar a ser *produtivos* estarão fora do sistema.

O novo paradigma de saúde exclui milhões de pes-

---

<sup>1</sup>Nota do tradutor: optou-se por colocar entre colchetes [ ] a tradução para o português dos nomes de instituições, documentos e grupos que constam do original em inglês, quando necessária para maior compreensão dos leitores brasileiros.

Vid. Herranz, J., *A humanidade na encruzilhada. Direito e Biologia*. L'Osservatore Romano, 17-08-98; vid. Pontifícia Academia pela Vida, Declaração sobre a produção e o uso científico e terapêutico das células estaminais embrionárias humanas, em L'Osservatore Romano, 25-08-00, p. 6.

soas do direito à vida e à saúde e é incompatível com uma visão cristã da existência. O próprio Nakajima declarou: “a ética judaico-cristã não poderá ser aplicada no futuro”. Daí que a OMS insista, uma e outra vez, na necessidade de que nasçam *crianças saudáveis para o desenvolvimento sustentável do planeta*. Na categoria de *criança saudável* inclui-se apenas aquele cujo nascimento foi *desejado*, planejado, previsto. A radicalidade inumana, despótica e discriminatória dessa abordagem é evidente.<sup>2</sup>

Um exemplo da aplicação do novo paradigma de saúde é o projeto de reforma do sistema de saúde dos Estados Unidos proposto ao Congresso pelo Presidente Barack Obama, o qual inclui: a) *o aborto sem restrições* financiado com fundos públicos; b) *a eutanásia disfarçada*, por meio da limitação de consultas médicas, medicamentos e cuidados necessários para doentes crônicos, desde crianças com síndrome de Down até doentes de câncer, assim como para os idosos e veteranos de guerra; c) *a negação do direito à objeção de consciência* aos profissionais de saúde que não queiram envolver-se nessas práticas; d) *um controle quase exclusivo por parte do*

---

<sup>2</sup>Nakajima, H., 89ª reunião do Conselho Executivo, Genebra, 20-01-92; Vid. além disso a 45ª Assembléia Mundial da Saúde, Genebra, 05-05-92, OMS 1992. Sanahuja, J. C., *El Desarrollo Sustentable. La Nueva Ética Internacional*, cit., pp. 45-57; Vid. UN Wire 11-05-99, 12-05-99, 17-05-99, 18-05-99, 19-05-99, 20-05-99, 21-05-99; WHO, *Message from the Director-General*, 11-05-99; WHO, *World Health Report 1999*, Geneve; WHO, *Press Release World Health Report 1999*, 11-05-99; WHO, 52ª Assembleia Mundial da Saúde, Escritório de Diretor Geral, Ponto 3 da Ordem do dia, Genebra 18-05-99; WHO, *Press Release* 18-05-99; WHA (assembly), *Press Release*, 20-05-99; WHR (report), *Press Release*, 11-05-99; OMS, *Aborto sem riscos, Guia técnico e de políticas para Sistemas de Saúde*, Genebra, 2003; Nações Unidas, Assembleia Geral, Nota do Secretario Geral, *O direito de toda pessoa ao gozo do mais alto nível possível de saúde física y mental*, A/60/348, 12-09-05; Nações Unidas, Conselho Econômico e Social (ECOSOC), *Comissão sobre o Desenvolvimento Sustentável*, 14º período de sessões, *Sinopses dos progressos para o desenvolvimento sustentável: exame da execução do Programa 21, do Plano para sua ulterior execução e do Plano de Aplicação das Decisões de Johannesburgo*, Relatório do Secretário Geral, E/CN.17/2006/2, 15-02-06.



governo quanto às apólices de seguro de saúde, criando um Comitê de Saúde que pode tomar decisões sobre os pacientes e que atribui ao governo federal o poder de vigiar contas bancárias pessoais para averiguar os gastos em saúde de cada cidadão.<sup>3</sup>

Não podemos deixar de fazer referência à própria definição de saúde da OMS, que, com anterioridade ao novo paradigma de saúde, e à luz da hermenêutica da cultura da morte, é, em si mesma, ambígua e perigosa. A OMS diz que a saúde é um estado de bem-estar biopsicossocial e não apenas ausência de doença, o que por si só já justificaria múltiplos atentados contra a lei natural (aborto, eutanásia, esterilização, manipulação genética etc.). Para se alcançar esse bem-estar biopsicossocial qualquer capricho poderia ser reconhecido como parte do direito à saúde. Sem ir mais longe, a inclusão da saúde psíquica da mãe entre as causas de aborto terapêutico, o que os Comitês do sistema de Direitos Humanos da ONU estão impondo, baseia-se nesta definição de saúde da OMS.

### III. O paradigma da reinterpretação dos direitos humanos<sup>4</sup>

As Nações Unidas, suas agências, comitês de monitoramento dos tratados de direitos humanos e os comitês de especialistas impuseram a idéia – que está a serviço da reengenharia social da Nova Ordem Mundial – de que os direitos humanos são evolutivos; isto é, a partir de uma hermenêutica ideologizada pode-se dar origem a uma infinidade de pseudodireitos a serviço das políticas do projeto de domínio mundial. Citemos três exemplos:

a) O Comitê de monitoramento da *Convenção Internacional para a Eliminação de todas as Formas de*

<sup>3</sup>Cfr. Noticias Globales (NG) n° 993, USA: *El terreno común es una trampa abortista*, 27-08-09 em [www.noticiasglobales.org](http://www.noticiasglobales.org)

<sup>4</sup>Este assunto está amplamente desenvolvido em meu livro *El Desarrollo Sustentable. La Nueva Ética Internacional*, ci. pp.157-212.

*Discriminação Contra a Mulher* (CEDAW, 1979), em sua Recomendação Geral número 25 (2004),<sup>5</sup> define essa *Convenção*, e por extensão todas as convenções de direitos humanos, como um *instrumento dinâmico sujeito a acréscimos progressivos*. Por exemplo, a *Convenção* pede em três de seus artigos que os programas de *planejamento familiar* tenham subsídios (artigos 10, 12 e 14). Posteriormente, o Comitê *interpretou* que essa expressão inclui a *contracepção*, a *esterilização* e o *aborto*. Portanto, o que se entendia por *planejamento familiar* em 1979 mudou de significado. Ao mesmo tempo, nas *Recomendações Gerais* do Comitê, quando se fala de *direitos da mulher*, implicitamente se incluem os chamados *direitos sexuais e reprodutivos*, a *saúde reprodutiva*, a *liberdade* ou a *autonomia reprodutiva*.

Para maior confusão, o termo *saúde sexual* relaciona-se com a *homossexualidade* sob os eufemismos de *livre orientação sexual*, *orientação sexual e gênero*, *identidade de gênero adotada ou autopercebida*, exigindo que sejam reconhecidos seus direitos sociais e jurídicos. Nada disso era previsível em dezembro de 1979, quando a *Assembleia Geral das Nações Unidas* aprovou o texto da *Convenção Internacional contra toda forma de Discriminação da Mulher*.

b) O Comitê de monitoramento do *Tratado Internacional contra a Tortura* interpreta as leis ou as atitudes familiares que impeçam o aborto como tortura psicológica contra a mulher: “as mulheres estão em risco de tortura ou maus tratos, que incluem a *privação da liberdade*, a

---

<sup>5</sup>Recomendações, Observações e Comentários gerais dos tratados de direitos humanos são a interpretação autêntica que os Comitês de monitoramento ou vigilância dos tratados internacionais do sistema de direitos humanos da ONU fazem. Estas reinterpretações são as que os Comitês exigem que os estados adotem em sua legislação interna. Cfr. Recomendação nº 25 da Convenção (CEDAW/C/2004/I WP.1/ Ver.1, 30-01-04), *Desaparecimento de práticas culturais e estereótipos*. Vid. Notícias Globales (NG) nº 623, ONU-CEDAW: *Otro ataque a las religiones*, 14-02-04 em [www.noticiasglobales.org](http://www.noticiasglobales.org) .

*privação de tratamentos médicos, especialmente daquelas que envolvem suas decisões reprodutivas e a violência exercida privadamente em sua comunidade e em seus lares*”.<sup>6</sup> Nada mais longe da letra e do espírito do tratado que essa interpretação.

O Comitê *contra a Tortura* aplicou esta interpretação em maio de 2009, julgando que a proibição do aborto terapêutico na Nicarágua violava o tratado. E declarou, em seu relatório sobre a nação centro-americana, que a proibição do aborto para as vítimas de agressões sexuais significa “uma constante exposição às violações cometidas contra elas” e supõe “um grave estresse traumático com o risco de padecimento de prolongados problemas psicológicos, tais como ansiedade e depressão”.<sup>7</sup>

Assim se entende como, na linguagem imposta pelas Nações Unidas, as palavras *violência contra a mulher* são um novo eufemismo para justificar a despenalização ou liberalização do aborto.<sup>8</sup> Para se ter um quadro com-

<sup>6</sup>Cfr. Committee Against Torture, Thirty-ninth session, 5-23 November 2007. *General Comment* No. 2, CAT/C/GC/2/CRP.1/Rev.4; Vid. Noticias Globales (NG) n° 874, ONU: *Perversión de los derechos humanos*, 19-12-07; 749, ONU-Colombia: *La perversión de los derechos humanos*, 29-11-05 em [www.noticiasglobales.org](http://www.noticiasglobales.org) Todos os boletins referentes à perversão dos direitos humanos podem ser vistos nessa página da web.

<sup>7</sup>“O Comitê insta o Estado-Parte a rever sua legislação sobre o aborto, como recomendado pelo Conselho de Direitos Humanos, Comitê sobre a Eliminação de Discriminação contra a Mulher e Comitê de Direitos Econômicos, Sociais e Culturais”, diz o relatório, e indica concretamente à Nicarágua estudar “a possibilidade de prever exceções à proibição geral do aborto para os casos de aborto terapêutico e de gravidezes resultantes de estupro ou de incesto (...) a fim de cumprir, desse modo, as diretivas da Organização Mundial da Saúde”. Cfr. Comitê contra a Tortura, 42° período de sessões; Genebra, 27 de abril a 15 de maio de 2009, CAT/C/NIC/CO/1, 14 de maio de 2009.

<sup>8</sup>Cfr. Noticias Globales (NG) n° 803 e 804, ONU *Violência contra a mulher* (I y II), 05-11-06 e 12-11-06 em [www.noticiasglobales.org](http://www.noticiasglobales.org). Vid. ONU, Assembleia Geral, A/61/122/Add.1, 06-07-2006, 61° período de sessões, Tema 60 a), *Promoção da Mulher. Estudo sobre todas as formas de violência contra a mulher*, Informe do Secretário Geral; ONU, Assembleia Geral A/61/122, 25-07-06; ONU, Assembleia Geral, A/C.3/61/L.10, Distr. Limitada, 11-10-06; França e Holanda: *Projeto de resolução, intensificação dos esforços para*

pleto de até onde chegou a vontade de *penalizar* qualquer limitação à chamada liberdade reprodutiva,<sup>9</sup> acrescentemos que o sistema de direitos humanos da ONU entende por *ingerência de terceiros* não apenas as leis que penalizam o aborto mas também qualquer oposição que venha do âmbito religioso ou familiar, incluída a *vontade do cônjuge*, se esta é contrária ao aborto, ou, tratando-se de uma menor de idade, a vontade dos pais, tida como *injusta ingerência*.

c) Em julho de 2009, o Comitê de Monitoramento do *Pacto Internacional de Direitos Econômicos, Sociais e Culturais* publicou a Observação Geral nº 20.<sup>10</sup> Tendo por base que “o crescimento econômico por si mesmo não levou a um desenvolvimento sustentável, e que existem pessoas e grupos de pessoas que continuam enfrentando desigualdades socioeconômicas, freqüentemente como consequência de arraigados padrões históricos e de formas contemporâneas de discriminação”, inclui entre estas a discriminação por orientação sexual e identidade de gênero: “Em ‘qualquer outra condição social’, tal como se recolhe no artigo 2.2 do Pacto, é incluída a orientação sexual. Os Estados-Partes devem garantir que as preferências sexuais de uma pessoa não constituam um obstáculo para o gozo dos direitos que o Pacto reconhece, como, por exemplo, os efeitos de aceder à pensão de

---

*eliminar todas as formas de violência contra a mulher*, Press Release, GA/SHC/3851, 3th Committee, 10-10-06.

<sup>9</sup>Cfr. CEDAW, *A mulher e a Saúde*. CEDAW Recomendação Geral nº 24, 20 período de sessões, 1999, 19-01 a 05-02 de 1999, 02-02-99 e Comitê de Direitos Econômicos, Sociais e Culturais, Observação Geral nº 14 ao art. 12 do Pacto 22º período de sessões, Genebra, 25-04 a 12-05 de 2000, E/C.12/2000/4, 11-08-00. Redigida com a colaboração do Banco Mundial, OIT, UNUSIDA, UNESCO, UNICEF, Organização Panamericana da Saúde. Vid. Sanahuja, J. C., *El Desarrollo Sustentable. La Nueva Ética Internacional*, cit. pp. 157-212.

<sup>10</sup>Cfr. ECOSOC, Comitê de Direitos Econômicos, Sociais e Culturais, E/C.12/GC/20, 2 de julho de 2009, *A não discriminação e os direitos econômicos, sociais e culturais*, (artigo 2, parágrafo 2 do Pacto Internacional de Direitos Econômicos, Sociais e Culturais).

viuvez. A identidade de gênero também é proibida como motivo de discriminação. Por exemplo, os transgêneros, os transexuais ou os intersexo são vítimas frequentes de graves violações dos direitos humanos, como o assédio nas escolas ou no ambiente de trabalho”.<sup>11</sup>

Insistimos que não se trata aqui de evitar a discriminação injusta, mas de forçar a aceitação social e jurídica da homossexualidade dando ensejo a inumeráveis abusos e a uma verdadeira subversão da ordem social natural. Como se isso fosse pouco, a Observação Geral remete, para as definições de *orientação sexual e identidade de gênero*, aos ilegítimos *Princípios de Yogyakarta*, dos quais falaremos mais adiante.<sup>12</sup>

Estes exemplos bastam para ilustrar a importância de conhecer a linguagem usada pelos organismos da ONU que, por outro lado, está em permanente evolução. Creio não ser vão o trabalho de estudar detidamente cada uma das observações e recomendações dos Comitês do sistema de Direitos Humanos das Nações Unidas, sobretudo na hora de julgar os textos e analisar os termos dos projetos de lei que são propostos nos parlamentos nacionais.<sup>13</sup>

Estamos em meio a uma batalha da qual uma das frentes mais importantes é a *semântica*. Por exemplo, temos visto que o termo *paternidade responsável*, na boca de um político, segundo os códigos universalizados pelas Nações Unidas, não terá o mesmo significado contido nos

---

<sup>11</sup>Ibid. n° 32. O texto remete a Observações Gerais n. 14 e 15 do *Comitê de Direitos Econômicos, Sociais e Culturais*, acrescentando, por assim dizer, mais reinterpretções jurisprudenciais a favor da subversão da ordem natural.

<sup>12</sup>Ibid. nota de rodapé n. 25 do texto da Observação: “Vejam-se as definições nos Princípios de Yogyakarta sobre a aplicação da legislação internaional de direitos humanos em relação à orientação sexual e à identidade de gênero”.

<sup>13</sup>Podem ser úteis, Nações Unidas HRI, *Instrumentos Internacionais de Direitos Humanos*, recompilação das observações gerais e recomendações gerais adaptadas por órgãos criados em virtude de tratados de direitos humanos, HRI/GEN/1/Rev.9 (Vol. I), 27-05-08.

documentos da Igreja. No linguajar de alguns parlamentares poderia significar, segundo as circunstâncias, desde a distribuição maciça de contraceptivos até mesmo a intenção oculta de promover o aborto. O mesmo se poderia dizer da expressão *violência contra a mulher* ou mesmo do termo *tortura*, palavras que o comum das pessoas nem imagina que possam esconder uma referência ao suposto *direito ao aborto* e outras aberrações.

Mudar o significado e o conteúdo das palavras é uma artimanha para que a reengenharia social seja aceita por todos sem protestos. Devemos nos perguntar, frente à linguagem usada nos parlamentos, nas campanhas políticas e nos meios de comunicação: O que querem dizer? O que engloba cada um dos termos? O que significam realmente as palavras? Esse foi o motivo pelo qual o Pontifício Conselho para a Família editou o *Lexicon de termos ambíguos e discutidos sobre família, vida e questões éticas*, ao qual, a cada edição, outras entradas são acrescentadas, já que o significado da linguagem internacional muda continuamente.<sup>14</sup>

### a) A negação da transcendência

A origem da perversão dos direitos humanos deve ser encontrada na negação da existência de Deus criador, Pai comum de todos os homens. Como ensina o Concílio Vaticano II, a pessoa humana é a “única criatura

---

<sup>14</sup>Aproveito a ocasião para homenagear a memória do Cardeal Alfonso López Trujillo, que foi o criador do Lexicon. “Como deixar de pôr em evidência, neste instante, o zelo e a paixão com que ele trabalhou durante estes quase 18 anos, realizando uma ação incansável para a tutela e a promoção da família e do matrimônio cristão? Como deixar de lhe agradecer a coragem com que defendeu os valores inegociáveis da vida humana? Todos nós admiramos a sua atividade incansável. Fruto deste seu compromisso é o Lexicon, que constitui um precioso texto de formação para agentes pastorais e um instrumento para dialogar com o mundo contemporâneo sobre temas fundamentais de ética cristã”. Bento XVI, Homilia no funeral do Cardeal Alfonso López Trujillo, 23-04-08.

que Deus amou por si mesma” (Constituição *Gaudium et Spes*, n. 24). Negando a criação do ser humano por Deus – a criação à sua imagem e semelhança –, nega-se a origem da dignidade humana. Justamente essa paternidade divina é a razão última na qual se baseiam os direitos humanos. Isto é, temos, como seres humanos, direitos e obrigações – a lei divina, a ordem natural imutável – que se baseiam na dignidade de sermos filhos de Deus e não nas declarações da ONU.

Mais ainda, a igualdade de todos os seres humanos tem sua razão de ser no fato de que fomos criados iguais por Deus. Negando a Deus, nega-se a Paternidade Divina e, ao negá-la, não existe razão para dizer que todos nós, seres humanos, somos irmãos e, portanto, desaparece o conceito de igualdade de todos os seres humanos entre si. A fraternidade supõe a filiação. A fraternidade entre os homens – igualdade essencial –supõe a Paternidade comum de Deus.

A Paternidade Divina não é apenas uma verdade própria dos crentes. Recordemos que o que é invisível em Deus se manifesta à inteligência através de suas obras (Rom. 1, 20-27). “Todo homem sinceramente aberto à verdade e ao bem pode, pela luz da razão e com o secreto influxo da graça, chegar a reconhecer, na lei natural inscrita no coração (cf. Rom. 2, 14-15), o valor sagrado da vida humana desde o seu início até seu término, e afirmar o direito que todo o ser humano tem de ver plenamente respeitado este seu bem primário. Sobre o reconhecimento de tal direito é que se funda a convivência humana e a própria comunidade política”, ensina João Paulo II.<sup>15</sup>

Além disso, não esqueçamos que a filosofia pré-cristã chegou, apenas com a luz da razão, a certezas sobre a existência de Deus, a criação, a natureza humana, as quais serviram de apoio à teologia católica. Por isso,

<sup>15</sup>Cfr. João Paulo II, Enc. *Evangelium vitae*, n. 2, 25 de março de 1995.

as pessoas de boa vontade, ainda que com dificuldade, podem alcançar estas verdades naturais, como também nos ensinou João Paulo II: “Para a eficácia do testemunho cristão, especialmente nestes âmbitos delicados e controversos, é importante fazer um grande esforço para explicar adequadamente os motivos da posição da Igreja, sublinhando, sobretudo, que não se trata de impor aos não crentes uma perspectiva de fé, mas de interpretar e defender valores radicados na própria natureza do ser humano”.<sup>16</sup>

### **b) A ordem da criação**

Bento XVI, ao dirigir-se à Cúria Romana, em dezembro de 2008, fez uma admirável catequese sobre a ordem da criação, em uma intervenção que provocou uma intolerável reação da Holanda, país cujos governos sistematicamente apóiam a reengenharia social anticristã em todas as suas manifestações.

O Santo Padre recordava que o cuidado da criação começa pelo cuidado da natureza humana:

“Dado que a fé no Criador é uma parte essencial do *Credo* cristão, a Igreja não pode e não deve limitar-se a transmitir aos seus fiéis apenas a mensagem da salvação. Ela tem uma responsabilidade pela criação e deve fazer valer esta responsabilidade também em público. E, fazendo isto, deve defender não só a terra, a água e o ar como dons da criação que pertencem a todos. Deve proteger também o homem contra a destruição de si mesmo. É necessário que haja algo como uma ecologia do homem, entendida no sentido justo. Quando a Igreja fala da natureza do ser humano como homem e mulher e pede que se respeite esta ordem da criação, não está expondo uma metafísica superada. Trata-se aqui, de fato, da fé no Criador e da escuta da linguagem da criação,

<sup>16</sup>Cfr. Juan Pablo II, Carta Apostólica *Novo Millenio ineunte*, n. 51, 6 de janeiro de 2001.



cujo desprezo seria uma autodestruição do homem e, portanto, uma destruição da própria obra de Deus.

O que com frequência é expresso e entendido com a palavra ‘*gender*’ [gênero] resulta, em definitivo, na auto-emancipação do homem da criação e do Criador. O homem pretende fazer-se sozinho e dispor sempre e exclusivamente sozinho o que lhe diz respeito. Porém, desta forma, vive contra a verdade, vive contra o Espírito criador. As florestas tropicais merecem, sim, a nossa proteção, mas não a merece menos o homem como criatura, na qual está inscrita uma mensagem que não significa contradição da nossa liberdade, mas a sua condição. Grandes teólogos da Escolástica qualificaram o matrimônio, ou seja, o vínculo para toda a vida entre homem e mulher, como sacramento da criação que o próprio Criador instituiu e que Cristo – sem modificar a mensagem da criação – depois acolheu na história da salvação como sacramento da nova aliança. Pertence ao anúncio que a Igreja deve levar o testemunho a favor do Espírito criador presente na natureza em seu conjunto e, de modo especial, na natureza do homem, criado à imagem de Deus. A partir desta perspectiva deve ser lida a Encíclica *Humanae vitae*: a intenção do Papa Paulo VI era defender o amor contra a sexualidade como consumo; o futuro, contra a pretensão exclusiva do presente; e a natureza do homem, contra a sua manipulação”.<sup>17</sup>

#### IV. O novo paradigma de família

Este novo paradigma está estreitamente relacionado com o anterior. A *perspectiva de gênero* é um conceito-chave da *reengenharia social anti-cristã* para subverter o conceito de família.

A ONU adota a *perspectiva de gênero* no começo dos anos 90.<sup>18</sup> Assim nos apresenta e quer impor-nos uma vi-

<sup>17</sup>Cfr. Bento XVI, *Discurso aos membros da Cúria Romana*, 22-12-08. Vid. Noticias Globales (NG) n° 954, *Holanda: La inquisición gay* (XVII). *Presionan al Papa*, 10-01-09 enm [www.noticiasglobales.org](http://www.noticiasglobales.org)

<sup>18</sup>Vid. Sanahuja, J. C., *La ideología de género y el proceso de reingeniería social anticristiana en Mujer y Varón. ¿Misterio o autoconstrucción?*, cit.

são *anti-natural de sexualidade autoconstruída a serviço do prazer*.<sup>19</sup>

O Cardeal Ratzinger afirma:

O caráter típico desta nova antropologia, concebida como fundamento da Nova Ordem Mundial, manifesta-se, sobretudo, na imagem da mulher na ideologia do “*Women’s empowerment*” [empoderamento da Mulher] proposta por Pequim. O objetivo em vista é a autorealização da mulher, que encontra os seus principais obstáculos na família e na maternidade. Assim, a mulher deve ser libertada, sobretudo do que a caracteriza e lhe dá nada mais que a sua especificidade: esta é chamada a desaparecer diante de uma “*Gender equity and equality*” [equidade e igualdade de gênero], diante de um ser humano indistinto e uniforme, em cuja vida a sexualidade não tem outro sentido senão o de uma droga voluptuosa, a qual se pode usar sem critério algum.<sup>20</sup>

Este é um ponto chave da nova sociedade que pretende impor a Nova Ordem Mundial. Nele se baseia o reconhecimento social e jurídico da homossexualidade, o *pseudodireito ao casamento* entre pessoas do mesmo sexo e a adoção de crianças por parte desses *casais*.<sup>21</sup> Tudo isso

<sup>19</sup>Cfr. Donadio de Gandolfi, M.C., *Derechos humanos “sensitivos al género”*, e Schooyans, M., *La influencia de las políticas demográficas en la vida familiar*, no Pontificio Conselho para a Família, *La Familia ante los Desafios del Tercer Milenio a la luz de la Evangelium vitae*, Senado de la Nación, Buenos Aires, 1997, pp. 191-206 e pp. 85-97, respectivamente.

<sup>20</sup>Cfr. Ratzinger, J., Prefácio ao livro de Schooyans, M., *O Evangelho perante a Desordem Mundial*, Ed. Fayard, Paris, 1997. Cfr. Noticias Globales (NG) n° 349, 19-09-2000, em [www.noticiasglobales.org](http://www.noticiasglobales.org)

<sup>21</sup>Cfr. Noticias Globales (NG) n° 712, *La inquisición gay* (I), 07-05-05; 713, *La inquisición gay* (II), 09-05-05; 720, *La inquisición gay* (III), 26-06-05; 724, *La inquisición gay* (IV), 21-07-05; 725, *La inquisición gay* (V), 22-07-05; 742, *La inquisición gay* (VI), 18-10-05; 743, *La inquisición gay* (VII), 27-10-05; 755, *La inquisición gay* (VIII), 09-01-06; 762, *La inquisición gay* (IX), 24-02-06; 779, *OEA: privilegiar el homosexualismo*, 12-06-06; 785, *OEA: privilegiar el homosexualismo* (II), 24-07-06; 800, *La arremetida gay* (VII), 23-10-06; 805, *OEA: privilegiar el homosexualismo* (III), 19-11-06; 806, *Israel: uniones homosexuales el peor holocausto*, 25-11-06; 817, *Reino*

se traduz nos documentos internacionais com os vocábulos *formas de família* ou simplesmente *famílias* (no plural): para quem usa esta terminologia, a família deixou de ter como raiz a união de um homem com uma mulher.

Lembremos que, a propósito da *perspectiva de gênero*, o Documento de Aparecida diz: “Entre os pressupostos que enfraquecem e menosprezam a vida familiar encontramos a ideologia de gênero, segundo a qual cada um pode escolher sua orientação sexual sem levar em consideração as diferenças dadas pela natureza humana. Isto tem provocado modificações legais que ferem gravemente a dignidade do matrimônio, o respeito ao direito à vida e a identidade da família”.<sup>22</sup>

A respeito desse assunto, quero chamar a atenção apenas para três perigos muito próximos.

#### a) A Convenção Interamericana contra o Racismo e Toda Forma de Discriminação e Intolerância

O primeiro, que está sendo gestado no âmbito da Organização dos Estados Americanos (OEA), é o projeto da *Convenção Interamericana contra o Racismo e Toda For-*

---

*Unido y Canadá: persecución declarada*, 30-01-07; 822, *Brasil: la ley mordaza pro gay*, 17-03-07; 827, *Italia: sacrilegas amenazas de grupos gay*, 13-04-07; 841, *La inquisición gay (X)*, 28-06-07; 847, *Reino Unido: la inquisición gay (XI)*, 28-07-07; 853, *Reino Unido-USA: la inquisición gay (XII)*, 25-08-07; 872, *Holanda: la persecución gay*, 11-12-07; 877, *Mercosur: la inquisición gay (XIV)*, 02-01-08; 880, *España: la inquisición gay (XV)*, 30-01-08; 902, *Irlanda del Norte: la inquisición gay (XVI)*, 23-06-08; 932, *ONU: Metas del Milenio. Reingeniería anticristiana*, 21-10-08; 954, *Holanda: la inquisición gay (XVII)*. *Presionan al Papa* 10-01-09; 966, *España: la inquisición gay (XVIII)*, 06-04-09 em [www.noticiasglobales.org](http://www.noticiasglobales.org)

<sup>22</sup>Cfr. *Documento Conclusivo da V Conferência Geral de Episcopado Latinoamericano*, n. 40, 31-05-07. Cfr. *Congregação para a Doutrina da Fé, Carta aos Bispos da Igreja Católica sobre a colaboração do homem e da mulher na Igreja e no mundo*, n. 2, 31 de maio de 2004, que cita o Pontifício Conselho para a Família, *Família, matrimônio e “uniões de fato”*, n. 8, 21 de novembro de 2000. Vid. *Noticias Globales (NG) n° 932, ONU: Metas del Milenio. Reingeniería Anticristiana. Incluyen aborto y ideología de género. La ronda de los millones. Michelle Bachelet. Bibiana Aído. Bill Gates. Bill Clinton. Tony Blair*, 21-10-08 em [www.noticiasglobales.org](http://www.noticiasglobales.org)

ma de Discriminação e Intolerância,<sup>23</sup> que nos obrigaria a modificar nossas legislações para fazer valer as pretensões do *lobby gay* e implantar uma tirania homossexual.

A Convenção autoriza uma ampla censura à imprensa, que inclui a Internet e as mensagens de correio eletrônico, para todos aqueles que transmitam conteúdos considerados discriminatórios. Qualquer material escrito ou intervenção oral oposta ou que manifeste discordância com o *estilo de vida homossexual* seria censurado e seus autores perseguidos; isto incluiria os documentos da Santa Sé, o Catecismo da Igreja Católica, os documentos episcopais, homilias etc. Além disso, pelo que é chamada de *discriminação inversa*, poder-se-ia privilegiar a condição homossexual e até exigir uma *cota gay* em empresas, no corpo docente de colégios públicos ou privados etc. “Não constituem discriminação as medidas ou políticas de diferenciação ou preferência adotadas pelo Estado-Parte com o único objetivo de promover a integração social e o adequado progresso e desenvolvimento de pessoas e grupos que requeiram a necessária proteção, a fim de garantir-lhes, em condições de igualdade, o gozo ou o exercício dos direitos humanos e das liberdades fundamentais [...] Em circunstâncias específicas, tais medidas ou políticas são não apenas permissíveis, mas indispensáveis e obrigatórias para garantir o direito à igualdade perante a Lei e a proteção contra a discriminação”, diz o artigo 1º do projeto da Convenção.

---

<sup>23</sup>Cfr. Anteprojeto da Convenção Interamericana contra o Racismo e toda forma de Discriminação e Intolerância, OEA/Ser.G. CP/CAJP-2357/06, 18 de abril de 2006; Vid. Apresentação sobre as Recomendações da Sociedade Civil ao Projeto de Declaração, *Quinta Cúpula das Américas*, OEA/Ser.E GRIC/O.3/doc.4/09, 23-27 de fevereiro de 2009; Vid. Noticias Globales (NG) nº 769, Santiago+5: *La arremetida gay* (IV), 14-04-06; 779, OEA: *Privilegiar el homosexualismo*, 12-06-06; 785, OEA: *Privilegiar el homosexualismo* (II), 24-07-06; 805, OEA: *Privilegiar el homosexualismo* (III), 19-11-06; 839, OEA: *Privilegia el homosexualismo* (IV), 17-06-07; 840, OEA: *privilegia el homosexualismo* (V), 20-06-07 em [www.noticiasglobales.org](http://www.noticiasglobales.org)

A Convenção supõe uma gravíssima subversão do direito ao inverter o *ônus da prova* de modo que corre por conta do denunciado de discriminação demonstrar que seus atos ou omissões não são discriminatórios. Além disso, o projeto acomoda os chamados crimes de ódio, que chegam até a pretender processar o *animus discriminatorio*, isto é, a suposta *intenção discriminatória* de que o denunciante, considerando-se vítima de discriminação, possa suspeitar. E, o que é ainda mais arbitrário, qualquer pessoa poderia denunciar alguém simplesmente por *suspeitar* que ela tenha ânimo discriminatório para com terceiros que nada tem a ver com quem denuncia.

Segundo declarações do *lobby* homossexual, a ausência, na Organização dos Estados Americanos (OEA), de representantes da Santa Sé e dos países islâmicos converte esse foro no recinto ideal para impor o homossexualismo com a força do direito internacional.

Cabe ressaltar que a OEA assinou um acordo de cooperação educativa, em 17 de maio de 2008, com a Confederação Maçônica Interamericana. Este convênio educativo com a Confederação Maçônica traz as assinaturas do socialista chileno – que foi funcionário do governo marxista do presidente Salvador Allende – José Miguel Insulza, Secretario Geral da OEA, e de Rafael Eduardo Argón Guevara, secretário executivo da Confederação Maçônica Interamericana (CMI).

### ***b) Os Princípios de Yogyakarta***

Outra ameaça são os chamados Princípios de Yogyakarta, elaborados por um conciliábulo de ativistas pró-homossexuais, muitos deles funcionários e ex-funcionários da ONU. Não só são a expressão da subversão da ordem natural, como, sob o ponto de vista do direito positivo, não contam com o aval da comunidade internacional; entretanto, foram sendo impostos de tal modo

pelos grupos de especialistas, pelas organizações pró-homossexuais e organismos da ONU que já são citados como fonte em documentos dos comitês do sistema de direitos humanos da ONU. Cabe assinalar que os governos do Brasil (Luiz Inácio “Lula” da Silva) e da Argentina (Néstor Kirchner e Cristina Fernández Kirchner) são cúmplices nesta imposição.

Os Princípios de Yogyakarta são definidos como a “*aplicação das normas internacionais de direitos humanos em relação à orientação sexual e à identidade de gênero*”. De forma semelhante, no começo dos anos 90, começou a reinterpretação em *perspectiva abortista dos direitos humanos* que chegou a ser instalada social e juridicamente no final daquela década. Os Princípios de Yogyakarta representam outra reinterpretação perversa que está em vias de ser imposta em nível internacional: os *direitos humanos em perspectiva homossexual*.<sup>24</sup>

### **c) A Convenção Ibero-americana de Direitos dos Jovens**

Em terceiro lugar, não podemos deixar de lembrar a Convenção Ibero-Americana de Direitos dos Jovens, elaborada no âmbito da Organização Ibero-Americana da Juventude (OIJ), com sede em Madri, e, ao menos nominalmente, dirigida pelo socialista chileno Eugenio Ravinet Muñoz, que ostenta o cargo de Secretário Geral.

A *Convenção Ibero-Americana de Direitos dos Jovens*, que pretende ser reconhecida como “parte do sistema jurídico de Direitos Humanos das Nações Unidas”, inclui todos os tópicos do movimento homossexual: *a perspectiva de gênero, o princípio da não-discriminação*

<sup>24</sup>Cfr. web *Principios de Yogyakarta*, <http://www.yogyakartaprinciples.org/index.php?lang=ES>; *Futuros*, Revista Latinoamericana y Caribeña de Desarrollo Sustentable, n. 17, 2007, vol. 5. Vid. Noticias Globales (NG) n° 868, ONU: *Derechos Humanos en clave homosexual*, 08-11-07; 872, Holanda: *la persecución gay*, 11-12-07; 899, OEA: *privilegia el homosexualismo* (VI), 11-06-08; 947, ONU: *frenan las pretensiones de los homosexuales*, 20-12-08 em [www.noticiasglobales.org](http://www.noticiasglobales.org)

*e da orientação sexual, e também, entre outras propostas reprováveis, o direito dos jovens à confidencialidade em relação à sua saúde sexual e reprodutiva, o que é uma constante visando à destruição da família por parte da reengenharia social anticristã.*<sup>25</sup>

---

<sup>25</sup>Vid. Noticias Globales (NG) n° 740, *Otro golpe al orden natural*, 07-10-05; 897, *Iberoamérica: totalitarismo de género* (II), 04-06-08; 935, *El Salvador: Cumbre con objetivos anticristianos*, 29-10-08 em [www.noticiasglobales.org](http://www.noticiasglobales.org). Tanto este sistema de Cúpulas Ibero-americanas como o tradicional sistema interamericano da Organização dos Estados Americanos (OEA) trabalham com a CEPAL e outras agências e organismos da ONU, e, além disso, com a FLACSO e a CLACSO, verdadeiras usinas da cultura da morte, encarregadas de redigir os documentos.

### 3 OS NOVOS PARADIGMAS RELIGIOSOS

---

PARA REALIZAR ESTA GRANDE SUBVERSÃO da ordem natural, sem resistências, a nova ordem cria outro paradigma: o da *nova religião universal* ou *novos princípios éticos universais*, a fim de assegurar o *desenvolvimento sustentável ou sustentabilidade* da humanidade. Isto completa o quadro da colonização das consciências.

Como dizia o Cardeal Ratzinger, torna-se uma necessidade, para a Nova Ordem Mundial, destruir o cristianismo esvaziando-o de sua fé em Cristo e na Igreja, a fim de transformá-lo em mera doutrina de ajuda, solidariedade social ou filantropia. Nesta tentativa se enquadram projetos como o da *Carta da Terra*, o “novo paradigma ético da Nova Era,<sup>1</sup> e o da *Ética Planetária* de Hans Küng, que visa “dar sustentação ética à Nova Ordem Mundial”.<sup>2</sup>

Deter-nos-emos em três assuntos de que já tratamos no livro *El Desarrollo Sustentable. La Nueva Ética Internacional*: 1) o *ecologismo*, 2) a história da redação, desenvolvimento e dos personagens da *Iniciativa Carta*

---

<sup>1</sup>Cfr. Sanahuja, J. C., *El Desarrollo Sustentable. La Nueva Ética Internacional*, cit. pp. 73-90.

<sup>2</sup>Cfr. Sanahuja, J. C., *El Desarrollo Sustentable. La Nueva Ética Internacional*, cit. pp. 90-93. Vid. Küng, H. e Kuschel, K-J., *Hacia una Ética Mundial. Declaración del Parlamento de las Religiones del Mundo*, Ed. Trotta, Madri, 1994.



da Terra e 3) *A Ética Planetária*. Nas páginas seguintes faremos referência àquele nosso livro, acrescentando a resenha de alguns novos acontecimentos.

### I. O ecologismo

Para realizar o projeto de poder global com um *pensamento único*, modificando a cultura e a religião dos povos e colonizando as consciências para formar cidadãos dóceis à nova ordem mundial, em 1991 a UNESCO trabalhava com dois projetos, o de uma *ética universal de valores relativos*, de que trataremos mais adiante, e o de uma *ética universal de vida sustentável*.

A *ética universal de vida sustentável* parte de um dogma inapelável: “É necessário lembrar a verdade indiscutível de que os recursos disponíveis e o espaço da Terra são limitados”,<sup>3</sup> diz o documento que deixa claramente estabelecido que “o progresso industrial dos países desenvolvidos não se estenderá aos Países do Terceiro Mundo”, e acrescenta que a única causa de degradação ambiental nesses países é o fator demográfico, e que é intolerável que “os pobres, que serão a maioria no futuro, prejudiquem os ecossistemas do mundo para conseguir se desenvolver a qualquer preço”.<sup>4</sup>

Nestes documentos de trabalho, a nova ética aparece quase como um paradigma messiânico: um “chamado a viver uma nova ética que terá que iluminar as interrelações complexas entre os fatores econômicos, o meio-ambiente e a população”. Seus preceitos, afirmam, deverão guiar a tomada de decisões dos governos, já que estas “não deverão ser consideradas como medidas sobre assuntos nacionais, mas sobre assuntos de interesse internacional”, pois, por exemplo, o alto crescimento demo-

<sup>3</sup>Cfr. UNESCO, *Diez Problemas Prospectivos de Población*, Documento de Trabajo, Caracas, Febrero 1991, pp. 6-9.

<sup>4</sup>Ibid., p. 6.

gráfico de um país pobre cria necessariamente um fluxo migratório para países com melhor nível de desenvolvimento, os quais não têm capacidade de acolher novos imigrantes.

A pretensão da UNESCO é que sua *nova ética universal de vida sustentável* dê forma às leis nacionais de todos os países e às consciências de seus cidadãos, reiterando que a “responsabilidade ética afeta não apenas os países, mas também os indivíduos”. Por exemplo: como “a decisão de ter uma família grande ou pequena tem conseqüências em toda a sociedade nacional e internacional, é imperativo moral dos estados fomentar a família pequena”.<sup>5</sup>

Por vezes, a insistência em que a maternidade seja um problema político se torna opressiva, neste e em outros projetos. A *ética universal* torna imprescindível a substituição de qualquer outra convicção moral que oriente a vida das pessoas, das famílias e das sociedades por seus *novos princípios*.

A UNESCO foi co-autora, meses depois, dos *Princípios para viver de forma sustentável*.<sup>6</sup> Segundo estes princípios, é necessária a elaboração de um novo código ético universal que deverá ser construído e desenvolvido através do diálogo e do consenso com autoridades religiosas, pensadores, dirigentes civis e grupos de cidadãos, e que deverá dar forma às leis nacionais de todos os países, sendo incorporada por todos os indivíduos em seus códigos de comportamento pessoal e social.

Apenas a título de exemplo, uma das bases destes

<sup>5</sup>Cfr. UNESCO, *Diez Problemas Prospectivos de Población*, cit, p. 10.

<sup>6</sup>Cfr. Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA), União Mundial para a Natureza (UICN) e Fundo Mundial para a Natureza (WWF), *Cuidar da Terra. Estratégia para o Futuro da Vida*, Gland, Suíça, outubro de 1991, elaborados em conjunto com a FAO, a UNESCO, a OMS, a OIT, o FNUAP (Fundo para a População das Nações Unidas), e o Centro das Nações Unidas para Assentamentos Humanos (Habitat)

*Princípios é que “deve-se alcançar o equilíbrio entre a capacidade de carga da Terra, o volume da população e os estilos de vida de cada indivíduo”.* Através da mudança nos estilos de vida das pessoas, esta nova ética dará solução – afirmam – ao problema do crescimento demográfico e do consumo de recursos naturais da terra, considerando, por exemplo, que determinar o tamanho da família é assunto de interesse mundial<sup>7</sup>. “Para poder adotar esta ética de vida sustentável, os indivíduos devem reconsiderar seus valores e modificar seus comportamentos. A sociedade deve promover valores que sejam compatíveis com a ética da vida sustentável e desencorajar aqueles que sejam incompatíveis com ela”.<sup>8</sup> A maternidade e a paternidade deixam de ser, assim, decisões pessoais para se tornar uma questão política.

“Todos os países devem dispor de sistemas completos de direito ambiental que salvaguardem os direitos humanos, os interesses das gerações futuras e a produtividade e diversidade da Terra. Os princípios de uma sociedade sustentável devem ser incorporados na Constituição ou em outro instrumento jurídico fundamental para o governo e para a política nacional”.<sup>9</sup> Como todas as nações serão afetadas, se a sustentabilidade global, que garante o futuro da humanidade, não for alcançada, cada estado deve impor essa “ética do cuidado” e assegurar sua adoção por parte das pessoas que vivem dentro de suas fronteiras.<sup>10</sup>

A legítima preocupação com o meio ambiente, que faz parte da doutrina católica - expressa, entre muitos ou-

---

<sup>7</sup>Ibid. p. 8

<sup>8</sup>Ibid. p. 9

<sup>9</sup>Ibid. p. 11

<sup>10</sup>Ibid. p. 12. Vid. Noticias Globales (NG) n° 139, *USA-Ecologistas, los seres humanos son el cáncer de la tierra*, 05-01-99 em [www.noticiasglobales.org](http://www.noticiasglobales.org)

tros documentos, nas Encíclicas *Sollicitudo rei socialis*<sup>11</sup> e *Centesimus annus*<sup>12</sup> –, nada tem a ver com o paradigma ecologista da nova ética ou religião universal, no qual se entrelaçam o relativismo moral, o sincretismo religioso e o panteísmo.

O disfarce espiritualista do ecologismo permite que aquilo que para alguns pode parecer um espaço de diálogo inter-religioso responda, na verdade, à tentativa de impor um *dogma da nova religião sincrética universal*. Com o afã de encontrar pontos de interesse comum chega-se a uma mixórdia na qual se perde a própria identidade das religiões.

Por exemplo, para comemorar o *Dia da Terra* em 2007, constavam as seguintes alianças ou coalisões religiosas: *Interfaith Power and Light* (IPL); *Coalition on the Environment and Jewish Life* (COEJL); *Action Alerts*; *Jewish Vegetarians of North America* (JVNA); *National Religious Partnership for the Environment* (NRPE, grupo que inclui um escritório da Conferência Episcopal Norteamericana, o Conselho Nacional de Igrejas dos EUA, a *Coalition on the Environment and Jewish Life* e a *Evangelical Environmental Network*). Esse dia também foi comemorado pela *Interfaith Climate Change Network*, composta por *Earth Day and Global Climate Change Links for Communities of Faith*; *CCC Interfaith Call to Action*; *Interfaith Works* (IW); *Evangelical Environment Network*; *Unitarian Universalist Ministry for the Earth*, outro escritório dedicado a questões ambientais da *United States Conference of Catholic Bishops* (USCCB); *Buddhist Peace Fellowship* (BPF); *Quaker Earthcare Witness*;

<sup>11</sup>Cfr. João Paulo II, Enc. *Sollicitudo rei socialis*, 30 de dezembro de 1987, por exemplo vid. n. 29 e n. 34; cfr. também *Catecismo da Igreja Católica*, n. 2415.

<sup>12</sup>Cfr. João Paulo II, Enc. *Centesimus annus*, 1 de maio de 1991, vid. nn. 37-39. Vid. Sanahuja, J.C., *La Cuestión Ecológica em Pontificio Conselho para a Família, La Familia ante los Desafíos del Tercer Milenio a la luz de la Evangelium vitae*, Senado de la Nación, Buenos Aires, 1997, pp. 97-119.

*Indigenous Environmental Network*.<sup>13</sup> Esperamos que a transformação do *Dia da Terra* em *Dia Internacional da Mãe Terra* provoque definições claras que levem as organizações cristãs, especialmente as católicas, a abandonarem essas redes. Mais adiante faremos referência a esta mudança de comemoração decidida pelas Nações Unidas em 22 de abril de 2009, a pedido do presidente da Bolívia, Evo Morales, e amplamente justificada perante a Assembléia Geral por Leonardo Boff.

Quanto à preocupação votada aos países centrais e sua natureza, é uma fachada que esconde seu propósito de preservar grandes reservas naturais para alimentar seus opulentos padrões de consumo. Na suposta emergência da mudança climática se encontram dois imperativos: esterilizar os pobres e impedir seu desenvolvimento econômico. Tornemos a lembrar João Paulo II, quando disse: “A corrida frenética ao açambarcamento e à exploração dos bens da terra por uns poucos privilegiados assenta as bases para uma outra forma de guerra fria entre o Norte e o Sul”.<sup>14</sup>

Veja-se o exemplo do *Aquecimento Global*. Em dezembro de 2008, tornou-se conhecido o segundo Relatório Minoritário do Senado dos EUA sobre o *Aquecimento Global Causado pelo Homem* (11/12/08), em que 650 cientistas refutam as teses do Grupo Intergovernamental de Especialistas sobre as Mudanças Climáticas (IPCC) e do ex-vice-presidente Al Gore, apoiadas por apenas 52 autores a serviço da ONU, aqueles que integram o *Grupo de Formuladores de Políticas para o Meio Ambiente*. Al

---

<sup>13</sup>Cfr. UN, *Earth Day 2006, Events*, 22-04-06; Vid. Noticias Globales (NG) n° 771 e 772, *Día de la Tierra y reingeniería social anticristiana* I e II, 22-04-06 e 24-04-06 em [www.noticiasglobales.org](http://www.noticiasglobales.org)

<sup>14</sup>Cfr. João Paulo II, *Discurso aos cientistas*, 08-05-93. Vid. Noticias Globales (NG), n° 831, *ONU: ideologización del cambio climático*, 06-05-07; 846, *Reino Unido: ideologización del cambio climático*, 26-07-07; 944, *Holanda: la tiranía ecologista*, 08-12-08 em [www.noticiasglobales.org](http://www.noticiasglobales.org)

Gore, desde o início da década de 90, propôs um rigoroso controle de natalidade em nível mundial, sob o pretexto de preservar os recursos do planeta.<sup>15</sup>

A maneira como está posta a questão do aquecimento global é uma desculpa para limitar a população mundial, bem como exigir que os países pobres, em vias de desenvolvimento, implementem arrecadações altíssimas para impedir a contaminação ambiental – isto é, para condená-los ao subdesenvolvimento.

Por isso, Václav Klaus, Presidente da Tchecoslováquia, declarou: “Combato esse novo alarmismo sobre o aquecimento global que se transformou em uma ideologia e em uma tentativa de reprimir a liberdade individual e o desenvolvimento da prosperidade no mundo”, denunciando que os países em desenvolvimento são obrigados a viver da maneira que os *redentores do planeta* desejam, os quais, além disso, os obrigam a adotar uma *economia verde* de elevadíssimo custo, com a qual os pobres nunca sairão da pobreza. Klaus continua: “As vítimas de Al Gore e sua histeria global serão os países mais pobres, forçados pelos ricos que podem, sim, tolerar os custos desta política, como por exemplo as medidas propostas no *Protocolo de Kyoto*”.

O presidente da Tchecoslováquia denunciou também a doutrinação à qual o ecologismo pretende submeter a todos, comparando-o com o nazismo ou o comunismo.<sup>16</sup>

Considere-se, por exemplo, que a organização inglesa *Optimum Population Trust*, tendo em vistas a próxima Conferência de Copenhagen sobre Alterações Climáticas (Dezembro 2009), propõe, para reduzir as emissões de carbono, universalizar o controle obrigatório da popula-

<sup>15</sup>Vid. Gore, A., *La Tierra en Juego*, Emecé, Buenos Aires 1993, pp. 283 e ss.; Original, *Earth in the balance*, 1992. Sobre Al Gore, vid. Sanahuja, J. C., *El Desarrollo Sustentable. La Nueva Ética Internacional*, cit., pp. 37e 81

<sup>16</sup>Cfr. ABC, Madrid, 21-10-08; <http://www.abc.es/20081019/internacional-internacional/victimas-reales-gore-histeria-20081019.html>

ção, dizendo: “a cada sete dólares investidos em anticoncepcional evita-se a emissão de uma tonelada de CO<sub>2</sub>”.<sup>17</sup> Confirma-se assim que os seres humanos, especialmente os *pobres*, são considerados como os maiores predadores do planeta.

## II. A Carta da Terra

A Carta foi idealizada no início dos anos 90 por duas organizações: a *Cruz Verde Internacional*, de Mikhail Gorbachev, e o *Conselho da Terra*, dirigido por Maurice Strong. Gorbachev declarou, em 1997: “O mecanismo que usaremos será a substituição dos Dez Mandamentos pelos princípios contidos na presente Carta ou Constituição da Terra”. A Carta foi patrocinada desde o início por Federico Mayor, Diretor Geral da UNESCO de 1987 a 1999.

Quais são os princípios da Carta? O prefácio afirma: “A humanidade é parte de um vasto universo em evolução. A Terra, nosso lar, está viva como uma comunidade de vida única. As forças da natureza fazem da existência uma aventura exigente e incerta, mas a Terra proveu as condições essenciais para a evolução da vida. A capacidade de resistência da comunidade de vida e o bem-estar da humanidade dependem da preservação de uma biosfera saudável, com todos os seus sistemas ecológicos, uma rica variedade de plantas e animais, solos férteis, águas puras e ar limpo. O meio ambiente global, com seus recursos finitos, é uma preocupação comum a todos os povos. A proteção da vitalidade, diversidade e

---

<sup>17</sup>Vid. Cascioli, R., *Preservativi per frenare il riscaldamento globale*, Svipop, n° 109, 16-09-09. Vid. *Population and Sustainability Network*, (PSN). Sua presidente é Karen Newman, diretora do *Comitê de Gênero e Direitos da Organização Mundial da Saúde* e em sua direção está Steven W. Sinding, *Diretor Geral da IPPF* (2002-2006), (vid. Del Fresno, David, *Yoinfluyo.com*, 05-10-09). A PSN trabalha também em conjunto com a organização de apóstatas *Catholics for free Choice*, <http://www.populationandsustainability.org/2/home/homepage.html>.

beleza da Terra é um dever sagrado”.

Os postulados agnósticos e panteístas da Carta seriam a base da nova sociedade: “O surgimento de uma sociedade civil global está criando novas oportunidades para construir um mundo democrático e humanitário. Nossos desafios ambientais, econômicos, políticos, sociais e espirituais estão interrelacionados, e juntos podemos forjar soluções includentes”. A visão totalizadora do desenvolvimento sustentável, impregnada da linguagem vaga do holismo Nova Era, aparece vez ou outra: “Construir sociedades democráticas que sejam justas, participativas, sustentáveis e pacíficas. Assegurar que as comunidades garantam, em todos os níveis, os direitos humanos e as liberdades fundamentais e proporcionem a cada um oportunidade de desenvolver seu pleno potencial”.

Para isso, nos termos da Carta, torna-se imperativo: “Proteger e restaurar a integridade dos sistemas ecológicos da Terra, com especial preocupação com a diversidade biológica e os processos naturais que sustentam a vida. Adotar, em todos os níveis, planos de desenvolvimento sustentável e regulamentos que permitam incluir a conservação e a reabilitação ambientais como parte integrante de todas as iniciativas de desenvolvimento”.

Não poderia faltar o mandamento ecologista de controlar a natalidade para salvar o planeta, próprio do paradigma do desenvolvimento sustentável: “Adotar padrões de produção, consumo e reprodução que protejam as capacidades regenerativas da Terra, os direitos humanos e o bem-estar comunitário”, além de outros imperativos que colaboram diretamente com as políticas do anti-natalismo compulsório e com a reengenharia anti-cristã da sociedade: “Afirmar a igualdade e a equidade de gênero como pré-requisitos para o desenvolvimento sustentável e garantir o acesso universal à educação, o cuidado à saúde e a oportunidade eco-



nômica [...] Garantir os direitos humanos das mulheres e das meninas e acabar com toda violência contra elas [...] Garantir o acesso universal aos cuidados da saúde reprodutiva, promovendo a reprodução responsável. Adotar estilos de vida que acentuem a qualidade de vida e a suficiência material num mundo finito”.

Para concluir, a imposição de dobrar-se às Nações Unidas e à Nova Ordem Mundial adotando a Carta como o fundamento da nova religião global: “Para construir uma comunidade global sustentável, as nações do mundo devem renovar seu compromisso com as Nações Unidas, cumprir com suas obrigações sob os acordos internacionais existentes e apoiar a implantação dos princípios da Carta da Terra, através de um instrumento internacional juridicamente vinculante sobre meio ambiente e desenvolvimento”.

Na Carta da Terra, Deus está totalmente ausente. Não aparece nem mesmo como uma “hipótese” conciliadora. Isso faz com que a proposta de defesa da vida e da terra se apóie em fundamentos equivocados. E sabemos que defender uma realidade com argumentos e razões que não são corretos e adequados é a melhor maneira de deixar esta realidade completamente indefesa, e que afirmá-la com base errônea é a maneira mais direta de deixá-la sem apoio.

A visão cristã é inconciliável com o imanentismo panteísta da Carta. Na Carta da Terra o homem é uma partícula do universo em pé de igualdade com um animal ou um vegetal, incapaz de conhecer qualquer realidade que não seja material. Não é o centro da criação, criado como sábio administrador de Deus. “O cosmo foi criado por Deus como morada do homem e palco de sua aventura de liberdade. Portanto, o mundo criado adquire o seu verdadeiro significado no homem e pelo homem”.<sup>18</sup>

---

<sup>18</sup>Cfr. João Paulo II, *Audiência Geral*, 19-08-98; Vid. João Paulo II, *Mensagem para a Jornada Mundial do Turismo*, 24-06-02

Na Carta da Terra, o ser humano - homem e mulher - parece ser constantemente carregado pela corrente de uma evolução que não tem causa eficiente nem final, sem origem ou objetivo transcendente. O *destino comum* que daria unidade à grande diversidade na qual se encontra indiscriminadamente imerso não é a Parusia, a Vinda do Senhor Jesus na Glória, a Transfiguração do Cosmos; é mais propriamente uma permanência nesta Terra, que exige uma solidariedade dos seres vivos a fim de construir e perpetuar uma *bem-aventurança intramundana*. As sucessivas gerações *usufruirão* desta *felicidade* ao melhor estilo das utopias milenaristas ou materialistas.

Sob esse ponto de vista, o *desenvolvimento sustentável ou sustentabilidade* assume o caráter de uma *pseudo-categoria teológica* que aspira a ser critério de moralidade universalmente vinculante. Isso tudo constitui uma profunda negação da escatologia cristã<sup>19</sup> e um retorno ao pensamento mágico promovido pelas correntes da Nova Era.

### **III. Materialismo espiritualista**

A Carta da Terra é um manifesto materialista, pagão, panteísta, e que pretende fornecer uma base ética para um rígido controle da população mundial. Os especialistas disfarçam de boas intenções o projeto de transformar grandes áreas do planeta em armazéns de matérias-primas que garantam a manutenção dos opulentos hábitos de consumo de uns poucos privilegiados. Se não fosse assim, por que a Carta mandaria adotar – com a usual linguagem anti-natalista da ONU – “modos de reprodução que respeitem os direitos humanos e as capacidades regenerativas da Terra?” Serão impostas, em certas áreas do planeta, quotas populacionais para

---

<sup>19</sup>Cfr. Pereyra, H. L., *La Carta de la Tierra. Juicio Crítico*, Gladius, nº 43, 25-12-98, Buenos Aires.

preservar os recursos naturais?

A Carta da Terra é um paradigma da reengenharia social anti-cristã que promove *a perspectiva de gênero e a saúde sexual e reprodutiva* - homossexualismo e aborto químico ou cirúrgico - como pré-requisitos para o desenvolvimento sustentável.

A Carta da Terra é a manifestação desse novo humanismo que visa preservar as florestas e salvar de um suposto extermínio as focas, baleias, gorilas, peixes-boi, leopardos, elefantes, as várias espécies de borboletas, ursos e cabras-montesas, e, por outro lado, não apenas justifica, mas obriga a perseguir e provocar um verdadeiro holocausto com leis que autorizam o abominável crime do aborto em nome dos direitos humanos, da paz, da igualdade, da harmonia universal. Não é o assassinato de milhões de inocentes o maior ataque à paz e aos direitos humanos?

“A terra, cada forma de vida e todos os seres vivos possuem um valor intrínseco. Deve ser assegurado seu respeito e cuidado”, diz a Carta em seu primeiro ponto. Será que esta declaração reconhece que apenas os homens detêm os direitos de proprietários e guardiões inteligentes e nobres com que lhes dotou o Criador?<sup>20</sup> Ou, pelo contrário, as pedras, plantas e animais têm os mesmos “direitos” que o homem?

Uma vez desconhecida a ação criadora de Deus, fonte da dignidade humana, não há dificuldade em dizer que todas as criaturas, sejam racionais, irracionais, animadas ou inanimadas, são iguais em dignidade. Um orangotango, um homem e uma espécie vegetal valem o mesmo. “Exigimos a extensão da comunidade de iguais a todos os hominídeos: os seres humanos, os bonobos, chimpanzés, gorilas e orangotangos”, afirma o primeiro item da Declaração do Grande Síbio, que circula pelo mundo em

<sup>20</sup>Vid João Paulo II, Enc. *Redemptor hominis*, 4 de março de 1979, n. 15.

busca de consenso para se tornar um documento oficial das Nações Unidas<sup>21</sup>. Mais ainda, a *agenda espiritual* da Carta, “fruto de debates com líderes religiosos”, impõe dois mandamentos: guardar reverência pela Terra e pelo Cosmos e respeitar as Miríades de Espécies.

A Carta também responde a uma ideologia que cultiva várias formas de materialismo pseudo-religioso, próprias das mitologias orientais, do indigenismo e de estranhos esoterismos, tornando-se um instrumento de descristianização.

Como alguém que conserva em um zoológico um orangotango albino, este novo *humanismo* procura *preservar* o que ele chama de *povos originários* com a esterilização prévia para que não cresçam mais do que o necessário. E, como se isso fosse pouco, pretende que sejam reconhecidos seus direitos de retornar a suas práticas religiosas ancestrais: uma maneira de apagar e, em outros casos, impedir a evangelização.

O processo Carta da Terra já tem mais de quinze anos, com atividades nos cinco continentes, sendo significativo, por exemplo, o número de apresentações da Carta na Espanha e no México.<sup>22</sup> A estratégia consiste em

---

<sup>21</sup>Noticias Globales (NG) n° 781, España: laicismo y feminismo radical. Estatuto catalán: un perfecto programa progresista. Orientación sexual y perspectiva de género. Los transexuales. El Proyecto Gran Simio, 20-06-06 em [www.noticiasglobales.org](http://www.noticiasglobales.org)

<sup>22</sup>Vid. Noticias Globales (NG) n° 609, México: *Carta de la Tierra y El Cairo*+10, 10-11-03; 748, ONU-*Carta de la Tierra: culto pagano*, 24-11-05; 798, *Carta de la Tierra: Argentina y México*, 08-10-06; 863, México: *Carta de la Tierra* (VII), 13-10-07; 869, España: *Carta de la Tierra* (VIII), 14-11-07. Na Espanha se mobilizam para promover a Carta, a Fundación Valores, o Foro Soria, a Fundación Avalon, <http://www.earthcharterinaction.org/content/attachments/10/Espana.pdf>. Na esfera do governo federal, no México existe um Secretariado Nacional da Carta da Terra, que a promove. Desde 2006, o Estado do México utiliza um livro didático para a escola secundária intitulado *Educación Ambiental para la Sustentabilidad*, com referência completa à Carta da Terra. Este livro foi revisado e publicado novamente em 2009.

<http://www.earthcharterinaction.org/content/attachments/5/Edo%20Mex%20archivo%20programa.pdf>

apresentá-la em congressos e foros, âmbitos parlamentares e de governo, buscando adeptos para o *consenso universal*. É notável como tentam, com muita paciência e perseverança, a adesão de prefeituras de grandes e pequenas cidades e de legislaturas regionais, ao mesmo tempo que tentam a incorporação do documento em currículos acadêmicos.

Entre os indivíduos e associações que procuram aderir ao consenso, estão políticos e financiadores de todos os níveis, bem como comunidades religiosas católicas e instituições e autoridades de outras denominações cristãs.<sup>23</sup>

---

<sup>23</sup>Vid. *Earth Charter Bulletin*, maio de 2001, no qual se comprometem com a Carta o então Dom Angelo Comastri, arcebispo da Delegação Pontificia de Loreto, hoje Cardeal Arcipreste da Basílica de São Pedro e Vigário de Sua Santidade para a Cidade do Vaticano; Dom Franco Festorazzi, então arcebispo de Ancona e Presidente da Conferência Episcopal da Região das Marcas, hoje Arcebispo emérito; Padre Massimiliano Mizzi, Administrador geral do *Dialogo dell'Opera Frati Minori Conventuali*, que em 2005 participou dos eventos organizados pela *United Religions Initiative* (URI), em Assis, em comemoração ao chamado Dia Internacional da Paz (21 a 24 de setembro de 2005); Dom Vincenzo Paglia, bispo de Terni, Presidente da Comunidade Santo Egídio, vid. Noticias Globales (NG) n° 424, *Noticias de la Carta de la Tierra*, 05-06-01, em [www.noticiasglobales.org](http://www.noticiasglobales.org). Na Argentina, a Asociación Cristiana de Jóvenes é uma das envolvidas no processo. Quanto à busca de apoio para que a humanidade adote a Carta por consenso, apenas em 1999 foram realizadas as seguintes reuniões e assembleias: 06-16 de Abril, 1999: Ética Global, Desarrollo Sostenible y la Carta de la Tierra, conferencia académica on line; 24 de abril: Conselho Mundial de Igrejas (CMI), Genebra, Suíça; 11-15 de maio: Chamado a Paz de La Haya, La Haya, Holanda; 04 de junho: Reunião do Comitê da Carta da Tierra no Japão; 04 de junho: Teologia e Ética Mundial, Universidade de Chicago; 11-12 de junho: Foro da Carta da Terra, Montevidéu, Uruguai; 07-09 de junho: O Convênio da Carta da Terra e IUCN, Nova York; 17-18 de junho: Reunião Informal para organizar o processo da Carta da Terra, Indonésia; 20-21 de junho: Oficina de Capacitação Nacional Carta da Terra, USA; 27-29 de junho: Caretakers Internacional, São José, Costa Rica; 07 de julho: Oficina Carta da Terra, Katmandu, Nepal; 09-15 de julho: Conferência Espiritualidade e Sustentabilidade, Assis, Itália; 15-20 de agosto: Associação Internacional de Educação para a Comunidade, (ICEA), Oxford, Inglaterra; 23-26 de agosto: A Carta da Terra na Perspectiva da Educação, São Paulo, Brasil; 01-06 de outubro: Foro do Estado do Mundo, São Francisco, USA; 01-08 de dezembro: Parlamento das Religiões do Mundo, Cidade do Cabo, África do Sul. Vid. Noticias Globales (NG) n° 276, *Proceso Carta de la Tierra*, 26-12-99, em [www.noticiasglobales.org](http://www.noticiasglobales.org).

Encerramos o assunto dando a palavra a Leonardo Boff, que diante da Assembléia Geral das Nações Unidas, em 22 de abril de 2009, afirmava: *“Desde a mais alta ancestralidade, as culturas e religiões sempre têm testemunhado a crença na Terra como Grande Mãe, Magna Mater, Inana e Pachamama. Os povos originários de ontem e de hoje tinham e têm clara consciência de que a Terra é geradora de todos os viventes. Somente um ser vivo pode produzir vida em suas mais diferentes formas. A Terra é, pois, nossa Mãe universal [...] Não é que sobre a Terra haja vida. A Terra mesma é viva, chamada de Gaia, a deusa grega para significar a Terra viva. Efetivamente, a Terra é Mãe fecunda [...] Para esta tarefa gigantesca somos inspirados por um documento precioso: a Carta da Terra. Nasceu da sociedade civil mundial. Em sua elaboração foram envolvidas mais de cem mil pessoas de 46 países. Em 2003 uma resolução da UNESCO apresentou-na como um instrumento educativo e uma referência ética para o desenvolvimento sustentável. Participaram ativamente de sua concepção Mikhail Gorbachev, Maurice Strong, Steven Rockefeller e eu mesmo, entre outros. A Carta entende a Terra como dotada de vida e como nosso Lar Comum. Apresenta pautas concretas que podem salvá-la, cuidando-a com compreensão, com compaixão e com amor, como cabe a toda mãe. Oxalá, um dia, esta Carta da Terra possa ser apresentada, discutida e enriquecida por esta Assembléia Geral. Caso seja aprovada, teríamos um documento oficial sobre a dignidade da Terra [...]”*<sup>24</sup>

<sup>24</sup>Cfr. Agencia Latinoamericana y Caribeña de Comunicación -ALC-, 07-05-09; Noticias Globales (NG), nº 996, ONU: *Eclesiofobia. Marxismo. Indigenismo. Panteísmo*, 10-09-09. A Assembleia Geral das Nações Unidas aprovou que o dia 22 de abril, que era chamado de Dia Mundial da Terra, passasse a ser o Dia Internacional da Mãe Terra. A proposta foi apresentada ao plenário pelo presidente da Bolívia, Evo Morales. O presidente Evo Morales disse diante da Assembleia Geral da ONU que *“não apenas os seres humanos têm direitos humanos, mas a Mãe Terra (Pachamama) deve ter direitos. Devemos apelar à nossa razão, sensatez, porque a vida humana não é possível sem a Mãe Terra”*,

A UNESCO incorporou plenamente a *Carta da Terra* em 2003<sup>25</sup>, atribuindo-lhe a categoria de *instrumento educativo* em abril de 2005, no Projeto de Aplicação Internacional da Década das Nações Unidas da Educação para o Desenvolvimento Sustentável (EDS). Mas, mesmo antes disso, no Fórum do Milênio das ONGs (2000), organizado pelas Nações Unidas, a *Carta* foi listada entre os documentos que os participantes do Fórum se comprometeriam a impor à sociedade global.<sup>26</sup>

#### IV. A Aliança das Civilizações e o apoio maçônico explícito

Outra confusão que a *Carta da Terra* promove<sup>27</sup> é a Aliança das Civilizações, que por sua vez está relacionada com *Religiões para a Paz* (*World Conference of Religions for Peace - WCRP*), à qual faremos referência mais adiante.

---

vid. Noticias Globales (NG) n° 970, ONU-USA: *Aborto y panteísmo*, 23-04-09 em [www.noticiasglobales.org](http://www.noticiasglobales.org)

<sup>25</sup>Vid. Noticias Globales (NG) n° 610, 11-11-03; 738, ONU-*Carta de la Tierra: Culto pagano*, 24-11-05, em [www.noticiasglobales.org](http://www.noticiasglobales.org). Para mais dados, vid. Noticias Globales (NG) n° 771 e 772, *Día de la Tierra y reingeniería social anticristiana I e II*, 22-04-06 e 24-04-06; 798, 08-10-06; 816, *Carta de la Tierra: Peligrosa aceptación*, 23-01-07; 831, ONU: *ideologización del cambio climático*, 06-05-07; 848, *La Carta de la Tierra (I)*, 31-07-07; 850, *La Carta de la Tierra (II). El retorno de los brujos*, 14-08-07; 851, *La Carta de la Tierra (III). La Religión Universal*, 20-08-07; 855, 03-09-07; 859, *Argentina: La Carta de la Tierra*, 26-09-07; 862, *España: La Carta de la Tierra*, 07-10-07; 863, *México: La Carta de la Tierra*, 13-10-07; 869, 14-11-07; 889, *España: Declaración de Montserrat. La Religión Universal*, 18-04-08; 904, *Argentina: Adhesión a la Carta de la Tierra*, 04-07-08; 930, *Argentina-México: Carta de la Tierra*, 08-10-08; 940, *Argentina: Masonería y Carta de la Tierra*, 27-11-08, em [www.noticiasglobales.org](http://www.noticiasglobales.org).

<sup>26</sup>Vid. Sanahuja, J.C., *El Desarrollo Sustentable. La Nueva Ética Internacional*, cit. pp. 128-139. Noticias Globales (NG) n° 771 e 772, *Día de la Tierra y reingeniería social anticristiana I e II*, 22 y 24-04-06 em [www.noticiasglobales.org](http://www.noticiasglobales.org)

<sup>27</sup>Vid. Noticias Globales (NG) n° 737, 23-09-05; 738, ONU: *Milenio+5 (III). La perversión de los derechos humanos. La tenaza totalitaria. La Cultura de Paz. La Alianza de las Civilizaciones: ¿hacia el sincretismo universal?*, 28-09-05; 741, *Salamanca: reingeniería social en castellano*. 16-10-05; 889, *España: Declaración de Montserrat. La religión universal*, 18-04-08; 935, *El Salvador: Cumbre con objetivos anticristianos*, 29-10-08 em [www.noticiasglobales.org](http://www.noticiasglobales.org)

Em 22 de abril de 2006, Federico Mayor Zaragoza, presidente da *Fundación Cultura de Paz*,<sup>28</sup> sendo co-presidente da *Aliança das Civilizações*, reconheceu que esta promove a Carta da Terra.

Em 2004, o primeiro-ministro espanhol, o abortista pró-homossexual Jose Luis Rodriguez Zapatero, lançou a iniciativa *Aliança de Civilizações*<sup>29</sup> como uma contribuição para a iniciativa da ONU chamada *Diálogo das Civilizações*. A *Aliança*, que tem como objetivo o diálogo para superar as diferenças culturais e religiosas entre os povos, concretamente com os islâmicos, é, na prática, uma estratégia para integrar a Turquia à União Europeia e dar mais um golpe nas raízes cristãs da Europa. O primeiro ministro turco *Erdogan* disse que “não deveria ser permitido fazer da Europa um clube cristão”.<sup>30</sup>

A Aliança é presidida pelo chefe de Estado turco – inicialmente *Recep Erdogan Tayyp* e agora *Mehmet Aydin* - e pelo espanhol *Federico Mayor Zaragoza*. Em 2007, o Secretário-Geral das Nações Unidas, *Ban Ki-moon*, nomeou o socialista português *Jorge Sampaio* Alto Representante da ONU para a Aliança das Civilizações.

Membro do Grupo de Alto Nível da Aliança, *Karen Armstrong*, ex-freira católica que abandonou a fé para

---

<sup>28</sup>Os patronos de honra da Fundação Cultura de Paz são: Oscar Arias, Prêmio Nobel da Paz 1987; A. Karim Chowdhury, Alto representante da ONU para os pequenos estados insulares em desenvolvimento; Gabriel García Márquez, Prêmio Nobel de Literatura 1982; Mikhail Gorbachev, Prêmio Nobel da Paz 1990; J. Antonio Matji, diretor da “Farmacéutica Cantabria”; Rigoberta Menchú Tum, Prêmio Nobel da Paz 1992; Adolfo Pérez Esquivel, Prêmio Nobel da Paz 1980; Amartya Sen, Prêmio Nobel de economia 1998; Wole Soyinka, Prêmio Nobel de Literatura 1986; Desmond Tutu, Prêmio Nobel da Paz 1984; Jesús Maria Alemany, presidente da Fundación Seminario de Investigación para la Paz.

<sup>29</sup>Cfr. Noticias Globales (NG) n° 738, ONU: *Milenio+5 (III). La perversión de los derechos humanos. La tenaza totalitaria. La Cultura de Paz. La Alianza de las Civilizaciones: ¿hacia el sincretismo universal?, ¿Carta de la Tierra?*, 28-09-05 em [www.noticiasglobales.org](http://www.noticiasglobales.org) .

<sup>30</sup>López, Eulogio, *Turquía y Alianza de civilizaciones: la diferencia está en la libertad*, Hispanidad, 23-07-07.



se tornar, segundo ela, uma “monotopista freelance”, é uma das representantes da Europa. Ela promove um culto sincrético tomando aspectos do cristianismo, do judaísmo e do islamismo. Outro representante europeu é o francês *Hubert Vedrine*, ex-ministro do governo socialista de Lionel Jospin, participante dos chamados *Diálogos de Lyon*, nos quais buscou um amplo consenso para a Carta da Terra.

Também faz parte do Grupo *Nafis Sadik*, atual assessora especial do Secretário Geral da ONU, ex-Diretora Executiva do Fundo de População da ONU e organizadora da Conferência do Cairo. Como defensora do reconhecimento dos “direitos” sexuais e reprodutivos como direitos humanos, foi membro da comissão que criou o Protocolo Facultativo da CEDAW. Hoje é uma das diretoras do *Centro de Política e Legislação Reprodutiva* (CRLP), uma ONG que pressiona os governos pelo reconhecimento pleno de tais *direitos*. Outro membro do Grupo é o bispo anglicano, abortista e pró-homossexual *Desmond Tutu*. Pela América Latina, estão *Enrique Iglesias* e *Candido Mendes* e, pelo Oriente Médio, o histórico ex-presidente iraniano, o aiatolá *Mohamed Khatami*.

Em 2008, Mayor Zaragoza declarou que o *Fórum Mundial de Redes da Sociedade Civil* (UBUNTU), do qual ele mesmo é membro importante, apóia a Carta da Terra.

Fazem parte deste Fórum Mundial, por exemplo, *Advocacy for Women in Africa* (ONG abortista); *Anistia Internacional* (seus objetivos gerais prioritários para 2007 incluíram o reconhecimento do direito ao aborto e o reconhecimento legal das uniões homossexuais); *CARE International* (promove o aborto); *Clube de Roma*; *Conference of NGOs in Consultative Relationship to the Economic and Social Council of the United Nations* (CONGO); *Earth Council* (ligado em sua origem à Carta da

Terra); *Fundación Arias para la Paz y el Progreso Humano* (Costa Rica; ONG que promove o aborto e o homossexualismo); *Green Cross International* (ligada à *Carta da Terra*); *Human Rights Watch*; *Oxfam International*; *Foro do Estado do Mundo*; *Women's Environment & Development Organization* (WEDO; ONG lesbofeminista); *Fórum Social Mundial*; *World Wide Fund for Nature* (WWF); *Worldwatch Institute* etc.

Alguns personagens importantes que promovem o *Fórum Mundial* (Ubuntu) são Hans Küng, Kofi Annan, Leonardo Boff, Mikhail Gorbachev, Isabel Allende, Noam Chomsky, Jacques Delors, Gabriel García Márquez, Candido Mendes, Adolfo Perez Esquivel, Shridath Ramphal, José Saramago, Mario Soares, Muhammad Yunus etc.

Desde a sua criação, a Iniciativa Carta da Terra, assim como outros projetos éticos da nova ordem, tinha um ar marcadamente maçom. Para dissipar as dúvidas ingênuas, em 27 de março de 2006 a própria maçonaria reconheceu seu apoio à Carta: o então Grão-Mestre de *La Gran Logia de la Argentina de Libres y Aceptados Masones*, Hector Sergio Nunes, dirigiu aos seus confrades a chamada *Carta Antártida da Maçonaria Argentina*. Nela, na seção “A Carta da Terra e o Desenvolvimento Sustentável”, afirma: “A Carta da Terra também é influenciada pela nova visão científica mundial, incluindo as descobertas da moderna cosmologia, da biologia evolutiva, da física e da ecologia. Ela é baseada na sabedoria das religiões do mundo e das tradições filosóficas ancestrais. Também reflete o pensamento de grupos e organizações ligadas à defesa dos direitos humanos, da igualdade de gênero, da sociedade civil, do desarmamento e da paz [...] É por isso que a nossa Ordem assinou o Tratado”, conclui a *Carta Antártida da Maçonaria Argentina*, fazendo assim referência à sua adesão à *Carta da Terra*.<sup>31</sup>

<sup>31</sup>Cfr. Noticias Globales (NG) n° 940, *Argentina: Masonería y Carta de la*

## V. A Ética Planetária

No *Parlamento das Religiões do Mundo*, em 1993, Hans Küng, a quem a Santa Sé proibiu o ensino da teologia católica, apresentou o projeto da *Ética Planetária* com o prévio aval da UNESCO, do *Fórum Econômico Mundial de Davos* e do *World Wide Fund for Nature* (WWF). A primeira edição da nova ética de Küng foi prefaciada pelo príncipe Philip de Edimburgo, na época presidente da WWF<sup>32</sup>. Hans Küng tornou-se assim uma das cabeças visíveis do processo para impor esta nova ética cósmica, enunciada no estilo da maçonaria, composta de uma mistura de gnose, expressões de bons desejos e da vaga e alienante espiritualidade *new age*. A *Ética Planetária* é uma boa resposta ao projeto da UNESCO de *ética universal de valores relativos*. O próprio Küng a define como “uma síntese de superação de todas as religiões do mundo”.<sup>33</sup>

O projeto de Küng foi aprovado pelo Parlamento

---

*Tierra*, 27-11-08 em [www.noticiasglobales.org](http://www.noticiasglobales.org) Vid. Noticias Globales (NG) n° 612, *Congregación para la Doctrina de la Fe, Declaración sobre la Masonería* 26-11-83, 30-12-03 em [www.noticiasglobales.org](http://www.noticiasglobales.org)

<sup>32</sup>Vid. Noticias Globales (NG), n° 256, *ONU: Año Mundial de la Paz. La Carta de la Tierra y la Ética Planetaria*, 10-11-99. É notável que Federico Mayor Zaragoza em franca oposição à hierarquia eclesiástica espanhola, facilitou uma série de conferências de Hans Küng na Espanha, em 2003.

<sup>33</sup>A lista de religiões que aderiram à *Ética Planetária* é a seguinte, segundo as atas do Parlamento das Religiões: “Bahá’í, Brahma Kumaris, Budismo, Cristianismo (Anglicanos, Ortodoxos, Protestantes y Católicos), Religiões indígenas (Akuapim, Yoruba, Americanas autóctones), Hinduísmo, Hinduísmo vedanta, Janismo (digambar, sbwetambar), Judaísmo (tradicional, reformado, ortodoxo), Islamismo (chiitas, sunitas), Neo-paganismo, Sikhs, Taoísmo, Teosofia, Zoroastrismo e Organizações interreligiosas”. A ética global ou planetária se transformou num guarda-chuva de heterodoxia dentro da Igreja. Por exemplo, vid. “*El actual debate de la Teología del Pluralismo. Después de la Dominus Iesus*”, na qual intervêm Pedro Casaldáliga, Marcelo Barros, Leonardo Boff, José Comblin, Benedito Ferraro, R. E. González e E.H. Días, Paul Knitter, Roberlei Panasiewicz, Pablo Richard, Eduardo de la Serna, Alfonso M. L. Soares, Pablo Suess, Faustino Teixeira, José María Vigil (coordenador), *Libros Digitales Koinonía*, Volume 1. Versão 1.01, 25-10-2005; Batalloso Navas, J. M., *Entrevista a Leonardo Boff: Paulo Freire e os valores do novo milênio*, 03-04-08, em <http://www.somosiglesiaandalucia.net/spip/spip.php?article475>.

das Religiões como “um consenso mínimo sobre os valores fundamentais de caráter vinculante, de normas irrevogáveis e de atitudes morais fundamentais”.

O conteúdo da *Ética Planetária* está cheio de ambigüidades, e nele se acentuam palavras que os próprios autores se encarregaram de esvaziar de conteúdo, de modo que cada indivíduo possa interpretá-las à sua maneira, segundo sua tradição cultural ou de acordo com seus interesses. É um legado contra o “*fanatismo e a intolerância, em favor da tolerância universal*”, que não se realiza em nenhum princípio, porque, de acordo com o próprio Küng, os princípios devem ser elaborados em um *consenso posterior*<sup>34</sup> pouco ou nada tendo de *padrão irrevogável*.

Tal como a *Carta da Terra*, este projeto ignora a existência de Deus e, naturalmente, sua transcendência em relação à criação. Nem mesmo a existência da alma humana como uma entidade separada fica clara. Como resultado, exclui a existência da verdade absoluta, impondo à humanidade um processo sem fim de busca de consensos sobre princípios morais que permanecerão até que aqueles perdurem para, em seguida, em virtude de novos consensos, serem mudados, substituídos. Como é facilmente dedutível, neste processo sem fim está incluído o *consenso sobre a vida e a morte*, relativizando o valor e o respeito pela vida humana desde a concepção até a morte natural.

As *atitudes morais fundamentais* são reduzidas a palavras sem significado claro: paz, justiça, equidade, dignidade, compaixão, tolerância, solidariedade, diálogo, respeito à pluralidade e outras, as quais são ambíguas em si mesmas, como o termo *crentes*, que abrange todos os

---

<sup>34</sup>Vid. Küng, H. y Kuschel, K-J., *Hacia una Ética Mundial. Declaración del Parlamento de las Religiones del Mundo*, Ed. Trotta, Madri, 1994; Vid., por exemplo, sobre o valor “relativo” da vida humana, vid. Küng, H. y Jens, W., *Morir con dignidad. Un alegato a favor de la responsabilidad*, Ed. Trotta, Madri, 1997

seres humanos que *acreditam* em algo ou alguém, o que, na linguagem da ética global, equivaleria a uma espécie de *sincretismo universal*.

No primeiro capítulo, Küng diz: “Estes princípios são baseados na suposição de que a Nova Ordem Mundial não pode sobreviver sem uma ética global”. Ou seja, sem alguns princípios éticos novos a serviço do projeto político de dominação. É a religião a serviço do poder. Os elogios do presidente do Diretório do Fundo Monetário Internacional em relação a Küng o confirmam.<sup>35</sup>

Aparentemente, a *Ética Planetária* encontra um público favorável no mundo das finanças internacionais e a *Carta da Terra* no campo internacional socialista. Mas esta é apenas uma impressão, pois os nomes de Hans Küng e Leonardo Boff e outros aparecem nas mesmas redes e nos mesmos fóruns. Na verdade, ambos os projetos têm as mesmas intenções: a subversão da ordem natural e a destruição das raízes cristãs da cultura através do relativismo moral e do igualitarismo religioso. É o homem que constrói o seu código ético em guerra aberta contra Deus – o antigo projeto das lojas maçônicas.

A *Carta da Terra* e a *Ética Planetária* não são projetos que concorram entre si; são, na verdade, alternativos ou complementares. Têm o mesmo objetivo: a demolição da Igreja Católica e a construção de outra igreja, uma caricatura a serviço da nova ordem mundial.

---

<sup>35</sup>Vid. Discurso do Sr. Horst Köhler, Presidente do Diretório Executivo e Diretor Gerente do Fundo Monetário Internacional, ante a Junta de Governadores do Fundo, Praga, 26 de setembro de 2000, Vid. IMF, *External Relations Department, Press Release*, 20-09-00.

# 4 A IMPOSIÇÃO DA REENGENHARIA ANTICRISTÃ

---

## *I. Uma religião sem dogmas. Infiltrar as religiões*

Entre as conferências do Milênio (ONU, Nova Iorque, 2000) teve lugar a *Conferência de líderes religiosos*, também chamada de *Cúpula Mundial de líderes espirituais e religiosos para a Paz*, que foi organizada pelo Secretário-Geral da ONU de então, Kofi Annan,<sup>1</sup> e uma “coalisão independente” de diferentes credos reunida por Ted Turner sob o nome de *United Religions Initiative* [Iniciativa das Religiões Unidas] (URI).

A URI condena a noção tradicional de evangelização cristã. Não tolera a catequese, uma vez que a considera “uma forma de dominação”. Confunde-se aqui com as correntes que promovem, até mesmo com uma violência anti-cristã, a volta ao paganismo e à idolatria dos chamados “povos originários”,<sup>2</sup> saturada de *panteísmo*.

O URI se manifesta contra as religiões “dogmáticas” como sendo promotoras do “fundamentalismo” e

---

<sup>1</sup>Kofi Annan delegou ao *Global Forum of Spiritual and Parliamentary Leaders* [Fórum de Líderes Espirituais e Parlamentares], financiado, entre outros, pela IPPF e por Ted Turner, a organização, com a *United Religion Initiative*, da Cúpula do Milênio de Líderes Religiosos.

<sup>2</sup>Vid. Noticias Globales (NG) n° 816, *Carta de la Tierra: peligrosa aceptación*, 23-01-07; 848, *La Carta de la Tierra* (I), 31-07-07; 958, *Bolivia: Neomarxismo indigenista. aborto y homosexualismo*, 15-02-09; 963, *Paraguay: Frenesí de la Teología de la liberación*, 12-03-09; 970, *ONU-USA: aborto y panteísmo*, 23-04-09; 974, *Bolivia: Persecución indigenista*, 21-05-09 em [www.noticiasglobales.org](http://www.noticiasglobales.org).

se declarou a favor do aborto, da liberdade sexual dos adolescentes, da legalização das uniões homossexuais e contra o crescimento “insustentável” (não-sustentável) da população.

O documento final ou Programa de Ação da Cúpula pretende *superar as religiões dogmáticas* – aquelas que ensinam princípios imutáveis – às quais são atribuídas *raízes violentas e fundamentalistas* em oposição radical à nova “civilização do diálogo, da paz e do desenvolvimento”.<sup>3</sup>

No documento final, os líderes religiosos se comprometeram a *não ensinar as verdades dogmáticas – princípios imutáveis –, a relativizar sua linguagem e a não catequizar*. A Santa Sé não assinou este Programa de Ação, já que se opõe à essência do cristianismo.

Um evento recente foi a reunião de 2004, em Amsterdã, organizada pelo governo holandês e pelo Fundo de População das Nações Unidas, em preparação ao Cairo +10, que tratou sobre “*direitos sexuais e reprodutivos, cultura e religião*”. Uma das suas conclusões, considerada como vital no documento final, foi a necessidade de investir recursos humanos e financeiros para “*convencer os líderes religiosos a democratizar seu discurso sobre direitos sexuais e direitos reprodutivos*”.<sup>4</sup>

<sup>3</sup>Vid. Noticias Globales (NG) n° 337, ONU: *Hacia una única religión universal*, 08-08-00; 338, *Hacia una única religión universal (2): El URI y la Carta de la Tierra*, 11-08-00; 341, ONU: *Hacia una única religión universal (3)*, 22-08-00; 548, ONU-USA: *Salud reproductiva es aborto (III). Algunos documentos de Bangkok (II). La infiltración en la Iglesia Católica*, 29-12-02; 732, ONU: *Dictadura relativista*, 23-08-05; 808, *Brasil: ¿hacia la nueva religión universal?*, 01-12-06; 926, ONU: *Aborto, homosexualismo y el asalto a las religiones*, 22-09-08, entre outros, [www.noticiasglobales.org](http://www.noticiasglobales.org)

<sup>4</sup>UNFPA, *Cairo and Beyond, Summary Report*, New York, 12-03-04; Amsterdam, 07/09-03-04. Ver também, FNUAP, A, *Oposição Religiosa e Política para a Saúde e para os Direitos Reprodutivos*, Nova York, 03-06-2006; UN-OMS-World Council of Churches, *Spirituality, Religion and Social Health*, Genebra 2005. Além disso, são numerosos os documentos sobre o mesmo tema, das ONGs do sistema, como, por exemplo, *Religion and Sexual and Reproductive Health and Rights: An Inventory of Organizations, Scholars, and Foundations*. A Report Prepared by The Center for Health and Social

Para este fim, em outubro de 2008 foi criada em Istambul, por iniciativa do Fundo de População – e com a participação de 100 líderes religiosos de 75 países, entre os quais representantes hindus, budistas sikhs, judeus, cristãos e muçulmanos –, a *Global Network to Fight Maternal Death, AIDS, Poverty* [Rede Global de Enfrentamento à Morte Materna, AIDS e Pobreza], que deu origem à *Global Interfaith Network on Population and Development* [Rede Interconfessional Global em População e Desenvolvimento].

## ***II. Religião e Objetivos do Milênio para o Desenvolvimento***

Foi realizada em Nova Iorque, em agosto de 2009, no âmbito da iniciativa Cairo+15,<sup>5</sup> uma mesa redonda com

---

Policy for The John D. and Catherine T. MacArthur Foundation and The Ford Foundation, January 2005; Association for Women's Rights in Development (AWID), *Resistencias y Desafíos a los Fundamentalismos Religiosos: Aprender de la experiencia*, Toronto-Ciudad de México 2008. Vid. Noticias Globales (NG) n° 548, ONU-USA: *Salud reproductiva es aborto* (III). *Algunos documentos de Bangkok. La infiltración en la Iglesia Católica*, 29-12-02 em [www.noticiasglobales.org](http://www.noticiasglobales.org)

<sup>5</sup>Depois do ano 2000 (para a revisão dos objetivos das conferências internacionais dos 90, ver nota de rodapé n° 8), as Nações Unidas abandonaram o método de convocar sessões especiais da Assembléia Geral a fim de evitar que fossem colocadas novamente questões urticantes como *aborto, saúde reprodutiva, perspectiva de gênero* etc., reeditando as polêmicas que forçaram os burocratas da ONU a fazer concessões para obter o consenso dos Estados reticentes em aceitar esses termos, e, sobretudo, para impedir que estes renovassem as reservas aos documentos das Conferências Internacionais. Por isso, quando da revisão dos quinze anos dos documentos da Conferência do Cairo (1994), chamado Cairo+15, a ONU organizou um processo que consistiu em múltiplas e sucessivas reuniões, de costa a costa do mundo inteiro, às quais acorreram apenas os adeptos de sua ideologia. Assim, por exemplo: o Fórum Global de ONGs para o Cairo+15, Berlim (agosto-setembro de 2009); a reunião do Conselho da Europa para o Cairo+15 (setembro de 2009); a Assembléia Internacional de Parlamentares (Adis Abeba, outubro de 2009, que reuniu 400 políticos e parlamentares de 115 países, na qual intervieram, sem disfarce, os representantes das internacionais do aborto, a IPPF, Marie Stopes International e Women Deliver); a reunião da Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL), Santiago do Chile, outubro de 2009. Para a Assembleia Geral da ONU, restou apenas uma comemoração dentro das sessões ordinárias, em 12 de outubro de 2009.



as instituições religiosas (*Round Table with Faith-Based Organizations*) organizada pelo Fundo de População das Nações Unidas. O motivo foi apresentado pela Diretora Executiva do Fundo, Thoraya Ahmed Obaid. *Segundo o Banco Mundial e a Organização Mundial de Saúde, disse Obaid, entre 30 a 60% dos serviços de saúde do mundo são prestados por instituições religiosas; portanto, a colaboração destas é fundamental para se alcançar as Metas ou Objetivos do Milênio para o Desenvolvimento*, especialmente aqueles que se referem a “HIV-AIDS, ao empoderamento da mulher, à saúde materna, às migrações, à ajuda humanitária, à saúde reprodutiva dos jovens e à violência de gênero”, ou seja, todos os assuntos aos quais a ONU está determinada a impor sua ideologia contrária à ordem natural.<sup>6</sup>

A Diretora Executiva do Fundo fez referência aos esforços conjuntos deste com a UNESCO, UNICEF e UNAIDS para comprometer organizações religiosas através da promoção da cultura da morte. Entre os envolvidos, Obaid cita o *Parlamento das Religiões do Mundo*,

---

<sup>6</sup>Cfr. UNFPA, *Statement at the Policy Round Table with Faith-Based Organizations* by Thoraya Ahmed Obaid, 03-08-09; UNNews, 04-08-09; UNFPA *Statement at the Policy Round Table with Faith-Based Organizations* by Thoraya Ahmed Obaid, 03-08-09; UNFPA, *Statement of Thoraya Ahmed Obaid*, 09-09-08. Vid. Noticias Globales (NG) n° 01, *Denuncias contra las Naciones Unidas*, 07-03-98; 28, *El trato a los refugiados por parte de las Naciones Unidas*, 10-05-98; 94, *Africa: La Iglesia Católica es un obstáculo para Population Action*, 29-08-98; 163, *El aborto como auxilio para los refugiados*, 19-04-99; 191, *América Central: Esterilizar a los pobres para hacer frente a los huracanes*, 28-05-99; 194, *La ONU sigue violando los derechos humanos de las refugiadas de Kosovo*, 05-06-99; 265, *ONU: Aprovecha desastres y busca líderes religiosos que apoyen planes de salud reproductiva*, 26-11-99; 493, *ONU: El aborto es política oficial para combatir la pobreza*, 11-04-02; 836, *ONU: Con las Metas del Milenio avalan el genocidio*, 03-06-07; 896, *ONU: aborto como ayuda a los refugiados*, 30-05-08 em [www.noticiasglobales.org](http://www.noticiasglobales.org) Sobre As Metas e Objetivos do Milênio para o Desenvolvimento informamos amplamente em [www.noticiasglobales.org](http://www.noticiasglobales.org) V., por exemplo, n° 854, *Guatemala-ONU: Grave denuncia del Episcopado*, 26-08-07; 932, *ONU: Metas del Milenio. Reingeniería anticristiana*, 21-10-08; 956, *ONU-USA: Los abortistas esperan a Hillary Clinton*, 14-01-09, entre outros.

*Sisters in Islam* [Irmãs no Islã] e a *Women's Initiative for Spirituality* [Iniciativa das Mulheres pela Espiritualidade] na região da Ásia e do Pacífico; na América Latina, destaca a influência do *Berkley Center's Program on Religion and Global Development* [Programa do Centro Berkley em Religião e Desenvolvimento Global], da Universidade de Georgetown, e também o trabalho de uma subdivisão do *Fundo de População* chamada *Gender, Human Rights and Culture Branch* [Subdivisão de Gênero, Direitos Humanos e Cultura], que apóia a *Global Interfaith Network*.

A pressão sobre as religiões é múltipla. Por exemplo, este ano (2011) o ex-presidente dos EUA, Jimmy Carter, deixou a *Convenção Batista do Sul*, após passar 60 anos como seu membro, porque essa denominação não permite que as mulheres exerçam ministérios sagrados. Carter anunciou que iria lutar junto com Kofi Annan, o bispo anglicano Desmond Tutu, Fernando H. Cardoso e os outros nove membros do grupo chamado *The Elders* [os Anciãos] para que as religiões não discriminem as mulheres. *The Elders*, presidido por Nelson Mandela, se apresenta como um grupo de 12 líderes mundiais idosos que, entre outras coisas, *propõe o acesso das mulheres ao ministério sagrado das denominações cristãs*.

Pertence ao grupo *Mary Robinson*, ex-presidente da Irlanda e ex-Alto Comissário de Direitos Humanos da ONU; é ela porta-voz do pseudo-direito ao aborto, representante do lobby gay internacional e *alma mater* dos Princípios de Yogyakarta; além disso, preside a *Ethical Globalization Initiative* [Iniciativa de Globalização Ética]. Também membro do *The Elders*, Gro Brundtland, ex-primeira-ministra da Noruega, organizadora da comissão de Meio Ambiente e Desenvolvimento da ONU, ex-diretora-geral da Organização Mundial da Saúde (OMS) e fundadora da Comissão sobre Governança Glo-

bal, é abortista e pró-gay.<sup>7</sup> *The Elders* compartilha cargos de direção e é financiada pela *Open Society* [Sociedade Aberta] de *George Soros*.

Para colocar as religiões a serviço da nova ordem não são poupados meios, pressionando-se-as externa e internamente para que mudem seus princípios morais e sua disciplina. Os funcionários da nova ordem pouco se importam com as crenças religiosas; são apenas um instrumento para impor uma nova ética ou uma *religião universal* que consinta, por um lado, no *relativismo moral* e, por outro, na *idolatria da lei positiva* – a lei civil –, o que é fruto de consensos parlamentares ou políticos que vão mudando ao longo do tempo para servir aos interesses de quem esteja no poder. Obviamente, o grande inimigo deste programa é a doutrina imutável de Jesus Cristo anunciada aos homens pela Igreja Católica. Daí o assédio contínuo por ela sofrido.

### III. Sincretismo religioso a serviço do poder

O binômio *relativismo-positivismo jurídico* é uma clara manifestação da “*aliança da democracia com o relativismo ético [...] que remove da convivência civil qualquer ponto seguro de referência moral, despojando-a radicalmente do reconhecimento da verdade*”, como nos advertiu João Paulo II. Esta aliança “*converte-se facilmente num totalitarismo aberto ou dissimulado*”.<sup>8</sup>

No caso específico da religião, o *relativismo*, além de combater qualquer verdade imutável, promove o indiferentismo religioso: “*não importa no que se acredita,*

---

<sup>7</sup>Vid Noticias Globales (NG) n° 990, *Nelson Mandela, máscara de otra logia*, 06-08-09 y sus referencias; 991 USA: *Obama premia a abortistas y homosexuales*, 10-08-09 em [www.noticiasglobales.org](http://www.noticiasglobales.org). Em *El Desarrollo Sustentable. La Nueva Ética Internacional*, tratamos amplamente sobre *Mary Robinson*, pp. 24, 150, 188, 207-209; e sobre *Gro Brundtland*, pp. 23-26, 53-55, 75-75, 113, 300.

<sup>8</sup>Cfr. João Paulo II, Enc. *Veritatis Splendor*, n° 101, 6 de Agosto de 1993.

o importante é acreditar em alguma coisa”; no pior dos casos, fomenta o *sincretismo*, a mistura de diferentes tradições religiosas.

Muito antes da criação de redes inter-religiosas que apóiem seus objetivos, todas as reuniões internacionais das Nações Unidas são acompanhadas por fóruns e reuniões menores de *líderes religiosos*.<sup>9</sup> Os participantes podem ser menos ou mais relacionados com a burocracia da ONU. Entre as aparentemente alheias à estrutura da ONU, mas trabalhando lado a lado com ela, é importante ter em conta a organização religiosa *Global Faith-Based Organization Forum on Multi-religious Cooperation for Humanitarian Relief, Development and Peace* [Fórum de Organização Global baseado na Fé sobre a Cooperação Multi-religiosa para a Ajuda Humanitária, o Desenvolvimento e a Paz],<sup>10</sup> que depende da organização *Religiões para a Paz (Religions for Peace)*, cujo presidente emérito, agora moderador internacional, é o príncipe El Hassan bin Talal da Jordânia, que foi presidente do *Clube de Roma* e membro da *Iniciativa Carta da Terra*.<sup>11</sup>

<sup>9</sup>Vid. por exemplo, Noticias Globales (NG) n° 142, ONU-El Cairo+5: *Imponer a toda costa el plan de accion de 1994*, 17-01-99; 143, ONU: *Algunas notas para entender El Cairo+5*, 21-01-99; 548, ONU-USA: *Salud reproductiva es aborto (III). Algunos documentos de Bangkok (II). La infiltración en la Iglesia Católica*, 28-12-02 em [www.noticiasglobales.org](http://www.noticiasglobales.org)

<sup>10</sup>Vid. por ejemplo, Noticias Globales (NG) n° 142, ONU-El Cairo+5: *Imponer a toda costa el plan de accion de 1994*, 17-01-99; 143, ONU: *Algunas notas para entender El Cairo+5*, 21-01-99; 548, ONU-USA: *Salud reproductiva es aborto (III). Algunos documentos de Bangkok (II). La infiltración en la Iglesia Católica*, 28-12-02 [www.noticiasglobales.org](http://www.noticiasglobales.org)

<sup>11</sup>Em alguns textos *Religions for Peace* aparece traduzido como *Religiones por la Paz*. Seu nome completo é *World Conference of Religions for Peace (WCRP)*. Sua relação com a *Carta da Terra* pode ser vista em *The Earth Charter and Religion. Toward an ECI Program on Religion and Sustainability*, 2 April 2007. Produced by Earth Charter International Center for Strategy and Communications, Stockholm, Sweden. Prepared by Michael Slaby, Inter-Faith Coordinator and Alan AtKisson, Executive Director. Vid. Noticias Globales (NG) n° 889, *España: Declaración de Montserrat. La religión universal. La reingeniería de las religiones. La Carta de la Tierra y la Alianza de las Civilizaciones: sincretismo universal*, 18-04-08 em [www.noticiasglobales.org](http://www.noticiasglobales.org)

A organização *Religiões para a Paz* apoiou na ONU a criação da *nova religião universal* para “uma nova era, a idade de ouro da harmonia e prosperidade, da paz e da justiça.”<sup>12</sup> O texto mistura passagens bíblicas de Isaías, as profecias de Zoroastro, as promessas do Alcorão, a *Visão Sikh*, a Doutrina *Jain* e as teorias de Confúcio e do budismo; o taoísmo, o *Bhagavad-Gita*, o xintoísmo, o *Bahá’í* e religião *Sioux*: é a consagração internacional do sincretismo religioso.<sup>13</sup>

Entre os quarenta e dois co-presidentes do *Conselho Mundial de Religiões para a Paz*, chama especialmente atenção a presença de três cardeais da Igreja Católica e alguns bispos, além de outras personalidades católicas, como *Karen M. Hurley*, presidente da *World Union of Catholic Women’s Organizations* [União Mundial das Organizações de Mulheres Católicas]. Outro cardeal aparece entre os *Moderators of religions for peace affiliated region* [região afiliada de Moderadores de Religiões pela Paz].

A organização *Religiões pela Paz* recebe financiamento, por exemplo, de *Catholic Relief Services*; *Latin American and Caribbean Regional Offices*; *Maryknoll Fathers and Brothers*; *UN Millennium Campaign*; *USAID*; *UNESCO*; *UNICEF*; *FNUAP*; *UNIFEM*; e *PNUD*.<sup>14</sup>

Em novembro de 2009, houve um encontro singular no Castelo de Windsor. Os organizadores foram a *Alliance of Religions and Conservation* [Aliança das Religiões e Conservação] (ARC), uma organização presidida pelo príncipe Philip de Edimburgo, e o Secretário-Geral das

<sup>12</sup>Cfr. UN, *The Millennium NGO’s Forum Declaration*, New York, 18-05-00; Terra Viva, *Special Edition*, 26-05-00

<sup>13</sup>Cfr. Sanahuja, Juan C., *El Desarrollo Sustentable. La Nueva Ética Internacional*, cit. pp. 128 y ss. Vid. Noticias Globales (NG) n° 926, ONU: *Aborto, Homosexualismo y el asalto a las religiones*, 22-09-08 em [www.noticiasmglobales.org](http://www.noticiasmglobales.org)

<sup>14</sup>Cfr. <http://www.wcrp.org/about/board/worldcouncil>. Cfr. Roccella, E. y Scaraffia, L., *Contro il cristianesimo. L’ONU e l’Unione Europea come nuova ideologia*, Piemme 2005, p. 54

Nações Unidas, Ban Ki-moon.

Participaram “representantes de todas as crenças religiosas” que assinaram “o primeiro grande compromisso internacional pela conservação do meio ambiente – no qual todas as religiões estão envolvidas – que visa moldar o comportamento e as atitudes dos fiéis, a fim de proteger a natureza para as gerações futuras”. Este *grande compromisso* pretende ser o *contributo das religiões* para a XV Conferência Internacional sobre Mudança Climática em Copenhague, organizada pela ONU, de 7 a 18 de dezembro de 2009.

Os compromissos de Windsor, *The Windsor commitments*, ocupam um volume de quase 200 páginas intitulado *Many Heavens, One Earth: faith commitments to protect the living planet* [Muitos Céus, Uma Terra: compromissos da fé para proteger o planeta vivo]. Basta o título da publicação para facilmente se perceber como seus signatários estão tomados de um sincretismo panteísta, ainda que tentem esconder – já que cada um dos signatários se compromete a implantar em suas comunidades um plano de ação pretensamente compatível com a sua própria doutrina.

Os não cristãos que estão envolvidos nos compromissos são os seguintes: a religião *Bahá’í*, o Budismo, o Taoísmo, o Hinduísmo, o Islamismo, o Judaísmo, o Xintoísmo, a seita *sikh* e os grupos sincretistas *Greenfaith* [Fé verde], *Operation Noah* [Operação Noé] e *Regeneration Project (Interfaith Power and Light)* [Projeto Regeneração (Poder e Luz Interconfessional)].

Entre os cristãos não católicos estão a Igreja da Inglaterra, a Igreja Apostólica Armênia, a Igreja Ortodoxa Autocéfala da Polônia, a Igreja da Noruega, os *quakers* do Reino Unido e várias denominações cristãs da Ásia e África.

Instituições católicas também estão envolvidas: *Australian Catholic Bishops’ Conference* [Conferência Episcopal Católica Australiana]; *Catholic Bishops’ Conferen-*

*ce of England and Wales* [Conferência Episcopal Católica da Inglaterra e Gales]; *Franciscan Family* [Família Franciscana]; *Society of Jesus (Jesuits)* [Sociedade de Jesus (Jesuítas)], *Roar (Religious Organizations Along the River-USA)* [Coalisão Católica Americana ao Longo do Rio – EUA], a *Benedictine Order of Catholic monks and nuns* [Ordem Beneditina de Monges e Monjas Católicos]; e *US Catholic Coalition on Climate Change* [Coalisão Católica Norte-americana em Mudança Climática]. Esta última reúne treze instituições, incluindo dois departamentos da Conferência Episcopal dos EUA. Em alguns desses programas é muito difícil distinguir a fé católica do culto da terra; por exemplo, nas jornadas de oração pelo Dia da Terra, que algumas escolas católicas na Grã-Bretanha celebram. Em outros casos, tal como o texto expressa, pareceria que os modelos ecológicos de construção de escolas, igrejas e capelas, ou *green programs* [programas verdes] aplicados ao ensino católico, à formação das vocações religiosas ou à *salvação* do rio Hudson, fazem parte da fé e da moral da Igreja.

Os *The Windsor commitments* foram adotados pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) e apoiados pelo Banco Mundial, pelo *Worldwide Fund for Nature - WWF* e outras instituições ecologistas.

#### **IV. Resposta ao indiferentismo e ao sincretismo religioso**

João Paulo II foi muito claro quando se dirigiu à Assembléia Plenária da Congregação para a Doutrina da Fé: “*Para pôr remédio a esta mentalidade relativista, é preciso reiterar, sobretudo, o caráter definitivo e íntegro da revelação de Cristo. [...] Por conseguinte, é contrária à fé da Igreja a tese acerca do caráter limitado da revelação de Cristo, que encontraria seu complemento nas outras religiões. [...] Efetivamente, é errôneo considerar a Igreja como um caminho de salvação ao lado daqueles consti-*

*tuídos por outras religiões, que seriam complementares à Igreja e convergentes com esta rumo ao Reino escatológico de Deus. Portanto, deve-se excluir uma certa mentalidade de indiferentismo ‘caracterizada por um relativismo religioso, que considera que uma religião vale por outra’ (Redemptoris missio, 36)”.*<sup>15</sup>

Em cinco de setembro de 2000, a Congregação para a Doutrina da Fé apresentou a declaração *Dominus Iesus*<sup>16</sup> sobre a unicidade e universalidade salvífica de Jesus Cristo e da Igreja. A relação da declaração com a avalanche dos novos paradigmas éticos e, especialmente, com a imposição do sincretismo e da indiferença religiosa é mais do que clara.

O Cardeal Ratzinger, assinalando as diferenças da fé cristã para esclarecer a confusão do igualitarismo, do indiferentismo e do sincretismo religioso, afirma: “Cristo é totalmente diferente de todos os fundadores das outras religiões e não pode ser reduzido a um Buda ou a Sócrates ou Confúcio. É realmente a ponte entre o céu e a terra, a luz da verdade que apareceu para nós”.<sup>17</sup>

## **V. O panteísmo como pensamento único**

O *Parlamento Catalão das Religiões*, que depende do *Parlamento das Religiões do Mundo*, disse em 2007: “Nós proclamamos que ‘a proteção da vitalidade, diversidade e beleza da Terra é um dever sagrado’. Outro mundo será possível se nós, seres humanos, formos capazes de expressar plenamente a Deus, a Última Realidade, o

<sup>15</sup>Cfr. Noticias Globales (NG) n° 293, *Juan Pablo II: Sólo la Iglesia Católica es sacramento universal de salvación*, (Discurso aos participantes da Assembleia Plenária da Congregação para a Doutrina da Fé 28-01-00), 02-02-00 em [www.noticiasglobales.org](http://www.noticiasglobales.org).

<sup>16</sup>Noticias Globales (NG) n° 343 y 344, *Las religiones mundiales no son complementarias a la revelación* (1 y 2), 05-09-00 em [www.noticiasglobales.org](http://www.noticiasglobales.org).

<sup>17</sup>Cfr. Ratzinger, J., Conferencia na Universidade Católica Santo Antonio de Murcia (UCAM), publicada por Zenit em 01-12-02.



*todo do qual fazemos parte. Movidos pela fé, a esperança e o amor que brotam da espiritualidade e da experiência religiosa particular, queremos aprofundar o diálogo inter-religioso, intercultural e interinstitucional sincero e responsável sobre o destino da Terra e da humanidade. É urgente e insubstituível, portanto, promover a ‘educação moral e espiritual para uma vida sustentável’.[...] Por tudo isso, estamos empenhados em ‘cuidar da Terra e abraçar a vida’ através do estudo, da difusão e da aplicação efetiva dos princípios da Carta da Terra; promover uma ‘mudança de mente e coração’, começando por cada um de nós, revendo atitudes, preconceitos, pensamentos e comportamentos, e comprometendo-nos a melhorar o nosso contexto específico e, ao mesmo tempo, o global; fortalecer a nossa própria espiritualidade e sentido do sagrado, sabendo que é aí que reside a reforma moral dos indivíduos e das comunidades; defender e promover o pleno respeito pela liberdade religiosa como uma parte essencial do bem comum, bem como o diálogo inter-religioso, ‘porque temos muito a aprender na busca conjunta pela verdade e pela sabedoria’; exercer uma ‘liderança criativa’ entre diferentes indivíduos e comunidades religiosas e cívicas para superar os desafios ambientais e sociais contemporâneos; ‘unir-nos para criar uma sociedade global sustentável baseada no respeito pela natureza, nos direitos humanos universais, na justiça econômica e na cultura da paz’; e, finalmente, instar os poderes públicos a legislar e agir seguindo os chamados *Objetivos de Desenvolvimento do Milênio*”.*

<sup>18</sup>Cfr. Noticias Globales (NG) n° 848, *La Carta de la Tierra* (I), 31-07-07; 850, *La Carta de la Tierra* (II). *El retorno de los brujos*, 14-08-07; 851, *La Carta de la Tierra* (III). *La religión universal*, 27-08-07; 855, *La Carta de la Tierra* (IV), 03-09-07; 859, *Argentina: La Carta de la Tierra* (V), 26-09-07; 862, *España: La Carta de la Tierra* (VI), 08-10-07; 863, *México: Carta de la Tierra* (VII). 13-10-07; 869, *España: Carta de la Tierra* (VIII), 14-11-07; 891, ONU: *Día de la Tierra. Volver al paganismo*, 21-04-08; 944, *Holanda: La tiranía ecologista*, 08-12-08; em [www.noticiasmglobales.org](http://www.noticiasmglobales.org). Sobre as Metas e Objetivos do Milênio

Ou seja, tudo isso a serviço *da reengenharia social anti-cristã* para impor os *novos direitos humanos* - aborto, contracepção, eutanásia (*morte digna*), homossexualismo -, *a perspectiva de gênero e o ideologismo ecologista*, infectado de panteísmo. Um único pensamento para servir a uma nova ordem política.<sup>19</sup>

## VI. O moralismo político

Leonardo Boff, como *Comissário da Carta da Terra*, afirma: “Cresce a consciência de que temos uma única casa comum: o planeta Terra. Além disso, *como espécie, formamos uma humanidade única e somos parte da Terra. ‘Somos a própria Terra que, em um momento de sua evolução, começou a sentir, pensar e amar’*”.<sup>20</sup> E, em Buenos Aires, afirmou: “*A espécie humana está condenada a fazer o que faz porque é um parasita da terra [...] é muito melhor para a Terra que esse câncer desapareça. A Terra pode continuar tranqüila desenvolvendo outra forma de vida. A infraestrutura biológica é candidata a nos suceder porque é portadora de espiritualidade. [...] As religiões abraâmicas são as mais violentas, porque acreditam ser portadoras da verdade, como o Papa em Ratisbona. O que é necessário é a espiritualidade, não*

---

para o Desenvolvimento, informamos amplamente em [www.noticiasglobales.org](http://www.noticiasglobales.org), ver por exemplo, nº 836, ONU: *Con las Metas del Milenio avalan el genocidio*, 02-06-07; 854, Guatemala-ONU: *Grave denuncia del Episcopado*, 26-08-07; 932, ONU: *Metas del Milenio. Reingeniería anticristiana*, 21-10-08; 956, ONU-USA: *Los abortistas esperan a Hillary Clinton*, 14-01-09, entre outros.

<sup>19</sup>A este respeito é muito ilustrativa a conferência de Michel Schooyans na Assembleia da Pontifícia Academia de Ciências Sociais pronunciada em 1 de maio de 2009, *O Messianismo reinterpretado*, publicada no blog de Sandro Magister, vid <http://chiesa.espresso.repubblica.it/articolo/1338321?sp=y>, que incluímos como anexo.

<sup>20</sup>Cfr. Barros, Marcelo, *Leonardo Boff. Uma Agenda para a cidadania universal*, Adital, 02-10-07. Além de Leonardo Boff, Federico Mayor Zaragoza é outro dos comissionados da Carta da Terra.

*os credos e as doutrinas*".<sup>21</sup>

Nestas palavras de Boff encontramos uma das chaves para o discernimento: *o que é necessário é a espiritualidade, não os credos e as doutrinas*. O que chamam de espiritualidade? Um conjunto de sentimentos mutáveis, sem fundamento na verdade, aos quais se atribui valor conforme as circunstâncias.

Para tanto a *Nova Era* empresta seu vago espiritualismo, no qual a religião é expressa de maneira ligeira, leviana; é o religioso *light*, porque se tenta viver uma religiosidade sem dogmas, sem estruturas, sem hierarquias, sem morais rigorosas.<sup>22</sup>

Como conseqüência de contrapor a espiritualidade à doutrina, essa visão avaliza ou - o que é pior - busca a perversão das crianças, a contracepção, o aborto, a eutanásia, as pesquisas com embriões humanos, a injusta legitimação jurídica de casais do mesmo sexo, etc. A falsa espiritualidade da nova ordem é compatível com que se incuta nas crianças, desde os cinco anos, a normalidade da homossexualidade e da masturbação, e também compatível com sua instrução no uso de preservativos e da pílula do dia seguinte, persuadindo-as de que o aborto é um *direito*, tal como proposto pela UNESCO.

Em relação ao plano da UNESCO, é sabido que na Espanha, como conteúdo da matéria *Educação para a Cidadania*, para crianças entre dez e onze anos, o Ministério da Educação recomenda *educá-las na inocuidade do sexo anal e do sexo oral e instruí-los no uso de preservativos saborizados*. O mesmo se dá no México,

<sup>21</sup>Cfr. Noticias Globales (NG) n° 808, *Brasil: ¿Hacia la nueva religión universal?*, 01-12-06 en [www.noticiasglobales.org](http://www.noticiasglobales.org). Temos em nosso arquivo a gravação da conferência citada de L. Boff em Buenos Aires.

<sup>22</sup>Para a questão da *Nova Era* é imprescindível estudar o documento da Santa Sé, "*Jesu Cristo. Portador da Água da Vida*". Cfr. Conselho Pontifício da Cultura e Conselho Pontifício para o Diálogo Interreligioso, Roma, 3 de fevereiro de 2003.

onde conteúdos semelhantes são encontrados na *Cartilha Nacional de Saúde para Adolescentes de dez a dezenove anos*, publicada pelo governo em 2009.<sup>23</sup>

Não nos enganemos: em muitos documentos, tanto da ONU como de organizações afins, incluídos no *diálogo inter-religioso-cultural* a serviço do poder político, aparecem as palavras *paz, justiça, equidade, dignidade, compaixão, tolerância, solidariedade, respeito à pluralidade, o cuidado das crianças* e assim por diante, mas esta é uma estratégia para dar uma aparente sustentação pseudo-espiritual à tirania relativista. Por trás dessa linguagem, que aparentemente proclama propósitos elevados - às vezes, tão geral que parece desprovida de conteúdo -, devemos aprender a ver a justificativa das múltiplas aberrações resultantes da negação de verdades imutáveis e transcendentais.

Ao mesmo tempo, o *moralismo político* provoca sérios problemas de adesão à fé dentro da igreja, mascarando uma doutrina que não é católica com termos e modos de falar que excluem Cristo, o centro do mistério cristão. “O moralismo político, como temos vivido e ainda estamos vivendo, não só não abre o caminho para uma regeneração mas a impede. O mesmo se pode dizer de um cristianismo e uma teologia que reduzem o coração da mensagem de Jesus, o Reino de Deus, aos valores do Reino, identificando estes valores com as grandes palavras-chave do moralismo político e proclamando-as, ao mesmo tempo, como síntese das religiões. No entanto, Deus é assim esquecido, embora ele seja o sujeito e a causa do Reino de Deus. Em seu lugar, ficam grandes palavras (e

---

<sup>23</sup>Cfr. UNESCO, *International Guidelines on Sexuality Education: An evidence informed approach to effective sex, relationships and HIV/STI education*, Paris 2009, vid. Noticias Globales (NG) n° 995, ONU-UNESCO: *plan de perversion sexual desde los 5 años*, 01-09-09 em [www.noticiasglobales.org](http://www.noticiasglobales.org). Vid. Profesionales por la Ética, *Educación para la Ciudadanía en Primaria. Claves de la assinatura*, Madri, 01-09-09.

valores) que se prestam a qualquer tipo de abuso”.<sup>24</sup>

Em todos os âmbitos o relativismo ético, em aliança com a democracia, aparece hoje como o inimigo mais importante da fé cristã. Como disse o Cardeal Ratzinger, “o relativismo tornou-se assim o problema central da fé no tempo atual” e, em particular, a chamada *teologia pluralista das religiões*, que, “por um lado, é um produto típico do mundo ocidental e das suas concepções filosóficas, mas, por outro lado, põe-se em contato com as instituições filosóficas e religiosas da Ásia, sobretudo com aquelas do subcontinente indiano”.<sup>25</sup>

Para o relativismo, “afirmar que existe realmente uma verdade vinculante e válida na própria história, na figura de Jesus Cristo e da fé da Igreja, é considerado um fundamentalismo que se apresenta como um autêntico atentado contra o espírito moderno e como uma ameaça multiforme contra o seu bem principal, ou seja, a tolerância e a liberdade. Também o conceito de diálogo, que na tradição platônica e cristã tinha adquirido uma função significativa, assume agora um sentido diferente. Torna-se até mesmo a quintessência do Credo relativista e o oposto da “conversão” e da missão. Em sua acepção relativista, dialogar significa colocar a atitude própria, isto é, a própria fé, no mesmo nível das convicções dos outros, sem a considerar, por princípio, mais verdadeira do que a opinião dos demais. Apenas se eu suponho verdadeiramente que o outro pode ter tanta ou mais razão do que eu se realiza, em verdade, um diálogo autêntico. Segundo esta concepção, o diálogo deve ser um intercâmbio entre posições que têm fundamentalmente a

<sup>24</sup>Cfr. Ratzinger, J., *A Europa na crise das culturas*, 01-04-05. Conferência do Cardeal Ratzinger em Subiaco, publicada pela agência Zenit.

<sup>25</sup>Cfr. Ratzinger, J., *Situación actual de la fe y la teología*. Conferencia en el encuentro de presidentes de comisiones episcopales de América Latina para la doctrina de la fe, celebrado en Guadalajara (México), L'Osservatore Romano, ed. cast. 01-11-96. Vid. Ratzinger, J., *Igreja e Modernidade*, cit. pp. 86-92.

mesma categoria e, portanto, são mutuamente relativas, com a finalidade de alcançar o máximo de cooperação e de integração entre as várias concepções religiosas”<sup>26</sup>.

O relativismo, que leva à apostasia, pretende abarcar tudo porque tem uma vocação totalitária. Para o relativismo somos *fundamentalistas* quando anunciamos como conteúdo inseparável do seguimento de Cristo *verdades imutáveis* como, por exemplo, aquelas que Bento XVI quis ressaltar enunciando “os princípios não negociáveis, que são as diretrizes que nunca podem ser revogadas ou deixadas à mercê de consensos partidários na configuração cristã da sociedade: a família fundada no matrimônio entre um homem e uma mulher, a defesa da vida humana desde a concepção até à morte natural e os direitos dos pais de educar seus filhos”.<sup>27</sup>

## VII. A diversidade ou igualitarismo cultural

Lembremos que no final dos anos 80 e início dos 90 a UNESCO começou a promover uma ética universal de valores relativos. Uma de suas últimas etapas é inaugurada com o projeto *Nossa Diversidade Criativa, Uma Ética Global para a Governança Global* (1991), o qual é o fundamento para a “ética global e a democracia, [que] são baseadas nos novos direitos humanos, formulados nas normas das últimas conferências internacionais, que devem informar o debate sobre mulheres, gênero, cultura e meio ambiente, para formular novas políticas para o desenvolvimento humano sustentável”.<sup>28</sup>

Este processo terminou com a *Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural* (2001)<sup>29</sup> e se concre-

<sup>26</sup>Ibid.

<sup>27</sup>Cfr. Benedicto XVI, *Aos participantes de algumas jornadas de estudo sobre a Europa, organizadas pelo partido popular europeu*, 30-03-06.

<sup>28</sup>Cfr. Sanahuja, J. C., *El Desarrollo Sustentable. La Nueva Ética Internacional*, cit. pp. 107-113.

<sup>29</sup>Estão relacionados com este processo a Declaração e Programa de Ação sobre

tizou na *Convenção sobre a Proteção e a Promoção da Diversidade das Expressões Culturais* (2005). A Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural diz: “A cultura deve ser considerada como o conjunto dos traços distintivos espirituais e materiais, intelectuais e afetivos que caracterizam uma sociedade ou um grupo social e que engloba, além de arte e literatura, estilos de vida, modos de conviver, sistemas de valores, tradições e crenças”. As identidades culturais são “plurais, variadas e dinâmicas.” Não devemos esquecer que, na linguagem das Nações Unidas, naquilo que chamam de valores culturais, estão incluídas as crenças religiosas. Assim, de acordo com este ponto de vista, a cultura cristã é comparável ao *estilo de vida homossexual, aos códigos de conduta para os grupos marginalizados* e às práticas pagãs do indigenismo. Como essa coexistência é impossível, a *diversidade cultural* substitui - destrói por substituição - a visão cristã pela *nova ética universal*. Em algumas ocasiões, como por exemplo atualmente na Bolívia e no sul da Argentina e do Chile, o respeito à diversidade cultural se transforma em arma violenta nas mãos do *indigenismo neomarxista*.

A pretensão da UNESCO de erigir seu projeto como paradigma da nova espiritualidade era evidente na apresentação do Ano Internacional da Paz, escrita na linguagem inconfundível das lojas maçônicas: “O ano de 2000 deve ser um novo começo para todos nós. Juntos, podemos transformar a cultura da guerra e da violência em

---

uma Cultura de Paz, que, aprovados em 1999 pela Assembléia Geral da ONU, foram promovidos desde dentro da UNESCO por Federico Mayor Zaragoza e Javier Pérez de Cuellar, ex-Secretário Geral da ONU, vinculado à maçonaria e membro - como o próprio Mayor Zaragoza - da Cruz Verde Internacional, ONG de Mikhail Gorbachev, um dos espaços onde se originou a Carta da Terra. Mayor Zaragoza criou no próprio seio da UNESCO a Comissão Cultura e Desenvolvimento, sob a direção de Pérez de Cuellar, a qual dá origem à Declaração e Programa de Ação sobre uma Cultura de Paz apresentados pela UNESCO à Assenbléia Geral com o nome de *Manifesto 2000. Para uma Cultura de Paz e Não-Violência*.

uma cultura de paz e de não violência. Esta evolução exige a participação de cada um de nós e dá aos jovens e às futuras gerações valores que os ajudem a construir um mundo mais digno e harmonioso, um mundo de justiça, solidariedade, liberdade e prosperidade. A cultura da paz torna possível o desenvolvimento duradouro, a proteção do meio ambiente e a satisfação pessoal de cada ser humano”.<sup>30</sup>

### **VIII. Conduta única, discurso único**

O relativismo ético impõe a renúncia às convicções próprias. Aquela que parece ser a ideologia da tolerância máxima não admite dissensão, e a ideologia da exaltação dos valores universais, que a *síntese da máxima cooperação e integração entre as formas respeitadas de religião* alcança, dá margem às maiores aberrações. Resenharemos apenas alguns exemplos dos últimos anos, entre os diversos que temos documentado.

A tirania do pensamento único, em nome da liberdade e dos direitos humanos, tem trabalhado para abolir a objeção de consciência na classe médica em relação ao aborto, à esterilização, à inseminação artificial, à eutanásia; pretende obrigar legalmente os seguros de saúde de associações católicas a fornecerem contraceptivos e abortivos e os hospitais católicos a fazerem abortos cirúrgicos e esterilizações. Como o governante ilustrado que concedia uma graça a seus súditos, são criados *registros de objetores de consciência*, ainda que agrupar os profissionais de saúde dessa forma seja claramente *discriminatório*: “daí a colocar uma estrela amarela (ou ‘chip’, para poupar suscetibilidades) em seu avental não está muito longe”, diz Juan Manuel Valdes Molin, da *Associação para a Defesa do Direito à Objeção de Consciência* (ANDOC).

<sup>30</sup>Cfr. Noticias Globales (NG) n° 256, ONU: *Año Mundial de la Paz. La Carta de la Tierra y la Ética Planetaria*, 16-11-99 em [www.noticiasglobales.org](http://www.noticiasglobales.org)



Os legisladores colonizados pela mentalidade relativista conseguiram *fazer desaparecer de muitas leis o pátrio poder, os direitos e deveres dos pais de educar seus filhos segundo suas próprias convicções éticas e religiosas*: o médico precisa de uma permissão dos pais para colocar um piercing ou fazer um buraco na orelha de uma adolescente, mas não para lhe entregar um contraceptivo ou um hormônio abortivo ou para a colocação de um DIU, ou mesmo para submetê-la a um aborto cirúrgico.

A nova ordem exige que a fé religiosa não tenha a menor visibilidade: uma comissária de bordo ou uma enfermeira que use uma cruz no pescoço ou que diga a um doente que rezará por ele perde o trabalho; assim, a nova ordem pretende remover as cruzes dos espaços públicos, incluindo os cemitérios dos veteranos de guerra; um padre é punido por tocar os sinos de sua igreja; organizam-se ataques contra a presença de crucifixos nas salas de aula e nos tribunais; proíbe-se, na época do Natal, a representação do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo em praças, lojas e até mesmo no jardim de lares cristãos.

A nova ideologia coloca o *poder de coerção do estado a serviço da observância de leis civis iníquas visando à aceitação social da homossexualidade*: removem juizes e tabeliões que se recusam a testemunhar a pantomima de um *casamento* entre homossexuais; médicos e psicólogos são submetidos a um verdadeiro linchamento social quando se atrevem a afirmar que a homossexualidade é uma doença ou um distúrbio de comportamento; um arcebispo que prega sobre o texto da Carta aos Romanos 1, 20-27 (“do mesmo modo, também os homens, deixando o uso natural da mulher, arderam nos seus desejos mutuamente”) é processado por discriminação e homofobia; outro prelado é levado ao tribunal por ter impedido que um notório homossexual fosse acólito na santa missa; a

remoção do diretor de uma escola católica que se “casa” com o seu parceiro do mesmo sexo é impedida por leis *anti-discriminação*; bombeiros que se recusam a participar de uma *marcha do orgulho gay* são punidos, assim como uma associação católica que nega suas instalações para a celebração de um “casamento” entre lésbicas; médicos que se recusam a fazer fertilização artificial (*in vitro*) em lésbicas por as considerarem incapazes de criar uma criança são levados a julgamento; agências de adoção católicas são fechadas porque não aceitam a obrigação *legal* de entregar crianças aos homossexuais etc.

Em 2005 o Cardeal Ratzinger, sobre este ponto, afirmava: “O conceito de discriminação é cada vez mais alargado, e assim a proibição da discriminação pode se transformar gradualmente em uma limitação da liberdade de opinião e da liberdade religiosa. Logo não se poderá dizer que a homossexualidade é uma desordem objetiva na estruturação da existência humana, como ensina a Igreja Católica. [...] A confusa ideologia de liberdade conduz ao dogmatismo, que se tem revelado cada vez mais hostil à liberdade.”<sup>31</sup>

### ***IX. Para uma nova Constituição Civil do Clero***

Dom Jean Laffitte alerta para a *sociedade tolerante* que impõe um único pensamento, tomando como exemplo a *Constituição Civil do Clero* da Revolução Francesa. Em três anos, os teóricos da *tolerância* prepararam o caminho para o estabelecimento do reinado do terror. O clero era obrigado a jurar a Constituição Civil do Clero, que colocou a Igreja Católica a serviço do poder revolucionário, inaceitável para um bom padre. Aqueles que permaneceram fiéis à sua fé e ao seu ministério e se recusaram a jurar fidelidade à Constituição, considerados refratários, foram martirizados ou foram para o exílio

<sup>31</sup>Cfr. Ratzinger, J., *Europa na Crise das Culturas*, cit.

ou para a clandestinidade, perdendo seus direitos civis e todos os seus bens.<sup>32</sup>

Nós nos perguntamos se não estamos entrando em uma situação semelhante à da Revolução Francesa. Notamos a tirania do pensamento único; temo-lo vivenciado nos questionamentos ao Papa Bento XVI sobre questões como a homossexualidade e a prevenção da AIDS<sup>33</sup>. Pastores foram intimidados para se calarem, e Deus permita que todos nós permaneçamos fiéis a Jesus Cristo. Ratzinger diz com razão que “o relativismo é o novo rosto da intolerância [...] Diria que hoje realmente há uma dominação do relativismo. Quem não é relativista parece que é alguém intolerante. Pensar que se pode compreender a verdade essencial basta para ser visto como alguém intolerante. Mas, na realidade, esta exclusão da verdade é um tipo de intolerância muito grave e reduz as coisas essenciais da vida humana ao subjetivismo”.<sup>34</sup>

João Paulo II nos ensinou que para sermos fiéis a Jesus Cristo “às vezes as escolhas feitas são difíceis e podem exigir o sacrifício de posições profissionais consolidadas ou a renúncia a legítimas perspectivas de crescimento na carreira profissional”.<sup>35</sup> Estas palavras dirigidas aos profissionais de saúde são aplicáveis a todos os cidadãos que exercem uma profissão em qualquer campo da sociedade civil e também aos sacerdotes e aos consagrados. Já existem muitos exemplos de leigos e clérigos marginalizados

<sup>32</sup>Cfr. Laffitte, J., *Storia dell'obiezione di coscienza e differenti accezioni del concetto di tolleranza*, em Pontificia Academia Pro Vita, *La coscienza cristiana a sostegno del diritto alla vita*, Ed. Vaticana, 2008, pp. 116-117. Dom Laffitte era vice-presidente da Academia Pontificia Pro Vita, atualmente é Secretário do Pontifício Conselho para a Família.

<sup>33</sup>Noticias Globales (NG) n° 954, *Holanda: La inquisición gay (XVII). Presionan al Papa*, 10-01-09; NG n° 965, *Bélgica: inaceptable presión sobre el Papa*, 04-04-09; NG n° 967 y 968, *Reino Unido: Tony Blair ataca a la Iglesia y al Papa*, 10-04-09 y 11-04-09 em [www.noticiasmglobales.org](http://www.noticiasmglobales.org)

<sup>34</sup>Ratzinger, J., Conferência na Universidade Católica de Múrcia (UCAM), cit.

<sup>35</sup>Cfr. João Paulo II, Enc. *Evangelium vitae*, 25 de março de 1995, n. 74.

por sua fidelidade a Cristo e à Igreja em países de antiga tradição cristã. Especificamente em setores eclesiásticos, por exemplo, diante da inescusável catequese sobre as encíclicas *Humanae vitae* e *Evangelium vitae* ou sobre o ensinamento da Igreja sobre a homossexualidade,<sup>36</sup> cabe uma pergunta: chegaremos ao dilema de fazer parte do bando de clérigos juramentados, dóceis à tirania da mentalidade contraceptiva e curvados à inquisição do lobby rosa, ou, pelo contrário, com a graça de Deus, enfrentaremos o fato de sermos clérigos não juramentados, isto é, perseguidos, marginalizados e excluídos por sermos considerados fundamentalistas?

Estamos em tempos de perseguição,<sup>37</sup> mas acima de toda consideração acomodatória a fidelidade a Jesus Cristo nos exige defender, promover, ensinar, transmitir as verdades imutáveis - os princípios inegociáveis - ainda que todos nós saibamos, leigos e clérigos, que esse caminho é humanamente inseguro, porque ao não aceitar os

---

<sup>36</sup>Por exemplo, neste momento pode ficar excluído de certas esferas clericais quem ensina que “*a própria inclinação (homossexual) deve ser considerada como objetivamente desordenada*”,” Cfr. Congregação Para a Doutrina da Fé, *Atenção Pastoral às Pessoas Homossexuais*, Roma, 1 de outubro de 1986, nº 3; Catecismo da Igreja Católica, nº 2359-2358. Portanto, suas uniões não merecem nenhum tipo de reconhecimento legal, vid. Congregação para a Doutrina da Fé, *Considerações sobre os projetos de reconhecimento legal das uniões entre pessoas homossexuais*, 3 de junho de 2003; vid. também Congregação para a Doutrina da Fé, *Nota Doutrinal sobre algumas questões relativas ao compromisso e à conduta dos católicos na vida política*, 24 de novembro de 2002.

<sup>37</sup>Vid. Sanahuja, J. C., *El Desarrollo Sustentable. La Nueva Ética Internacional*, cit. pp. 239-274; Noticias Globales (NG) nº 969, *La persecución anunciada*, 16-04-09, em [www.noticiasglobales.org](http://www.noticiasglobales.org). Ver também na própria internet os trinta artigos dedicados a *La Inquisición gay* e *La avalancha gay* de 2005 até hoje. Vid. também declarações do Dom Juan Antonio Reig Pla, atual bispo de Alcalá de Henares: “as cinco batalhas que nós, cristãos, devemos lutar [...] devemos estar prontos a ser testemunhas, isto é, a ser mártires”; em Noticias Globales (NG) nº 761, 22-02-06 em [www.norticiasglobales.org](http://www.norticiasglobales.org). Em 1 de outubro de 2009, o Cardeal Antonio María Rouco Varela, arcebispo de Madri, dizia na inauguração do curso da Faculdade de Teologia de São Bamaso: “Ser sábio nesta hora da história é estar exposto a ser mártir”, em [www.infocatolica.com](http://www.infocatolica.com)

esquemas mentais politicamente corretos recusamo-nos a ser incluídos na categoria de novos cidadãos, segundo o que a Nova Ordem define como paradigma da nova cidadania.<sup>38</sup>

Vem-me à memória a *grande apostasia* anunciada no Apocalipse e recorde especialmente um romance do Pe. Leonardo Castellani, *Sua Majestade, Dulcinéia*.

Nesse romance apocalíptico, Castellani retrata a igreja infiel, a igreja apóstata dos últimos tempos, perseguidora da Igreja de Cristo que se vê reduzida a uns poucos fiéis. Os hierarcas corruptos dessa caricatura de igreja, subservientes ao poder político, mendicantes de protagonismo temporal, bajuladores do Anticristo, tinham substituído, diz Castellani, as três virtudes teológicas – Fé, Esperança e Caridade – pela *prosperidade, democracia e doçura*, iludindo assim a maioria dos batizados, porque o demônio já não estava interessado em matar, mas, através desses falsos profetas, corromper, envenenar, falsificar.

Como dizia Santo Agostinho:

“Como aos nossos pais foi necessária a paciência contra o leão, assim também a nós é necessária a vigilância contra o dragão. Nunca cessa a perseguição à Igreja, tanto da parte do leão quanto da parte do dragão, e deve-se temer tanto mais quando engana que quando se enfurece. Em outro tempo incitava os cristãos a renegar Cristo; neste ensina a negar Cristo. Antes impelia, agora ensina; Então, usava de violência, agora de insídias; então, se escutava rugir; e agora, apresentando-se com aparente mansidão e rondando, é dificilmente percebido”.<sup>39</sup>

---

<sup>38</sup>O paradigma da nova cidadania, ou simplesmente cidadania, condiciona o pertencer à nova sociedade à aceitação de tudo o que descrevemos. O perfeito cidadão da nova ordem é um indivíduo colonizado intelectual e espiritualmente, narcotizado, acrítico, submisso.

<sup>39</sup>Santo Agostinho, Comentários aos *Salmos*, 39, 1.

## 5 A CONFUSÃO DENTRO DA IGREJA

---

MAIS PERIGOSOS PARA A INTEGRIDADE DA FÉ do que os que abertamente deixaram a Igreja, como Leonardo Boff ou o grupo de apóstatas Católicas pelo Direito de Decidir, são aqueles clérigos e leigos que cultivam a ambigüidade na maneira de formular a doutrina. São aqueles que evitam referir-se ao claro ensinamento do Magistério como se não existissem para eles, reduzindo a doutrina cristã a uma mensagem de solidariedade ou de crítica social. Considere-se, por exemplo, a rejeição aberta ou, o que é pior, o silêncio sobre a doutrina das encíclicas *Humanae Vitae*, *Veritatis Splendor*, *Evangelium Vitae*, ainda que Bento XVI, na recente *Caritas in veritate*,<sup>1</sup> confirme que a *Humanae vitae* e a *Evangelium vitae* fazem parte da Doutrina Social da Igreja.

D. Antonio Cañizares, em 15 de agosto de 2004, enquanto ainda era Arcebispo de Toledo e Primaz da Espanha, dizia: “A Igreja em sua peregrinação ao longo do século XX e início do século XXI passou por muitas tribulações e teve que travar muitas batalhas contra o poder das trevas. Talvez nunca na história foi tão perseguida como neste período. O laicismo reinante, a secularização generalizada do mundo e dentro da própria Igreja, a apostasia silenciosa e as deserções de muitos cristãos, o enfraquecimento das consciências e a falência moral

---

<sup>1</sup>Cfr. Bento XVI, *Caritas in veritate*, 29 de junho de 2009, n. 15

dos tempos atuais ainda são uma provação muito severa. Está sofrendo neste tempo as mais duras e maiores perseguições”.<sup>2</sup>

### ***I. Rumo a uma igreja popular?***

Na Carta *Testem benevolentiae* do Papa Leão XIII encontramos alguns parágrafos que podem nos ajudar a pensar, pois continuam muito atuais:

O fundamento sobre o qual essas novas idéias estão baseadas é que, com o objetivo de atrair mais facilmente aqueles que divergem dela, a Igreja deve adequar seus ensinamentos mais de acordo com o espírito da época, relaxar um pouco de sua antiga severidade e fazer algumas concessões às novas opiniões. Muitos acreditam que essas concessões devem ser feitas não apenas em questões de disciplina, mas também nas doutrinas pertencentes ao ‘depósito da fé’. Eles argumentam que seria oportuno, para conquistar aqueles que discordam de nós, omitir certos pontos do Magistério da Igreja que são de menor importância e, desta maneira, moderá-los para que não tenham o mesmo sentido que a Igreja constantemente lhes deu. Não é necessário muitas palavras, amado filho, para provar a falsidade dessas idéias se se trazer à mente a natureza e origem da doutrina que a Igreja propõe.

Leão XIII continua:

•

Não podemos considerar como totalmente inocente o silêncio que propositadamente leva à omissão ou desprezo de alguns dos princípios da doutrina cristã, já que todos os princípios vêm do mesmo Autor e Mestre, ‘o Filho unigênito que está no seio do Pai’ (Jo 1,18). Eles são adaptados para todos os tempos e todas as nações, como se vê claramente nas palavras de nosso Senhor aos seus apóstolos: “Ide, portanto, e ensinai a todas as nações,

---

<sup>2</sup>Vid. Noticias Globales (NG) n° 672, 10-10-04 em [www.noticiasglobales.org](http://www.noticiasglobales.org). O Cardeal Cañizares é atualmente Prefeito da Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos.

ensinando-os a observar tudo o que ordenei, e eis que estarei convosco, até o fim do mundo” (Mt 28,19). Sobre este ponto o Concílio Vaticano diz: ‘Deve ser crido com fé divina e católica tudo o que está contido na Palavra de Deus, escrita ou transmitida, e que a Igreja propõe para ser crido como divinamente revelado, seja por solene juízo, seja por seu magistério ordinário e universal’ (*Constitutio de Catholica Fide*, cap. III).

Longe da mente de alguém diminuir ou suprimir, por qualquer razão, alguma doutrina que tenha sido transmitida. Tal política tenderia a separar os católicos da Igreja, em vez de atrair aqueles que discordam. Não há nada mais perto de nosso coração do que ter de volta ao rebanho de Cristo aqueles que se separaram d’Ele, mas não por um caminho diferente ao indicado por Cristo.

A regra de vida para os católicos não é de tal natureza que não possa acomodar-se às exigências de várias épocas e lugares. A Igreja tem, guiada pelo seu Divino Mestre, um espírito generoso e misericordioso, razão pela qual ela foi desde o início o que São Paulo disse de si mesmo: ‘Fiz-me tudo para todos, para salvar a todos’ (1 Cor 9, 22).

A história mostra claramente que a Sé Apostólica, à qual foi confiada a missão não só de ensinar mas também de governar toda a Igreja, tem-se mantido ‘em uma mesma doutrina, em uma mesma direção e em uma mesma sentença’ (*Constitutio de Catholica Fide*, cap. IV) [...]

Mas, amado filho, no presente assunto de que estamos tratando, há ainda um perigo maior, e uma oposição mais manifesta à doutrina e disciplina católicas, naquela opinião dos amantes da novidade, segundo a qual sustentam que se deve admitir tal sorte de liberdade na Igreja que, diminuindo de alguma forma sua supervisão e cuidado, se permita aos fiéis seguir mais livremente o guia de suas próprias mentes e o caminho de sua própria atividade. Aquelles são da opinião de que tal liberdade tem sua contrapartida na liberdade civil [...]



Esses perigos, a saber, a confusão entre licença e liberdade, a paixão por discutir e mostrar contumácia sobre qualquer assunto possível, o suposto direito de sustentar qualquer opinião que melhor agrade sobre qualquer assunto, e torná-la conhecida no mundo através de publicações, têm as mentes tão envoltas na obscuridade que há agora, mais do que nunca, uma maior necessidade do magistério da Igreja, para que as pessoas não se esqueçam tanto da consciência como do dever.<sup>3</sup>

Leão XIII adverte sobre duas atitudes que se repetem ciclicamente ao longo do tempo: aplacar as exigências cristãs para atrair mais pessoas e aplicar na Igreja as normas do dissenso temporal, democrático. As duas se unem; a primeira leva à segunda e unidas levam à perda da fé.

## II. A apostasia silenciosa e as deserções

A apostasia silenciosa e as deserções, que o Cardeal Cañizares denuncia, estão na ordem do dia em toda a Igreja; não são propriedade exclusiva de determinados países. Faremos referência à situação nos Estados Unidos e no Canadá porque eles têm uma atualidade particular e porque, graças a Deus, um considerável número de bispos nessas latitudes começou a reconquistar a identidade católica de universidades, colégios e até de organismos das próprias conferências episcopais. Ao mesmo tempo, é justo ressaltar que em muitas ocasiões, nesses países, os que abriram a brecha para a recuperação dessa identidade católica foram grupos de bravos leigos formados e mantidos na integridade da fé por piedosos sacerdotes marginalizados.<sup>4</sup>

---

<sup>3</sup>Cfr. Leão XIII, Carta *Testem benevolentiae* ao Emmo. Card. James Gibbons, 22 de janeiro de 1899. Ao citar *Constitutio de Catholica Fide Católica* faz referência à Constituição Dogmática *Dei Filius* do Concílio Vaticano I, 24 de abril de 1870.

<sup>4</sup>Vid. Noticias Globales (NG) nº 972, USA: *La identidad católica (I). El escándalo de Notre Dame. Obama no merece honores. Obispos que dan*

No Canadá, vinte e cinco bispos, um terço da Conferência Episcopal, tomaram as ruas pela primeira vez em doze anos, nas várias convocações para a Marcha pela Vida 2009, um sinal de que estão dispostos a correr riscos pelos princípios não negociáveis enunciados por Bento XVI. Durante doze anos o ônus da Marcha recaiu sobre leigos católicos que não desistiram, apesar de, em mais de uma ocasião, serem desautorizados por alguns bispos; agora, esse imprescindível testemunho episcopal vem amadurecendo. Durante esses anos ocorreram corajosas intervenções episcopais: na batalha contra a legalização do pretense casamento entre pessoas do mesmo sexo, na resistência à entrega da Ordem do Canadá para a abortista Henry Morgentaler, e, acima de tudo, na reificação da escandalosa *Declaração de Winnipeg* que a Conferência Episcopal emitiu em 1968, contrariando a doutrina da encíclica *Humanae Vitae*. No entanto, entre outras coisas, falta o fechamento e nova abertura da Or-

---

*la cara. Los laicos protagonistas de la resistencia, 15-05-09; 973, USA: La identidad católica (II). La pérdida de la identidad católica. De la píldora al homosexualismo. El espíritu de inclusión. Espíritu de apertura, diálogo, y libertad académica. Portazo al Magisterio. La Universidad de Georgetown y otras, 18-05-09; 975, USA: La identidad católica (III). El discurso de Obama. Obama: profeta de la nueva era. Ratzinger: la clave de interpretación. Dictadura del relativismo. Los medios de comunicación alternativos son terroristas. La resistencia cristiana, 25-05-09; USA: Gobierno mundial y la identidad católica. El gobierno mundial necesita superar los obstáculos religiosos. Promueven la subversión dentro de la Iglesia y la apostasía de la fe. Fordham, la universidad jesuita de New York, premia a abortistas pro-gays, 29-05-09; 979, Canadá: La identidad católica (IV). Organismo de la Conferencia Episcopal de Canadá involucrado en la promoción del aborto. Carta de la Conferencia Episcopal Peruana a los Obispos de Canadá. El enemigo está dentro. D&P y la nueva religión universal: no a los valores inmutables. Comisión investigadora, 12-06-09; 980, Canadá: recuperar la identidad católica, 14-06-09; 981, USA: La identidad católica (V). Convenios de universidades católicas con abortistas y pro-homosexuales, 20-06-09; 982, USA: La Conferencia episcopal y la identidad católica. Total apoyo al obispo John D'Arcy en cuya diócesis está la Universidad de Notre Dame. El caso del P. Jenkins, 23-06-09; 994, Reino Unido-USA: la identidad católica (VI). El editorial de The Tablet. La respuesta de Dom Chaput. Inglaterra ¿identidad católica? ¿Habrà que creerle a Tony Blair?, 20-08-09 em [www.noticiasglobales.org](http://www.noticiasglobales.org).*

*ganização Católica Canadense para o Desenvolvimento e Paz (D&P)*, uma organização de ajuda e cooperação para o desenvolvimento da Conferência Episcopal que financia ONGs abortistas no terceiro mundo.<sup>5</sup>

Em 2004, a Conferência Episcopal dos Estados Unidos determinou que instituições católicas de ensino evitassem convidar políticos ou outras figuras notórias reconhecidamente abortistas ou que defendem publicamente outros erros, como, por exemplo, a aceitação legal de uniões do mesmo sexo. A proibição se estendia até mesmo a eventos puramente sociais e, naturalmente, a pertencer ao corpo docente. As instituições católicas não deveriam também permitir que essas pessoas participem de conferências, mesas redondas ou conceder-lhes honras acadêmicas.<sup>6</sup> Esta decisão não deveria ser surpreendente, pois sempre foi tida como concessão imprópria um católico dar a *cátedra aos inimigos de Deus e de seus mandamentos*, aos pecadores públicos que se vangloriam de sua maldade, que dificultam a missão da Igreja, a os juízes iníquos etc. Somente nestes tempos de um *pluralismo e abertura* mal compreendidos é que a presença dos inimigos de Deus nas cátedras de instituições católicas se tornou freqüente, o que contribui para a generalização do engano e para a mentira da má doutrina.<sup>7</sup>

---

<sup>5</sup>Vid. Noticias Globales (NG) n° 980, *Canadá: recuperar la identidad católica*, 14-06-09 y sus referencias em [www.noticiasmglobales.org](http://www.noticiasmglobales.org). É justo ressaltar a figura do Cardeal Marc Ouellet, arcebispo de Quebec, primaz do Canadá que nunca deixou de se expor, vid. Noticias Globales (NG) n°992, *Cardenal Ouellet: La dolorosa soledad de Benedicto XVI*, 11-08-09.

<sup>6</sup>Noticias Globales (NG) n° 711, *USA: Actúa la jerarquía católica*, 06-05-05. A medida se baseia na Constituição Apostólica *Ex Corde Ecclesiae* (sobre as Universidades Católicas) de João Paulo II, de 15 de agosto de 1990.

<sup>7</sup>Isto não significa que nos despreocupemos das almas que mais necessitam, porque levam uma conduta pública e objetivamente contrária à Lei de Deus. Todos os batizados participam, de certa forma e de modo diverso, da missão do Bom Pastor que busca incansavelmente a ovelha perdida (Mt. 18, 12-14), porque Deus não quer a morte do pecador, mas que se converta e viva (Ez. 18, 23). Mas, justamente porque desejamos que essas almas voltem a Deus,

O documento *Católicos na vida política* (2004), dos bispos americanos, contrasta com anos de rebeldia e desobediência ao Magistério. No início de 1960, a Universidade de Notre Dame, com a ajuda da *Fundação Rockefeller*, ajudou a promover a ideologia do controle de natalidade. Em 1967, esta e outras universidades católicas assinaram um manifesto chamado *Land O' Lakes Statement*, no qual declaravam sua independência da autoridade da Igreja quanto a receber benefícios dos fundos de fundações privadas e subsídios do governo. Em 1968, os departamentos de teologia dessas mesmas universidades encabeçaram o protesto contra a encíclica *Humanae Vitae* do Papa Paulo VI na qual condena a contracepção artificial. Em poucos anos, infelizmente, as universidades *Notre Dame*, *Georgetown*, *Boston College* e muitas outras universidades católicas se tornaram fábricas da reengenharia social contrária à ordem natural.

Um acontecimento que demonstra como as coisas estão mudando no campo da educação católica nos Estados Unidos foi a reação pública de mais de oitenta bispos e trezentos mil leigos, que se manifestaram veementemente contra a entrega do título de doutor *honoris causa* ao Presidente Barack Obama, pela Universidade de *Notre Dame*, que era conhecido desde antes de sua eleição por suas posições em favor do aborto, das experiências com embriões humanos e do reconhecimento social e jurídico de casais do mesmo sexo, apenas para citar alguns temas.<sup>8</sup>

---

não as enganamos tratando-as *como se não fossem nada* as suas condutas, porque estaríamos causando-lhes um grave dano moral. É gravemente escandaloso oferecer-lhes uma *tribuna católica* para propagandear suas más obras, impedindo assim sua possível aproximação de Deus, e fazendo com que outros, confusos ou desencantados, sigam seu mau exemplo.

<sup>8</sup>Ver as referências da nota de rodapé 114 e Noticias Globales (NG) n° 915, USA: *Obama-Biden y la cultura de la muerte*, 24-08-08; 927, USA: *El Partido de la muerte*, 30-09-08; 954, Holanda: *la inquisición gay (XVII)*. *Presionan al Papa*, 10-01-09; 955, USA: *Los derechos de la conciencia (III)*, 11-01-09; 957,

A encíclica *Humanae vitae* continua a ser um divisor de águas entre a reta noção de pessoa humana e o *novo maniqueísmo*, como o chamou João Paulo II, “que leva a olhar a sexualidade humana mais como um campo de *manipulação e exploração*”<sup>9</sup>. A doutrina da encíclica era e é rejeitada por setores católicos não só por proibir o uso de contraceptivos, mas, sobretudo, pelo porquê dessa proibição: o ato unitivo e o ato procriativo devem estar unidos em cada ato conjugal, pois na biologia da pessoa já está inscrita a vontade de Deus. O dualismo moderno não admite esta verdade, como disse João Paulo II, *porque não suporta o mistério*. Mas, além disso, o ensinamento da encíclica não afeta apenas a vida pessoal dos católicos e de todas as pessoas de boa vontade, mas também sua vida social, o cumprimento das suas obrigações – por exemplo, o direito ao voto e à sua ação na vida pública.<sup>10</sup>

Há uma profunda crise social em relação ao respeito que merece a vida humana desde a concepção até sua morte natural. O mesmo conflito afeta também a família, como união duradoura de um homem com uma mulher - ambiente natural onde os filhos são concebidos, nascem, crescem e são educados. Na raiz desse verdadeiro descabro social encontra-se a rejeição de alguns que foram ou estão atualmente na hierarquia da Igreja à doutrina da encíclica de Paulo VI e ao magistério posterior sobre estas

---

USA: Kissinger, Obama y el nuevo orden mundial, 20-01-09; 978, USA: Obama institucionaliza la inquisición gay, 03-06-09; 983, USA: Obama, campeón de la causa homosexual, 01-07-09; 987, USA: los católicos de Obama (I), 26-07-09; 991, USA: Obama premia a abortistas y homosexuales, 10-08-09; 1002, ONU-Gays: piden el relevo del presidente de la Asamblea General, 03-10-09 em [www.noticiasglobales.org](http://www.noticiasglobales.org)

<sup>9</sup>Vid. João Paulo II, *Carta às Famílias*, 2 de fevereiro de 1994, n. 19.

<sup>10</sup>Vid. Paulo VI, Enc. *Humanae vitae*, 25 de julho de 1968, nn. 17, 22, 23. Vid. Congregação para a Doutrina da Fé, Nota doutrinal sobre algumas questões relativas ao compromisso e à conduta dos católicos na vida pública, 24 de novembro de 2002.

questões. Rejeição esta que se manifesta como resistência, muitas vezes *disfarçada, oculta, silenciosa*.<sup>11</sup>

A doutrina da Igreja é clara. Em consciência, os católicos não devem participar de uma campanha de opinião a favor de uma lei injusta - aborto, contracepção, reconhecimento das uniões homossexuais etc. - nem votar a seu favor no parlamento, ou, como simples cidadãos, votar em quem a promove.<sup>12</sup> A Congregação para a Doutrina da Fé afirma:

“[...] a consciência cristã bem formada não permite a ninguém favorecer, com o próprio voto, a atuação de um programa político ou de uma só lei em que os conteúdos fundamentais da fé e da moral sejam subvertidos com a apresentação de propostas alternativas ou contrárias aos mesmos. Uma vez que a fé constitui como que uma unidade indivisível, não é lógico isolar um só dos seus conteúdos em prejuízo da totalidade da doutrina católica. Não basta o empenho político em favor de um aspecto isolado da doutrina social da Igreja para esgotar a responsabilidade pelo bem comum. Nenhum católico pode pensar em delegar a outros o empenho que, como cristão, lhe vem do evangelho de Jesus Cristo de anunciar e realizar a verdade sobre o homem e o mundo.

Quando a ação política se confronta com princípios morais que não admitem abdições, exceções ou compromissos de qualquer espécie, é então que o empenho dos católicos se torna mais evidente e grávido de responsabilidade. Perante essas *exigências éticas fundamentais e irrenunciáveis*, os crentes têm efetivamente de saber que está em jogo a essência da ordem moral, que diz respeito ao bem integral da pessoa. É o caso das leis civis em matéria de *aborto* e de *eutanásia* [...] que devem

---

<sup>11</sup>Por exemplo, vid. Noticias Globales (NG) n° 929, *Canadá: la vuelta a la Humanae vitae. El episcopado canadiense rectifica una declaración de hace 40 años*, 07-10-08 em [www.noticiasglobales.org](http://www.noticiasglobales.org)

<sup>12</sup>Vid. João Paulo II, Enc. *Evangelium vitae*, cit., n. 73; Congregação para a Doutrina da Fé, Nota doutrinal, cit., n. 4

tutelar o direito primário à vida, desde sua concepção até o seu termo natural. Do mesmo modo, há que afirmar o dever de respeitar e proteger os direitos do *embrião humano*. Analogamente, devem ser salvaguardadas a tutela e a promoção da *família*, fundada no matrimônio monogâmico entre pessoas de sexo diferente e protegida na sua unidade e estabilidade, perante as leis modernas, em matéria de divórcio: não se pode, de maneira nenhuma, pôr juridicamente no mesmo plano da família outras formas de convivência, nem estas podem receber, como tais, um reconhecimento legal. Igualmente, a garantia da liberdade de *educação*, que os pais têm em relação aos próprios filhos, é um direito inalienável [...].<sup>13</sup>

O Arcebispo Raymond Burke, Prefeito do Supremo Tribunal da Assinatura Apostólica, explicou que nos meios eclesiais, ao melhor estilo do *proporcionalismo ou consequencialismo moral*, na hora do julgamento moral erroneamente são postos em pé de igualdade hábitos e atos que são intrinsecamente maus e outras questões que podem ter alguma ou muita relevância social, mas que são substancialmente incomparáveis com aqueles primeiros, essencialmente imorais.

Assim, por exemplo, diz o Cardeal Burke, ao votar, seguindo o caminho errado do proporcionalismo, pensa-se que a posição quanto à guerra do Iraque, o acesso universal ao sistema de saúde e outras questões relativas à segurança e ao bem-estar, a importância da diplomacia e do diálogo, a política energética e sua influência sobre o meio ambiente e as mudanças climáticas, pode justificar o voto em um candidato que promove o aborto, as experiências com células embrionárias, o chamado “casamento” entre pessoas do mesmo sexo, a distribuição de contraceptivos, a violação dos direitos dos pais, a eutanásia etc.<sup>14</sup>

<sup>13</sup> Cfr. Congregação para a Doutrina da Fé, Nota doutrinal, cit., n. 4

<sup>14</sup> Cfr. Raymond Burke, *Reflections on the Struggle to Advance the Culture of Life*, intervenção durante o 14º Jantar Anual de Parceiros do InsideCatholic's,

O próprio Cardeal Ratzinger, em agosto de 2004, quando escreveu à Conferência Episcopal americana sobre a recepção da Sagrada Comunhão por políticos abertamente pró-aborto, disse que “pode haver uma legítima diversidade de opinião entre os católicos sobre a guerra e a aplicação da pena de morte, mas não, no entanto, sobre o aborto e a eutanásia”.<sup>15</sup>

### III. Alguns casos atuais:

#### a) A dissidência católica

Nos Estados Unidos a esquerda católica ou os católicos dissidentes vieram à luz porque foram postos em evidência pela hierarquia e por associações de leigos fiéis à doutrina da Igreja. No entanto, esta *heresia* está presente de modo mais silencioso em outras latitudes e se estende por todo o mundo católico.

Em aberta rebelião contra os bispos americanos, estes *pseudo-católicos* apoiaram a nomeação de uma abortista convicta e sectária, Kathleen Sebelius, ex-governadora do Kansas, como Secretária de Saúde do governo de Barack Obama. Entre os que apoiaram publicamente a nomeação, está o teólogo da libertação Miguel Diaz, atual embaixador dos EUA para o Vaticano, e um grupo de professores católicos, alguns deles sacerdotes.<sup>16</sup>

---

18-09-09 em <http://insidecatholic.com>. Vid. Noticias Globales (NG) n° 582, México: *un católico vota así*, 18-05-03; 663, USA: *La Iglesia y la vida pública. Aborto, homosexualidad, eutanasia*, 24-08-04 e 664, 26-08-04; 723, *Santa Sede: Católicos y vida pública*, 17-07-05; 706 *Uniones homosexuales. El deber de oponerse*, 24-04-05; 711, USA: *Actúa la jerarquía católica*, 06-05-05; 775, *Aborto: el deber de reaccionar*, 13-05-06; 799, USA: *confundir a los católicos*, 16-10-06; 911, USA: *Los católicos y las elecciones*, 14-08-08; 918, USA: *Los obispos no callan*, 04-09-08; 922, USA: *Los obispos corrigen a Joe Biden*, 11-09-08;

<sup>15</sup>Cfr. Noticias Globales (NG) n° 664, USA: *La iglesia y la vida pública II. Nota del Cardenal Ratzinger a la Conferencia Episcopal*, 26-08-04.

<sup>16</sup>Sobre a nomeação de Kathleen Sabelius, por exemplo, Dom Raymond Burke disse em declarações à associação *Catholic Action*: “sua nomeação é vergonhosa, porque traiu publicamente e em repetidas ocasiões sua fé



## **b) A obrigação de corrigir aquele que erra**

No momento de ser nomeada, Sabellius já tinha recebido várias advertências do arcebispo de Kansas, Dom Joseph Naumann, que decidiu negar-lhe a Sagrada Comunhão por sua frontal oposição à defesa da vida e suas inúmeras medidas a favor do aborto. Como alguns círculos católicos consideraram excessivo o teor da medida, o Cardeal Burke explicou com clara doutrina a decisão do arcebispo de Kansas: “Dom Naumann agiu com caridade pastoral exemplar protegendo o Corpo e Sangue de Cristo da recepção indigna, e evitando assim que a governadora cometa o gravíssimo pecado de sacrilégio. Desse modo, também, pôs fim ao grave escândalo provocado”.<sup>17</sup>

Em sua fala no *Inside Catholic's 14th Annual Partnership Dinner*,<sup>18</sup> o Prefeito da Assinatura Apostólica reafirmou a doutrina tradicional, dizendo que aqueles que se declaram católicos e que, ocupando cargos públicos, escandalizam outros fiéis devem ser corrigidos e sua reti-

---

católica”, 15-03-09. Alguns católicos que publicamente apoiaram a nomeação em oposição à hierarquia foram os professores Lisa Sowle Cahill, do *Boston College*; Nicholas Cafardi, da *Duquesne University*; William D'Antonio, da *Catholic University of America*; Miguel H. Diaz, do *College of St. Benedict* e *St. John's University* (Minnesota); Julia Dowd, da *University of San Francisco*; Joseph Fahey, do *Manhattan College*; Fr. David Hollenbach, SJ, do *Boston College*; Delores Leckey, da *Georgetown University* (Woodstock Theological Center fellow); Fr. Thomas Massaro, SJ, do *Boston College*; Vincent Miller, da *Georgetown University*; David O'Brien, do *College of the Holy Cross*; Fr. Thomas Reese, SJ, da *Georgetown University* (Woodstock Theological Center fellow); Stephen Schneck, da *Catholic University of America*. Vid. <http://www.cardinalnewmansociety.org>; Ertelt, Steven, *Catholic Professors Criticized for Supporting Pro-Abortion Sebelius for Health Post*, LifeNews.com, March 4, 2009.

<sup>17</sup>Entrevista a Life Site, 13-03-09, <http://www.lifesitenews.com>. Dom Naumann explicou o porquê de sua decisão de pedir publicamente à governadora Sebelius que não se aproximasse da Sagrada Comunhão. “Minha motivação foi – disse Naumann – principalmente proteger a Igreja e sua doutrina e em segundo lugar proteger nosso povo de ser induzido ao erro”, em <http://www.CatholicAction.org>

<sup>18</sup>Vid. Raymond Burke, *Reflections on the Struggle to Advance the Culture of Life*, cit.

ficação também deve ser pública. Provocam escândalos os que promovem políticas e leis que “permitem a destruição da vida humana inocente e indefesa” e “violam a integridade do matrimônio e da família”. O resultado dessas ações é que os cidadãos são confundidos e induzidos a errar sobre princípios morais básicos. “A reparação dos danos causados pelo escândalo começa com o reconhecimento público do próprio erro e da declaração pública de sua adesão à lei moral. A alma, que reconhece a gravidade do que foi feito, compreende imediatamente a necessidade de reparação pública”.

### *c) Unidade ou tirania do relativismo?*

O Cardeal Raymond Burke continuou descrevendo uma situação que não é exclusiva dos Estados Unidos: “Uma das ironias da situação atual é que a pessoa que sofre e denuncia o escândalo provocado por ações públicas gravemente pecaminosas de outro cidadão católico é que é acusada de falta de caridade e de provocar a divisão na Igreja. Numa sociedade cujo pensamento se rege pela ‘tirania do relativismo’ e pelo politicamente correto, os respeitos humanos são os critérios últimos do que se deve fazer e do que se deve evitar; a idéia de que alguém induza ao erro moral não tem muito sentido. O que causa espanto neste tipo de sociedade é justamente que alguém não respeite o politicamente correto e, portanto, essas pessoas são qualificadas de perturbadores da paz. Mentir ou não dizer a verdade, no entanto, nunca é um sinal de caridade. A unidade que não está fundamentada na verdade da lei moral não é a unidade da Igreja. A unidade da Igreja se baseia em dizer a verdade com o amor. A pessoa que sofre e denuncia o escândalo causado por ações públicas dos católicos não apenas não destrói a unidade, como também convida aquele que escandaliza a reparar uma grave violação da moral da Igreja” e a restaurar sua unidade com Ela.

#### d) O Obamismo

Considerando a clareza da *Nota Doutrinal da Congregação para a Doutrina da Fé*, cabe uma pergunta: como podem existir pessoas que se consideram católicas – destacando obstinadamente essa condição – e se declaram a favor de leis iníquas contra a ordem natural ou apóiam um político que as promove?

Não estou me referindo aos católicos que agem de modo incoerente com a fé e a moral, que sempre existiram e continuarão existindo. Na verdade, todos nós batizados devemos viver lutando pessoalmente contra a incoerência do pecado. O notável é a atitude de quem reafirma sua condição de católico e ao mesmo tempo rejeita o que a Igreja ensina de modo explícito ou implicitamente.

Acontece, às vezes, que isto se faz em nome da liberdade do cristão de escolher nas questões políticas, julgando de antemão que tudo o que seja colocado na esfera política é opinável, como, por exemplo, as opções oferecidas no processo eleitoral. Alterar o plano de Deus, seja com o pecado pessoal, seja com a subversão da ordem natural através de projetos políticos, nunca é moralmente aceitável e, portanto, nunca se trata de questões opináveis.

Ainda que seja grave que os grupos de poder global, os meios de comunicação e todas as estruturas mundanas tenham imposto Barack Obama – com grande êxito – como uma espécie de *príncipe da paz*, é ainda mais lamentável que tenha surgido nos meios eclesiais e não apenas entre os chamados católicos dissidentes o que poderíamos denominar de *obamismo*.

Creio que uma das razões desta veneração pelo presidente norte-americano decorra de sua mensagem, tão sedutora quanto vazia de verdade. A linguagem de Barack Hussein Obama é a linguagem da *Nova Era*. Seu discurso na Universidade de Notre Dame foi um exercício de retórica de dialética relativista, cativante para aqueles que

estão vivendo em um confortável torpor e se comprometem a não pensar ou, ainda, que confundem a busca da paz com o *irenismo*. Na Universidade de Notre Dame o presidente exortou a se “chegar a uma base comum de entendimento, conciliando o inconciliável”, abolindo assim o princípio da não contradição, que nos ensina que nada pode ser e não ser ao mesmo tempo.

Em Notre Dame o presidente “estendeu a mão” àqueles que não aceitam o aborto “para juntos chegar a reduzir o número de abortos e de gravidezes não desejadas”, quando o que se trata, na verdade, é de eliminar a legislação que autoriza o aborto e deixar de qualificar de não desejadas algumas crianças ainda não nascidas.

É possível conjugar a certeza científica e moral de que o aborto é um crime e, ao mesmo tempo, concordar que uma sociedade destrua sistematicamente os mais fracos? Que base comum de entendimento pode existir entre as duas posturas? É lícito viver como se não existisse um holocausto escondido e silencioso? É possível *olhar adiante, construindo juntos*, sem ter cumplicidade com leis iníquas que atentam contra a lei natural e transformam a sociedade em algo injusto e miserável, ainda que viva em pleno bem-estar material?

O presidente norte-americano chamou ao diálogo – palavra mágica do relativismo – “para conciliar as crenças de cada um com o bem de todos”, como que dizendo: “Estamos dispostos a crer em tudo, também em uma contradição, pela simples razão de que não cremos em nada”. Obama rejeita e combate a verdade imutável, por isso sua visão é incompatível com a fé cristã: “a ironia última da fé é que necessariamente admite dúvidas. Esta dúvida não deve empurrar-nos para fora de nossa fé [...] mas nos obriga a permanecer abertos e curiosos e desejosos de continuar o debate moral e espiritual”.<sup>19</sup> O

<sup>19</sup>Vid. Schooyans, M., Conferência na Assembleia da Pontifícia Academia de

resultado lógico do programa de Obama é o sincretismo como religião de Estado, laica e universal.

Analisando o discurso de Obama, Dom Robert W. Finn – Bispo de Kansas City, St. Joseph – declarou que da forma como o presidente o coloca o diálogo é impossível, porque ele mesmo admitiu diferenças irreconciliáveis com a Igreja sobre a questão do aborto. Dom Finn afirmou que a vida inocente é inegociável. “Podemos negociar sobre o que é intrinsecamente mau? A resposta é não”.<sup>20</sup>

Para George Weigel, Obama se imiscuiu nos assuntos internos da Igreja. “O presidente dos Estados Unidos decidiu definir o que significa ser católico no século XXI”, assumindo a chefia dos católicos dissidentes, confrontando intelectuais católicos e as instituições da Igreja com seus bispos e com Roma, reeditando uma nova forma de galicanismo.<sup>21</sup>

O obamismo chega a expressões delirantes como o artigo do Pe. John W. O’Malley, SJ, *Barack Obama and Vatican II*, publicado na revista *América*,<sup>22</sup> no qual propõe Obama como intérprete autorizado do Concílio Vaticano II. O *obamismo* também é causa das declarações, descaradamente heréticas, da *católica* Kathleen Kennedy Townsend,<sup>23</sup> a ex-vice-governadora de Maryland, que passa do insulto pessoal ao Santo Padre à recusa da encíclica *Humanae vitae*, incluindo a apologia ao aborto, ao *sacerdócio feminino* e ao mal denominado *casamento* entre pessoas do mesmo sexo, para concluir que os cató-

---

Ciência Sociais, 01-05-09, *O messianismo reinterpretado*, cit. vid. Anexo.

<sup>20</sup>Cfr. CAN, 25-05-09.

<sup>21</sup>Cfr. CNA, 20-05-09.

<sup>22</sup>Cfr. O’Malley SJ, John W., *Barack Obama and Vatican II. The president’s persona and the spirit of the council*, America National Catholic weekly, 25-05-09 em

[http://www.americamagazine.org/content/article.cfm?article\\_id=11688](http://www.americamagazine.org/content/article.cfm?article_id=11688)

<sup>23</sup>Kennedy, Kathleen, *Without a Doubt. Why Barack Obama represents American Catholics better than the pope does*, Newsweek 09-07-09 em <http://www.newsweek.com/id/205961>

licos norte-americanos estão mais bem representados por Obama do que por Bento XVI. Para a família Kennedy, emblemática do catolicismo norte-americano, *o aborto se transformou em dogma* por influência de um significativo grupo de sacerdotes.<sup>24</sup> Faz-se necessário dizer que a única que se manteve em comunhão com a doutrina da Igreja foi Eunice Kennedy Shriver.

Quem sustenta a heresia? Segundo Bill Donohue, presidente da *Catholic League*,<sup>25</sup> Georges Soros é um dos financiadores da chamada esquerda católica norte-americana, isto é, aqueles pseudo-católicos que não aceitam o magistério, especialmente em questões relacionadas à defesa da vida humana e da família, reunidos nas associações *Catholics in Alliance for the Common Good* [Católicos em Aliança pelo Bem Comum] e *Catholics United* [Católicos Unidos],<sup>26</sup> católicos aliados ao Presidente Barack Obama.

---

<sup>24</sup>Cfr. Jonsen, Albert, *The Birth of Bioethics*, Oxford University Press, 1998. O autor detalha um encontro chave na gestação da dissidência católica, na qual se impôs a idéia de que, em sã consciência, um político católico pode aceitar e promover o aborto. Nas páginas 52, 291 e 292 do livro, descreve o *Hyannisport meeting* na casa de Robert Kennedy, no verão de 1964. Estavam presentes à reunião os membros da família Kennedy, os Shriver e um grupo de sacerdotes católicos: o moralista Pe. Joseph Fuchs, SJ; o Pe. Robert Drinan, SJ, então diretor do *Boston College Law School*; o Pe. Richard McCormick, SJ; e o Pe. Charles Curran, além do próprio Jonsen, ainda no exercício do sacerdócio. A base sobre a qual se inciou a reflexão foram os argumentos de outro teólogo dissidente, o Pe. John Courtney Murray, SJ, segundo os quais a legislação que permitisse o aborto seria tolerada se os esforços políticos para reprimi-la fossem equiparados aos graves riscos para a paz social e a ordem. O relato do encontro foi feito pelo Pe. Giles Milhaven, SJ, em 1984, num café da manhã da organização de apóstatas *Catholics for a Free Choice* (cfr. Anne Hendershott, *How Support for Abortion Became Kennedy Dogma*, *The Wall Street Journal*, 02-01-09).

<sup>25</sup>Vid. Catholic League for Religious and Civil Rights, *George Soros funds catholic left*, [Liga Católica pelos Direitos Religiosos e Civis, *George Soros financia a esquerda católica*] 20-10-08.

<sup>26</sup>Noticias Globales (NG) n° 961, *Benedicto XVI amonesta a Nancy Pelosi*, 20-02-09. Considere-se que, no dizer de muitos observadores, George Soros é um dos financiadores do presidente Barack Obama.

### e) *Dom Chaput: recuperar a identidade católica*

Em sua resposta ao cardeal Georges Cottier, autor de um artigo elogioso dos discursos de Obama na Universidade de Notre Dame e na Universidade islâmica Al-Azhar do Cairo, Dom Charles Chaput, arcebispo de Denver,<sup>27</sup> referindo-se apenas à intervenção presidencial na universidade americana, afirmou:

“Quando o bispo local de Notre Dame se declara em desacordo com determinado orador, e outros oitenta bispos e trezentos mil leigos apóiam abertamente este bispo, toda pessoa razoável deve concluir que há um problema concreto em relação a este orador, ou pelo menos com relação ao seu discurso específico [...] O desacordo sobre a intervenção do Presidente Obama na Universidade de Notre Dame não tem nada a ver com a questão de saber se ele é um homem bom ou mau. É, sem dúvida, um homem com grandes dotes. Possui um excelente instinto moral e político, e mostra uma devoção admirável à sua família. Estas são coisas que contam, mas, infelizmente, contam também essas outras: o ponto de vista do presidente sobre questões decisivas de bioética - incluindo o aborto, mas não se limitando a ele - difere radicalmente da doutrina católica. É exatamente por isso que Obama pôde contar por muitos anos com o apoio de poderosas organizações favoráveis ao ‘direito ao aborto’. Em alguns círculos religiosos se fala da simpatia do presidente pela doutrina social católica, mas a defesa do feto é uma exigência de justiça social. Não há ‘justiça social’ alguma se os membros mais jovens e indefesos da espécie humana podem ser legalmente assassinados. É verdade que os bons programas para os pobres são vitais, mas não podem servir para justificar esta violação

---

<sup>27</sup>Vid. Cottier, Georges. A política, a moral e o pecado original, Newsletter 30 Giorni, 20-07-09, em <http://www.30giorni.it/sp/articolo.asp?id=21200>; Chaput, Charles. A política, a moral e uma presidente. Uma visão americana, 08-10-09 em <http://www.ilfoglio.it/soloqui/3502>; Noticias Globales (NG), nº 993, USA: *El terreno común es una trampa abortista*, 27-08-08 em [www.noticiasmglobales.org](http://www.noticiasmglobales.org)

fundamental dos direitos humanos”.

Dom Chaput continua:

A verdadeira causa das preocupações católicas sobre a intervenção de Obama em Notre Dame foi sua posição abertamente negativa em relação à questão do aborto e outros assuntos controversos. Com sua iniciativa, a Universidade de Notre Dame ignorou e violou as disposições firmadas pelos bispos dos Estados Unidos no documento *‘Catholics in Political Life’* [Católicos na Vida Política], publicado em 2004. Neste documento, os bispos exortavam as instituições católicas a não conceder honras públicas a funcionários do governo que estejam em desacordo com a doutrina da Igreja em questões de importância primordial [...] O áspero debate que na primavera passada dividiu os católicos dos Estados Unidos pela distinção outorgada a Barack Obama pela Universidade de Notre Dame não foi absolutamente sobre políticas partidárias. Pelo contrário, tratava-se de graves problemas para a fé católica, sua identidade e testemunho – desencadeados pelas opiniões do senhor Obama –, que o Cardeal Cottier, escrevendo fora do contexto norte-americano, pode haver entendido mal.

Dom Chaput conclui esta parte da sua resposta, afirmando:

As chamadas políticas de ‘terreno comum’ sobre o aborto podem, na realidade, minar radicalmente o bem comum, porque implicam numa falsa unidade: estabelecem uma plataforma de acordo pública muito estreita e frágil para sustentar o peso de um autêntico consenso moral. O bem comum jamais poderá ser patrocinado por quem tolera o assassinato dos mais fracos, começando pelas crianças que ainda não nasceram.

Finalmente, Dom Chaput agradece ao Cardeal Cottier por lembrar “o respeito mútuo e o espírito de cooperação, necessários para a cidadania de uma democracia



pluralista. Mas, diz, o pluralismo não é um fim em si mesmo e nem é uma desculpa para a inação. Como o próprio presidente Obama reconheceu em Notre Dame, a saúde da democracia depende de pessoas com convicção que lutam duramente em praça pública pelo que acreditam, pacífica e legalmente, mas com vigor e sem desculpas”.

### **f) O desvendamento do cisma**

No início de 2009, a Santa Sé, através da *Congregação para a Vida Consagrada e para os Institutos de Vida Apostólica*, determinou uma visita apostólica a fim de examinar a *qualidade* de vida das religiosas. Foi nomeada como visitadora a superiora geral da congregação das *Apostles of the Sacred Heart of Jesus* [Apóstolas do Sagrado Coração de Jesus], Mary Clare Millea. O processo levará vários anos.

A oposição à visita não se fez esperar. Uma conhecida religiosa, Sandra M. Schneiders, professora emérita de Novo Testamento e espiritualidade na *Jesuit School of Theology de Berkeley*, fez um vigoroso apelo para que não apenas se negasse toda a colaboração para a visita apostólica, como também para que não se deixasse sequer as visitadoras entrarem nas casas religiosas; o jornal *New York Times* noticiou amplamente suas declarações. O Pe. Richard P. MacBrien denunciou, por sua vez, que as religiosas visitadoras que ajudam a irmã Millea tinham sido obrigadas a fazer uma profissão pública de adesão à fé católica e de fidelidade à Sé Apostólica. McBrien é professor de teologia na Universidade de Notre Dame e argumenta que a profissão de fé faz com que a visita apostólica *esteja escorada ideologicamente*.<sup>28</sup>

Em abril de 2009, a *Congregação para a Doutrina da Fé* começou uma avaliação doutrinal da *Leadership*

<sup>28</sup>Vid. MacBrien, Richard P., *U.S. women religious and the Vatican's visitation*, 24-07-09 em <http://www.the-tidings.com/2009/072409/essays.htm>

*Conference of Women Religious* (LCWR) [Conferência de Lideranças de Mulheres Religiosas], uma organização que reúne noventa e cinco por cento das cinqüenta e nove mil religiosas dos EUA. A avaliação é realizada pelo Bispo Leonard P. Blair, da Diocese de Toledo (Ohio), e Charles D. Brown.<sup>29</sup>

Em seu boletim de 22 de abril de 2009, o site *Life Site News* informou sobre algumas reuniões da *Congregação da Doutrina da Fé* com as responsáveis pela LCWR, realizadas em 2001. Nelas teriam tratado da adesão por parte dessa federação de religiosas à doutrina da Igreja. As questões doutrinárias discutidas foram: a ordenação de mulheres, a natureza da Igreja, a salvação através da Igreja, as confissões cristãs e as outras religiões e o problema da homossexualidade. Tendo em conta que “os problemas que levaram às reuniões em 2001 ainda estão presentes”, o Cardeal William Levada, agora prefeito da *Congregação*, em 20 de fevereiro de 2009 comunicou à LCWR a decisão de realizar uma avaliação doutrinal.

Segundo o depoimento do padre dominicano Philip Powell, noticiado pelo *Life Site News*, a cultura da oposição está enraizada na *Leadership Conference of Women Religious*. “A LCWR procura subverter o ensinamento tradicional da Igreja”, disse ele, “particularmente no que diz respeito à pessoa de Cristo, à Igreja e à sexualidade”. O Pe. Powell afirmou ainda que a organização manifestou-se abertamente contra a hierarquia e o magistério e tende a introduzir uma nova cosmologia eco-feminista contra as crenças mais básicas do cristianismo.

Outra entrevistada pelo site *Life Site News* foi Donna Steichen, autora do livro *Ungodly Rage: the hidden face of Catholic feminism* [Ódio iníquo: a face oculta do feminismo católico], publicado em 1991, onde relata sua

<sup>29</sup>Vid. *Life Site*, 22-04-09, 24-04-09; *The New York Times*, a01-07-09; CNA, 07-05-09; 06-08-09; 05-09-09

própria experiência com grupos de freiras católicas “progressistas” nos Estados Unidos, incluindo a LCWR. Steichen situa o início da rebelião nos anos 60 e a descreve como uma sistemática oposição à autoridade da Igreja: na pregação das “teólogas feministas”, no franco apoio aos grupos pró-aborto, nos argumentos a favor do reconhecimento da homossexualidade como tendência normal e aceitável e na prática de rituais esotéricos e da *New Age*.<sup>30</sup> Para Steichen, as freiras americanas mereciam terem sido investigadas há 30 anos.

Uma vez iniciadas as investigações a cargo da Santa Sé, o próprio Dom Leonard Blair, Bispo de Toledo (Ohio), encarregado pela *Congregação para a Doutrina da Fé* da avaliação doutrinal, teve que ordenar o cancelamento de um workshop sobre o chamado *New Ways Ministry* [Ministério Novos Caminhos], que ia ser celebrado no campus das *Sisters of St. Francis* [Irmãs de

---

<sup>30</sup>Uma questão que provocou a reação negativa de muitas religiosas à hierarquia foi a publicação da Conferência Episcopal sobre o chamado Reiki, vid. Committee on Doctrine United States Conference of Catholic Bishops, *Guidelines for evaluating Reiki as an alternative therapy*, 25 March 2009. Diz o documento: “Para usar o Reiki deveria se aceitar, ao menos de forma implícita, elementos centrais da visão de mundo que está subjacente à teoria Reiki, elementos que não pertencem nem à fé cristã nem à ciência natural [...] Sem justificação nem da fé cristã nem da ciência natural, portanto, um católico que confie no Reiki estaria atuando dentro da esfera da superstição, essa terra de ninguém que não é nem fé nem ciência [...] A superstição corrompe o culto a Deus voltando os sentimentos e a prática religiosa para uma direção falsa. Ainda que em algumas ocasiões as pessoas caiam na superstição por ignorância, é responsabilidade de todos os que ensinam em nome da Igreja eliminar tal superstição tanto quanto seja possível”. O documento conclui: “posto que a terapia Reiki não é compatível nem com o ensinamento da fé cristã nem com a evidência científica, não seria apropriado que instituições católicas, como estabelecimentos de saúde católicos e centros de retiros, ou pessoas que representem a Igreja, como capelães católicos, promovam ou proporcionem a terapia Reiki”. A proliferação do *orientalismo* não é exclusiva dos Estados Unidos. A Info Católica (19-10-09) enumera, como pequena amostra, mais de vinte mosteiros, conventos e casas de espiritualidade distribuídos pela Espanha e dirigidos por ordens religiosas católicas, nos quais grupos de meditação *zen* fazem proselitismo budista e levam a cabo retiros espirituais destinados tanto a neófitos como a praticantes habituais de tal método de meditação e oração mental.

São Francisco], em Tiffin (Ohio). O *New Ways Ministry* é apresentado como “um positivo serviço de homossexuais para a promoção e a justiça entre os católicos gays e lésbicas”. As organizadoras expressaram seu desagrado pela medida tomada pelo Bispo, e argumentaram que o programa era desenvolvido há trinta e dois anos.

Em setembro de 2009, o Arcebispo de Cincinnati, Dom Daniel Pilarczyk, revogou publicamente o mandato da irmã *Louise Akers* de ensinar a doutrina católica por não aderir ao magistério da Igreja sobre a ordenação de mulheres. A religiosa apareceu, incluindo sua foto, entre as dirigentes da *Women’s Ordination Conference* [Conferência para a Ordenação de Mulheres] no site dessa organização.

Em outubro do mesmo ano, o Cardeal Franc Rodé, Prefeito da *Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e das Sociedades de Vida Apostólica*, exigiu que a freira beneditina espanhola Sor Teresa Forcades manifestasse publicamente sua adesão aos princípios doutrinários da Igreja. Forcades tinha concedido uma entrevista na televisão, em junho, na qual advogava pelo *direito de decidir* da mãe em relação ao aborto e se mostrava favorável à distribuição da *pílula do dia seguinte*. A freira respondeu com um artigo na revista *Foc Nou*, garantindo que respeitava o Magistério da Igreja, mas tinha o direito de expressar opiniões contrárias a ele, confirmando sua posição sobre o aborto. A freira, que entrou para o mosteiro de São Bento de Montserrat em setembro de 1997, estudou medicina em Barcelona (1990) e, de acordo com seus próprios dados, fez especialização em medicina interna nos Estados Unidos e licenciatura em Teologia na Universidade de Harvard em 1997,<sup>31</sup> porém nem a Uni-

---

<sup>31</sup>Vid. Forum Libertas, 05-07-09; 08-07-09; 10-07-09; Religión en Libertad, 18-10-09; Info Católica, 10-10-09; e <http://www.benedictinescat.com/Montserrat/Teresacas.html>

versidade de Harvard é católica nem o é sua escola de teologia, a *Harvard Divinity School*.

Assim, por exemplo, é professor da Harvard Divinity School (HDS) o teólogo católico Francis Schüssler Fiorenza, antigo professor da Universidade de Notre Dame e da *Catholic University of America*, neomarxista cuja *teologia política* é inspirada em John Rawls e Jürgen Habermas. Também leciona em Harvard a *teóloga católica* Elisabeth Schüssler Fiorenza, considerada um dos maiores expoentes da teologia feminista, outra antiga professora de Notre Dame. *Susan Abraham*, outra teóloga católica feminista, figura entre os professores da HDS.

Uma graduada do *Women's Studies in Religion Program* [Estudos da Mulher no Programa de Religião] da *Harvard Divinity School* foi protagonista de um incidente em outubro de 2009, confrontando grupos pró-vida que se manifestavam pacificamente diante de uma clínica de abortos na região de Chicago. Trata-se da religiosa dominicana *Donna Quinn*, que durante anos exerce um voluntariado de *acompanhamento* das mulheres que vão abortar. O *acompanhamento* consiste em evitar que alguém se aproxime dessas pobres mulheres e lhes ofereça um folheto contra o aborto, lhes dê um conselho ou as incentive a encontrar outra solução. Quinn defende a *liberdade reprodutiva: que as mulheres façam o que quiserem com seu corpo*.

Esta atividade é apenas uma no currículo da religiosa, que defende de forma pública idéias totalmente contrárias aos ensinamentos da Igreja. Quinn foi fundadora, em 1974, da organização *Chicago Catholic Women*, que foi dissolvida em 2000 e criada para influenciar a Conferência Episcopal Americana e impor aos Bispos a teologia feminista. Atualmente, ela é coordenadora da *National Coalition of American Nuns* [Coalisão Nacional de Freiras Americanas] (NCAN), que rejeita publicamen-

te a doutrina católica sobre a contracepção, o aborto, o homossexualismo e a ordenação de mulheres. De acordo com as suas declarações: “Todas as religiões organizadas são imorais em sua discriminação de gênero”.

Depois do escândalo de outubro, provocado pela cumplicidade de Quinn na realização de abortos, delito que carrega severas penas canônicas, a *Irmã Patricia Mulcahey*, priora do convento das *Irmãs Dominicanas de Sinsinawa*, em declarações à imprensa, justificou as atividades pró-aborto de Quinn. No entanto, em 2 de novembro de 2009, no site do convento, foi anunciado que seriam tomadas medidas disciplinares, uma vez que o comportamento da Irmã Donna Quinn não era compatível com a sua “condição e compromissos de religiosa dominicana”.<sup>32</sup>

Neste, como em centenas de casos, foram os leigos, individualmente ou através de suas associações, que relataram a situação à hierarquia local e à Santa Sé.

No entanto, as coisas estão muito longe de mudar. Considere-se que em agosto de 2009, com a avaliação doutrinária já iniciada, a *Leadership Conference of Women Religious* (LCWR) convidou como conferencista ilustre a comentarista de assuntos políticos da cadeia ABC, *Cokie Roberts*. Roberts, que se intitula católica, critica sistematicamente a doutrina da Igreja sobre o aborto, a contracepção e a homossexualidade. Sobre Bento XVI afirmou que “realmente carece da virtude teologal da caridade”.

A presidente da *Leadership Conference of Women Religious*, irmã *J. Lora Dambroski*, reconheceu que esse encontro se centraria na visita apostólica e na avaliação doutrinal, mas observou que as dirigentes da LCWR tinham cerrado fileiras em reação às duas intervenções da Santa Sé. “Esta é uma boa oportunidade de sermos honestas - disse - e contar a história do que somos sem medo”.

---

<sup>32</sup>Vid. Life Site, 23-10-09; <http://www.sinsinawa.org>

A *Leadership Conference of Women Religious* (LCWR) faz parte do *Comitê Interamericano de Vida Religiosa* junto com a *Confederação Latinoamericana e Caribenha de Religiosos e Religiosas* (CLAR). A LCWR também participa da *União Internacional de Superiores Gerais* (UISG), que exige um capítulo a parte.

### **g) Superiores Religiosos: Carta da Terra e Ética Planetária**

Na reunião plenária e na Assembléia da União Internacional das Superiores Gerais (UISG), realizada em Roma em maio de 2007, foram produzidos documentos interessantes que mostram até onde chegou a infecção.

Não nos deteremos em todos os aspectos ambíguos das declarações, simplesmente ressaltaremos que a Declaração da Assembléia (6 a 10 de maio de 2007), ratificada pela Assembléia de Delegadas em 12 de maio de 2007, afirma:

“Nós, as oitocentas e cinquenta superiores gerais representando cerca de oitocentos mil membros de Institutos Religiosos Católicos espalhados por todo o mundo, refletimos em conjunto sobre o tema: ‘chamadas a tecer uma nova espiritualidade que gere esperança e vida para toda a humanidade’ [...]

“Vi a miséria de meu povo...escutei seu grito diante de seus opressores, conheci suas angústias. Desci para libertá-los (Êxodo 3,7)”

- “Esta Palavra nos interpela a buscar uma resposta profética dada aos grandes desafios que vimos e aos clamores que ouvimos.”

- “A aspiração da mulher a redescobrir sua dignidade e seu verdadeiro lugar no mundo e na Igreja.”

- “Os gemidos da terra ferida, a fim de ser reconhecida como sagrada, e tornar-se a casa de todos e de todas”.

- “A sede de uma comunhão mais profunda entre os crentes das diferentes religiões” [...]”<sup>33</sup>

Na síntese dos trabalhos de grupo da Assembléia foram decididas as seguintes ações concretas:

- “Repensar nossos votos a partir do ponto de vista ecológico”;
- “Incluir a espiritualidade da Terra nos programas de formação inicial e permanente”;
- “Apoiar a ‘Carta da Terra’ (Carta da ONU redigida em 1997)”;
- “Levar nossas declarações à ONU apoiando projetos ambientais e denunciando abusos e ações contra a natureza”.

De acordo com dados da própria UISG, nesse grupo trabalharam cento e trinta e quatro superiores gerais de vinte e nove países.<sup>34</sup>

O compromisso ecologista resultou na publicação “*A Comunidade da Terra. Em Cristo. Pela Integridade da Criação. Justiça e Paz para Todos*”, preparada pelo Grupo de Trabalho de Integridade da Criação da Comissão de Justiça, Paz e Integridade da Criação (JPIC), pela União Internacional das Superiores Gerais (UISG) e pela União dos Superiores Gerais (USG) em Roma.<sup>35</sup>

<sup>33</sup>Vid. [http://www.dominicananunciata.org/668/activos/texto/wdomi\\_pdf\\_0949vPimxs6lMqZyUg1m.pdf](http://www.dominicananunciata.org/668/activos/texto/wdomi_pdf_0949vPimxs6lMqZyUg1m.pdf); <http://www.clar.org/clar/index.php?module=Contenido&type=file&func=get&tid=5&fid=descarga1&pid=1>.

No anexo II deste livro incluímos a muito sugestiva intervenção no plenário da UISG da religiosa canadense Irmã Donna Geernaert intitulada *A terra e seu caráter sagrado*, no plenário que se realizou em Roma, entre 6 e 10 de maio de 2007. As três presidentes da UISG eleitas em 2007 foram Amelia Kawaji, Louise Madore FDS, e Maureen Cusick.

<sup>34</sup>Vid. Boletim da USIG, número 136 ano 2008.

<sup>35</sup>Vid. [http://jpicformation.wikispaces.com/ES\\_creacion](http://jpicformation.wikispaces.com/ES_creacion) – Comisión de JPIC, [jpicusguisg@lasalle.org](mailto:jpicusguisg@lasalle.org), <http://jpicformation.wikispaces.com/file/view/comunidad+tierra.pdf>.

Autores: Ms. Margaret Daly-Denton, Centro Teológico da Igreja da Irlanda, Irlanda; Sean Mc Donagh, Colomban, MA Ecology and Religion, Dalgan, Irlanda; Mr. Claudio Giambelli, CIPAX, Italia; Jacques Haers SJ, Centro de Teologias da Libertação, Lovaina, Bélgica; Markus Heinze OFM; Stanislaw Jaromi OFMconv, Polonia; Daria Koottiyaniyl fcc-IFCTOR, Índia; Chiara



Além disso, acrescentemos que a convocação da próxima Assembléia da União Internacional das Superiores Gerais, em maio de 2010, traz a assinatura da presidente da instituição, Irmã *Maureen Cusick*, das Irmãs de Nossa Senhora de Sion.

A Irmã Cusick é uma das signatárias do documento *In Support of a Global Ethic* [Em defesa de uma Ética Global], assinado em Glasgow em 2001.<sup>36</sup> O documento esclarece, expressamente, que a Ética Global baseia-se na declaração do *Parlamento das Religiões do Mundo* de 1993.<sup>37</sup> Lembremos que ética global e ética planetária são sinônimos.

Cusick assina a declaração em conjunto com cristãos de diferentes denominações e católicos, entre os quais se incluem *Hans Küng*<sup>38</sup>; *Sóror Clare Jardine*, Secretária da Comissão da Conferência Episcopal inglesa para o relacionamento entre judeus e católicos; *Irmã Isabel Smyth*, da *Faculty of Education of Glasgow University* [Faculdade de Educação da Universidade de Glasgow], fundadora do *Scottish Inter Faith Council* [Conselho Escocês Interconfessional]; e *Josef Boehle*, coordenador do *UNESCO Chair in Interfaith Studies* etc.

A declaração de Glasgow, em apoio à ética global, é assinada ainda por outros líderes religiosos de diversas confissões e seitas, como os *Baha'i*, *Brahma Kumaris*, budistas, hindus, jainistas, judeus, *sikhs* e islâmicos.

---

Cristina Longinotti OSC; Joyce Murray C.S.J. (Editor); Gearóid Francisco Ó Conaire OFM, *Comissão de JPIC, USG/UIIG*, Roma; Stephanie Szakall, *Franciscans International* (Desenho gráfico).

<sup>36</sup>Glasgow, 29 e 30 de outubro de 2001, <http://www.weltethos.org/00-glasgow-konferenz.htm>

<sup>37</sup> Declaração em Favor de uma Ética Global, adotada pelo Parlamento das Religiões do Mundo, 4 de setembro de 1993.

<sup>38</sup>Os claretianos da Catalunha convidaram Hans Küng para tomar parte no ato inaugural da exposição *Religiões do mundo, paz universal, ética global*. Küng participou na qualidade de presidente da *Global Ethic Foundation* e estava acompanhado de Fèlix Martí, presidente honorário do Centro UNESCO da Catalunha e Màxim Muñoz, provincial dos Claretianos da Catalunha, cfr. Forum Libertas, 16-03-09.

# 6 NOTAS PARA UMA CONDUTA CRISTÃ

---

## I. O discernimento

Vêm-me à cabeça, resguardada a distância histórica, as palavras de São Pio X quando adverte sobre o “grande movimento de apostasia, organizado em todos os países, para o estabelecimento de uma Igreja universal que não terá nem dogmas, nem hierarquia, nem regra para o espírito ou freio para as paixões e que, sob o pretexto de liberdade e de dignidade humana, consagraria no mundo, se pudesse triunfar, o reino legal da astúcia e da força e opressão dos fracos, dos que sofrem e trabalham”.

Ao longo da história, se algo caracteriza as grandes apostasias, é a confusão. Sem dúvida, atravessamos um período de desordem muito pior que o de 1910: a confusão é maior. Os cristãos do século IV, quando a Igreja acordou ariana, também passaram por uma situação semelhante à nossa.

O discernimento é essencial nos dias de hoje para julgar com sentido cristão as realidades temporais, as situações humanas, as correntes de pensamento, as tendências da opinião pública. No entanto, pode-se dizer que nós cristãos perdemos esse *espírito crítico saudável* e caímos muito facilmente no *fascínio* do que os outros querem que pensemos e do modo como querem que ajamos. Fascinam-nos com “vidros coloridos” e, talvez, aspiremos a *formas de vida e adotemos esquemas de pensamento* -

por exemplo, sobre a liberdade religiosa, a democracia, o diálogo, o pluralismo, a preocupação ecológica – que, ainda que nos façam aceitáveis em meios sociais de poder econômico e social, nos afastam da verdade e nos aproximam da apostasia.

Sem dúvida, discernir é acima de tudo uma graça que humildemente pedimos a Deus, mas a ajuda de Deus deve ser acompanhada, de nossa parte, pela disposição de obtê-la e aplicá-la às circunstâncias específicas, ainda que isso nos crie dificuldades.

Para o exercício dessa atitude, é necessária uma sólida formação na doutrina católica tradicional, que não é nem mais nem menos que estar ciente da genealogia da fé, de nossas raízes cristãs, que nos dão a perspectiva de quem somos, de onde viemos e para onde vamos. Além disso, longe de ser algo secundário, no discernimento católico da realidade é fundamental uma sólida piedade que se alimente do trato assíduo com Jesus Cristo, fonte da autêntica humildade. Uma humildade que, no dizer de Santa Teresa de Jesus, é *andar em verdade*, andar na verdade de Cristo, que nos leva, em nossa conduta pessoal, a reconhecer o que fazemos bem e o que fazemos mal, consertando o mal, ao mesmo tempo que incentiva a virtude, exorta e corrige o próximo, prestando-lhe, assim, o melhor serviço de caridade cristã.

## ***II. O Anticristo será pacifista, ecologista e ecumenista***

Podem nos ajudar, para discernir as realidades temporais nas quais Deus nos colocou, as considerações do Cardeal Giacomo Biffi nos exercícios espirituais pregados à Cúria Romana no ano de 2007, na presença de Bento XVI, nos quais o Cardeal comentou exaustivamente o romance de Vladimir Soloviev, *Os três diálogos e o relato do Anticristo*.<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Vid. Biffi, Giacomo, *As coisas de cima. Exercícios Espirituais pregados em 2007 na presença de S.S. Bento XVI*, Ágape, Buenos Aires 2008, pp. 63-73.

Na exposição que Biffi chama de “Advertência profética de Soloviev”, o Cardeal parafraseia o autor russo, que diz que o Anticristo, o primeiro presidente eleito dos Estados Unidos da Europa e, em seguida, imperador romano, “era um espiritualista convicto”. Ele acreditava no bem e até em Deus, “mas não amava nada além de si mesmo”. Dava “altíssimas manifestações de moderação, desinteresse e ativa beneficência”. Embora não tivesse “hostilidade de princípios com Cristo”, três coisas de Jesus lhe eram inaceitáveis. “Cristo com o seu moralismo, afirma o Anticristo de Soloviev, dividiu os homens de acordo com o bem e o mal, enquanto que eu irei uni-los com os benefícios que são igualmente necessários aos bons e aos maus”. Também não gostava da “unicidade absoluta de Cristo”. “Ele é um dos muitos – dizia – ou, melhor, ele foi meu precursor, porque o salvador perfeito e definitivo sou eu, que purifiquei sua mensagem daquilo que é inaceitável para os homens de hoje.” Em terceiro lugar, o Anticristo rejeitava a Ressurreição de Cristo: “Ele não está entre os vivos, repetia, e não mais o estará. Não ressuscitou, não ressuscitou! Apodreceu, apodreceu no sepulcro”.

Mas o que é singular e surpreendente, diz o Cardeal Biffi, é que Soloviev atribui ao Anticristo os adjetivos de *pacifista, ecologista e ecumenista*.

Como pacifista o Anticristo proclama: “Povos da terra! Eu prometi a paz e a dei”, e nesse momento amadurece nele a idéia de sua superioridade sobre o Filho de Deus. Continua o pregador, citando Soloviev: “Cristo veio trazer à terra a verdade acima de tudo, e esta, assim como o bem, antes de tudo, divide. Existe uma boa paz, a paz cristã, baseada na separação que Cristo veio trazer precisamente com a separação entre o bem e o mal, entre a verdade e a mentira; e existe a paz ruim, a paz do mundo, fundada na confusão ou na união exterior do que está interiormente em guerra consigo mesmo”.

A guerra – é dito nos diálogos de Soloviev – é certamente um mal, mas devemos lembrar que tanto na vida das pessoas como na vida das nações, por vezes, há situações em que não se pode responder com conselhos ou boas palavras à violência má. Biffi diz que, segundo Soloviev, enquanto os ideais de paz e fraternidade são valores cristãos indiscutíveis e vinculantes, o pacifismo ou a não violência não são a mesma coisa, pois acabam por se tornarem, muitas vezes, uma capitulação social à prevaricação e um abandono dos pequenos e dos fracos sem defesa, à mercê dos iníquos e prepotentes.

O Cardeal continua, dizendo que o Anticristo será um *ecologista*, lembrando que este é um termo moderno que o autor russo obviamente não usa, mas sua descrição é bastante clara: “o novo senhor do mundo, diz Soloviev, era acima de tudo um filantropo, cheio de compreensão, não só amigo dos homens, mas também dos animais. Pessoalmente ele era vegetariano, proibiu vivissecção [...], as sociedades protetoras dos animais foram fomentadas de todas as formas”.

O Anticristo, finalmente, se mostrará como perfeito ecumenista, capaz de dialogar com “palavras doces, sabedoria e eloquência”. Convocará todas as religiões cristãs para um concílio ecumênico sob sua presidência. Promoverá a união com a dádiva, buscará o consenso por meio de concessões e dos favores mais apreciados, “demonstrando a todos o mesmo amor, a mesma solicitude para satisfazer a verdadeira aspiração de cada um”.

É um ecumenismo, diz o Cardeal Biffi, exterior e quantitativo que vai funcionar quase perfeitamente: as massas de cristãos entrarão em seu jogo. O Cardeal conclui seu resumo da obra de Soloviev: apenas um pequeno grupo de católicos com a liderança do Papa Pedro II, um pequeno número de ortodoxos e alguns protestantes resistirão ao fascínio do Anticristo. Eles chegarão a um

ecumenismo da verdade, reunindo-se na única Igreja e reconhecendo o primado de Pedro. Mas será um ecumenismo escatológico, que se realize quando a história esteja chegando a seu fim.

O Cardeal pergunta-se então: qual é a advertência profética que chega até nós dessa espécie de parábola do grande filósofo russo?

Chegará o tempo, diz o pregador dos exercícios espirituais do Papa do ano de 2007, quando na cristandade se tenderá a resolver o mistério da salvação em uma série de valores de sucesso fácil nos mercados mundanos. “Devemos nos guardar desse perigo. Mesmo quando um cristianismo que falasse de valores largamente compartilhados nos fizesse infinitamente mais aceitáveis nos salões, nos grupos sociais e políticos, nas transmissões televisivas, não poderíamos nem deveríamos renunciar ao cristianismo de Jesus Cristo, o cristianismo que está centrado no escândalo da cruz e na realidade pungente da ressurreição do Senhor”.

“O Filho de Deus, crucificado e ressuscitado, único Salvador do homem, não pode ser *traduzido* em uma série de bons projetos e de boas inspirações homologáveis com a mentalidade mundana dominante. É uma *pedra*, como Ele disse claramente de si - como raramente temos a coragem de repetir. Sobre esta pedra se constrói confiante ou, opondo-se a ela, acaba-se em pedaços. ‘E o que cair sobre esta pedra far-se-á em pedaços; e aquele sobre quem ela cair ficará esmagado (Mt. 21,44)’”.<sup>2</sup>

Não há dúvida de que o cristianismo é antes de tudo um *advento*, mas também é indubitável que este advento propõe e defende valores inalienáveis. Não se pode, por amor ao diálogo, dissolver o *fato* cristão em uma série de valores compartilhados pela maioria; não se podem menosprezar os verdadeiros valores como sen-

---

<sup>2</sup>Ibid. p. 70.

do algo descartável. Um discernimento, afirma o Cardeal, se faz necessário.

Existem valores absolutos, transcendentais – continua – como a verdade, o bem, a beleza. Aqueles que os percebem, os honram e os amam, percebem, honram e amam Jesus Cristo, ainda que não o saibam e até mesmo se vejam como ateus, porque no ser profundo das coisas Cristo é a verdade, a justiça e a beleza.

“Há também outros valores relativos (categoriais) como o culto à solidariedade, o amor pela paz, o respeito pela natureza, a atitude de diálogo, etc. Eles merecem um juízo mais flexível que preserve a reflexão de qualquer ambigüidade. Solidariedade, paz, natureza e diálogo podem se tornar para o não-cristão ocasiões concretas de aproximação inicial e informal com Cristo e seu mistério. Mas, se para observá-los tornam-se absolutos até se separar totalmente de sua raiz objetiva, ou, pior ainda, até se contrapor ao anúncio do fato salvífico, tornam-se então incitamento à idolatria e obstáculos no caminho da salvação”.

“Do mesmo modo, no cristão, esses mesmos valores – solidariedade, paz, natureza, diálogo – podem fornecer impulsos valiosos para o aprofundamento de um verdadeiro amor a Jesus Cristo, Senhor do universo e da história. Mas se o cristão, por amor ao diálogo e às boas relações de vizinhança para com todos, quase sem perceber, deixa de lado o *fato salvífico* na exaltação e realização desses fins secundários, e com isso impede a conexão pessoal com o Filho de Deus crucificado e ressuscitado, vai pouco a pouco consumando o pecado de apostasia até se colocar ao lado do Anticristo”, conclui o Cardeal Biffi.<sup>3</sup>

Creio que estes parágrafos pregados ao Santo Padre, em seus exercícios espirituais de 2007, constituem bons elementos de discernimento diante da atual desordem de

---

<sup>3</sup>Ibid. pp. 71 e 72.

ideias e atitudes dentro e fora da Igreja. Fica por nossa conta, com o auxílio da graça de Deus, despojar-nos de critérios mundanos para avaliar de modo cristão a realidade, sabendo que na hora de tomar nossas próprias decisões pessoais, sobretudo aquelas que comprometem a fidelidade às exigências de Jesus Cristo, o critério mundano nos levará a optar pelo que não nos traga complicações, o que agrada os outros, o que é tido pelo mundo como *politicamente correto*. Será sempre covardia – e às vezes apostasia – nas decisões de consciência preferir a boa fama, ou a segurança do trabalho estável, ou o ganho político,<sup>4</sup> ao invés de dar o testemunho de Cristo.

“Converter-se significa, dizia o Cardeal Ratzinger, não viver como todos, não fazer como fazem todos, não se justificar em ações duvidosas, ambíguas, más, pelo fato de que outros fazem o mesmo; começar a ver a própria vida com os olhos de Deus; buscar, portanto, o bem, ainda quando seja incômodo; não fazê-lo pensando no julgamento da maioria, dos homens, mas no juízo de Deus. Por outras palavras: buscar um novo estilo de vida, uma vida nova”,<sup>5</sup> que necessariamente repercutirá nas estruturas temporais.

### **III. Valorização e defesa da ordem natural**

João Paulo II, na ocasião do 5º aniversário da encíclica *Evangelium vitae*, dirigiu-se à Pontifícia Academia para a Vida em 14 de fevereiro de 2000,<sup>6</sup> determinando um plano de ação.

O Santo Padre advertia que os conteúdos da encíclica, que estão enraizados na doutrina de Jesus Cristo,

<sup>4</sup>Spaemann, R., *La perversa teoría del fin bueno* em <http://www.noticiasglobales.org/articulos.asp>

<sup>5</sup>Cfr. Ratzinger, J., *A Nova Evangelização. A grande tentação: buscar o grande êxito*, 12-12-00.

<sup>6</sup>Cfr. João Paulo II, *Discurso perante a Academia Pontifícia para a Vida, na ocasião do V Aniversário da publicação da encíclica Evangelium Vitae*, 14-02-00



mantêm sua imutável validade, ainda que não sejam ignoradas - assim afirma - as persistentes dificuldades, frutos dos graves sintomas de violência e decadência observados no mundo. Quase dez anos depois desta intervenção de João Paulo II, os ultrajes à família e à vida humana pioraram, mas também devemos reconhecer que em meio a uma grande confusão aumentou a consciência e cresceu a resistência à cultura da morte. No entanto, observamos que ainda está longe de se realizar o que o Romano Pontífice indicou, quando na mesma oportunidade insistiu em que “uma autêntica pastoral da vida não pode ser simplesmente delegada a movimentos específicos, embora sempre meritórios, que atuam no campo sociopolítico. Ela deve sempre permanecer como *parte integrante da pastoral eclesial*, à qual compete a tarefa de anunciar o ‘Evangelho da vida’”.

João Paulo II continuou insistindo em que os conteúdos da encíclica podem ser apresentados, não apenas “como verdadeira e autêntica indicação para o renascimento moral, mas também como ponto de referência para a salvação civil”. Observemos que a expressão “salvação civil” se refere evidentemente à sociedade secular, da qual a Igreja apenas exige uma legislação de acordo com a ordem natural; a única coisa que a Igreja pode e deve exigir da sociedade civil é um ordenamento jurídico que defenda “os valores radicados na própria natureza do ser humano”,<sup>7</sup> isto é, que tutele a ordem natural. A lei natural é anterior a qualquer crença religiosa; tanto o crente como o ateu estão obrigados a não matar e a respeitar a natureza da união de um homem com uma mulher chamada matrimônio; do contrário, qualquer sociedade humana – cristã ou não – sofrerá uma terrível e inevitável derrota ética.

*A Nota Doutrinal da Congregação para a Doutri-*

---

<sup>7</sup>Cfr. João Paulo II, *Novo Millennio ineunte*, 6 de janeiro de 2001, n° 51.

na da Fé do ano de 2002 reafirmou: “Não se trata em si de ‘valores confessionais’, pois tais exigências éticas estão radicadas no ser humano e pertencem à lei moral natural. Estas não requerem daqueles que as defendem uma profissão de fé cristã, embora a doutrina da Igreja as confirme e tutele sempre e em todo lugar, como serviço desinteressado à verdade sobre o homem e o bem comum da sociedade civil. Além disso, não há como negar que a política deve também referir-se aos princípios de valor absoluto justamente porque estão a serviço da dignidade da pessoa e do verdadeiro progresso humano”<sup>8</sup>.

#### **IV. Laicidade e princípios não negociáveis**

Os princípios não negociáveis enunciados por Bento XVI representam um novo modo de insistir na mesma coisa: na lei natural, na ordem natural.<sup>9</sup> Estes princípios são um verdadeiro código de interpretação da realidade

---

<sup>8</sup>Cfr. Congregação para a Doutrina da Fé, *Nota doutrinal*, cit., n. 5

<sup>9</sup>São freqüentíssimos os chamados de Bento XVI para se redescobrir a lei natural - universal e imutável -, que às vezes sintetiza nos chamados princípios não negociáveis. Diz, por exemplo, o Santo Padre: “para guiar a globalização é necessária uma forte solidariedade global, tanto entre países ricos e países pobres, como dentro de cada país, ainda que seja rico. É necessário um ‘código ético comum’, cujas normas não sejam apenas fruto de acordo, mas que estejam arraigadas na lei natural inscrita pelo Criador na consciência de todo ser humano (cf. Rom. 2,14-15)”, cfr. Mensagem para a Jornada Mundial da Paz 2009, 01-01-09. A mesma doutrina a expôs o Santo Padre na Encíclica *Caritas in veritate*: “Esta lei moral universal é um fundamento firme de todo o diálogo cultural, religioso e político e permite que o multiforme pluralismo das várias culturas não se desvie da busca comum da verdade, do bem e de Deus. Por isso, a adesão a esta lei escrita nos corações é o pressuposto de qualquer colaboração social construtiva. Em todas as culturas existem pesos de que se libertar, sombras a que subtrair-se. A fé cristã, que se encarna nas culturas transcendendo-as, pode ajudá-las a crescer na fraternização e solidariedade universais com benefício para o desenvolvimento comunitário e mundial”, cfr. n. 59. Além disso, vid. por exemplo, *Discurso à Comissão Teológica Internacional*, 05-10-07 e 05-12-08; à *Pontificia Academia para a Vida*, 24-02-07; na *Pontificia Universidad Lateranense*, 12-02-07; *Mensagem para a Jornada Mundial da Paz 2008*, 01-01-08. Ver também *Noticias Globales (NG) n° 945, Benedicto XVI: los objetivos del milenio para el desarrollo*, 12-12-08 em [www.noticiasglobales.org](http://www.noticiasglobales.org)

em que Deus nos colocou e é um guia claro para concentrar nossos esforços.

O ateísmo militante da nova ordem insistirá uma e outra vez que os princípios *não negociáveis*, síntese da lei natural, são princípios confessionais e levantará a bandeira da laicidade e do Estado laico para impor o aborto, a contracepção, a manipulação genética ou experimentação com embriões e a aceitação da homossexualidade.

Por isso, a *Nota da Congregação para a Doutrina da Fé* recorda:

o apelo que muitas vezes se faz à “*laicidade*” que deveria guiar a ação dos católicos exige um esclarecimento, não apenas de terminologia. A promoção, segundo a consciência, do bem comum da sociedade política nada tem a ver com o “confessionalismo” ou a intolerância religiosa. Para a doutrina moral católica, a laicidade entendida como autonomia da esfera civil e política da religiosa e eclesial – *mas não da moral* – é um valor adquirido e reconhecido pela Igreja, e faz parte do patrimônio de civilização já alcançado.

Não é intromissão na autonomia legítima do estado que a Igreja defenda o direito-dever dos cidadãos católicos, aliás como de todos os demais cidadãos, de procurar sinceramente a verdade e promover e defender com meios lícitos as verdades morais relativas à vida social, à justiça, à liberdade, ao respeito da vida e dos outros direitos da pessoa. O fato de algumas destas verdades serem também ensinadas pela Igreja não diminui a legitimidade civil e a “laicidade” do empenho dos que com elas se identificam, independentemente do papel que a busca racional e a confirmação ditada pela fé tenham tido no seu reconhecimento por parte de cada cidadão. A “laicidade”, de fato, significa, em primeiro lugar, a atitude de quem respeita as verdades resultantes do conhecimento natural que se tem do homem que vive em sociedade, mesmo que

essas verdades sejam contemporaneamente ensinadas por uma religião específica, pois a verdade é uma só. Seria um erro confundir a justa *autonomia*, que os católicos devem assumir em política, com a reivindicação de um princípio que prescinde do ensinamento moral e social da Igreja.

A *Nota* insiste em que:

Intervindo nesta matéria, o Magistério da Igreja não pretende exercer um poder político nem eliminar a liberdade de opinião dos católicos em questões contingentes. Busca, ao contrário – como é sua função própria –, instruir e iluminar a consciência dos fiéis, sobretudo dos que se dedicam a uma participação na vida política, para que o seu operar esteja sempre ao serviço da promoção integral da pessoa e do bem comum. O ensinamento social da Igreja não é uma intromissão no governo de cada País. Não há dúvida, porém, de que transmite um dever moral de coerência aos fiéis leigos, no interior da sua consciência, que é única e unitária. “Não pode haver, na sua vida, dois caminhos paralelos: de um lado, a chamada vida ‘espiritual’, com os seus valores e exigências, e, do outro, a chamada vida ‘secular’, ou seja, a vida de família, de trabalho, das relações sociais, do empenho político e da cultura. O ramo, enxertado na videira, que é Cristo, leva a sua linfa a todo o setor da atividade e da existência. Pois todos os variados campos da vida laical fazem parte do plano de Deus, que quer que eles sejam como que o ‘lugar histórico’ onde se revela e se realiza o amor de Jesus Cristo para glória do Pai e serviço aos irmãos. Qualquer atividade, qualquer situação, qualquer empenho concreto – como, por exemplo, a competência e a solidariedade no trabalho, o amor e a dedicação à família e à educação dos filhos, o serviço social e político, a proposta da verdade no âmbito da cultura – são ocasiões providenciais para um ‘constante exercício da fé, da esperança e da caridade’”. Viver e agir politicamente em conformidade com a própria consciência não significa acomodar-se passivamente em posições estranhas ao

empenho político ou numa espécie de confessionalismo; é, ao contrário, a expressão com que os cristãos dão o seu coerente contributo para que, através da política, se instaure um ordenamento social mais justo e coerente com a dignidade da pessoa humana.<sup>10</sup>

Resumindo a *Nota Doutrinal* sobre algumas questões relativas ao compromisso e à conduta dos católicos na vida política, podemos elencar:

1. A política deve fazer referência aos princípios dotados de valor absoluto exatamente porque estão a serviço da dignidade da pessoa e do verdadeiro progresso humano.
2. O respeito à vida humana desde a concepção até a morte natural, a essência do matrimônio como união de um homem com uma mulher e o respeito aos direitos e deveres dos pais na educação de seus filhos fazem parte essencial do bem comum da sociedade, que os cristãos e todas as pessoas de boa vontade devem promover de muitas maneiras e também com seu voto.
3. A promoção consciente do bem comum da sociedade não tem nada a ver com a confessionalidade dos estados ou da intolerância religiosa.
4. A laicidade deve ser entendida como autonomia da esfera civil e política da esfera religiosa e eclesiástica, nunca como autonomia da esfera moral.
5. O fato de que algumas destas verdades de ordem natural também sejam ensinadas pela Igreja em nada diminui a legitimidade civil e a “laicidade” do compromisso daqueles que com elas se identificam.
6. O ensinamento social da Igreja não é uma interferência no governo dos diversos países. Propõe, certamente, à consciência única e unitária dos fiéis católicos um dever moral de coerência.
7. Viver e agir politicamente de acordo com a própria consciência não é acomodar-se a um compromisso po-

---

<sup>10</sup>Cfr. Congregação para a doutrina da Fé, *Nota doutrinal*, cit., n. 6

lítico ou uma forma de confessionalidade, mas a expressão da contribuição dos cristãos para que, através da política, seja instaurado um ordenamento social mais justo e coerente com a dignidade da pessoa humana.

8. Portanto, os cidadãos católicos e todos aqueles que reconhecem a ordem natural não podem, em consciência, eleger cegamente representantes que concorrem a cargos públicos sem saber o que pensam e qual é a sua atuação em relação aos princípios não negociáveis: o respeito à vida desde a concepção até a morte natural; o casamento como uma união entre um homem e uma mulher; os direitos e deveres dos pais de educar seus filhos segundo suas convicções, ou seja, o respeito ao pátrio-poder; e também questões relativas à saúde, como a experimentação com embriões humanos. É dever desses cidadãos se mobilizar para estabelecer a *agenda de respeito à vida e à família* nas eleições para todos os tipos de autoridades.
9. A Igreja, ao iluminar essas questões, presta um eminente serviço, cumprindo o mandamento da caridade. Vela pela salvação das almas dos políticos, que não podem cooperar com o mal – ser cúmplices da iniquidade – apoiando projetos que violem a ordem natural; e vela também pela salvação das almas dos cidadãos, que não podem endossar com seu voto políticos que promovem leis contrárias à lei natural.
10. Finalmente, no debate social, nunca devemos argumentar *a priori* a partir da fé. Estamos obrigados a fazer o esforço gnosiológico pessoal para explicar com valentia, sem complexos, que existe uma lei universal e imutável inscrita por Deus na criação e no coração de cada ser humano.

Não faltarão acusações de que a hierarquia da Igreja *se mete em política* quando lembra estes princípios elementares e age com coerência. Creio serem muito adequadas para este caso algumas palavras do espanhol Juan Manuel de Prada, na ocasião da II convocatória no Dia da Sagrada Família no ano de 2008, em que um milhão

de católicos saiu às ruas em Madri e demonstrou claramente sua oposição às leis iníquas que afetam o matrimônio e a família:

Os propagandistas da mentira afirmaram que os bispos se metiam em política ao organizar uma missa na Praça de Colón, coincidindo com a festividade da Sagrada Família. Mas celebrar missa e propagar o Evangelho é a missão primordial da Igreja de Cristo; o dia em que os bispos estiverem dispostos a renunciar a essa missão se poderia, por fim, dizer com propriedade que ‘se metem em política’. A missão que Cristo confiou à sua Igreja não é de ordem política, mas compreende princípios de ordem moral que surgem da própria natureza humana. E o que existe de mais naturalmente humano que a instituição familiar?<sup>11</sup>

### ***V. O dever de se opor***

João Paulo II continua dizendo em seu discurso de fevereiro de 2000: “Portanto, não tem razão de ser aquela espécie de mentalidade renunciatória que leva a considerar que as leis contrárias ao direito à vida – as leis que legalizam o aborto, a eutanásia, a esterilização e a planificação dos nascimentos com métodos contrários à vida e à dignidade do matrimônio – apresentam uma irresistibilidade e já são como que uma necessidade social. Ao contrário, elas constituem um germe de corrupção da sociedade e dos seus fundamentos”.

Gostaria de fazer duas reflexões sobre esse parágrafo: a primeira delas é que, como também disse João Paulo II, nós cristãos não podemos ficar à margem da história.<sup>12</sup> “O Concílio Vaticano II realçou com vigor este vínculo íntimo e profundo: ‘a missão da Igreja é não só levar a mensagem e a graça de Cristo a todos os homens, mas

<sup>11</sup>de Prada, Juan Manuel, ABC, 29-12-08

<sup>12</sup>Cfr. João Paulo II, Audiência Geral, 31-01-01.

também impregnar e aperfeiçoar com o espírito evangélico a ordem temporal” (*Apostolicam actuositatem*, 5). A ordem espiritual e a temporal, embora distintas, estão de tal maneira unidas no único desígnio de Deus, que Ele próprio deseja reintegrar, em Cristo, todo o mundo numa nova criatura, que começa na terra e atinge a plenitude no último dia’ (*ibid.*)”.

O trabalho de penetrar e aperfeiçoar toda a ordem temporal com espírito cristão é mais urgente e comprometido, sem levar em conta o sucesso ou o fracasso, deixando o resultado nas mãos de Deus. Nessa luta reside nosso testemunho.

Em segundo lugar, note-se que João Paulo II afirma que as leis iníquas – o aborto, a eutanásia, a esterilização – são gérmen de corrupção da sociedade e de seus fundamentos. Por isso, a preocupação social, acima de tudo, será a de abolir ou pelo menos limitar o dano provocado por essas leis. Um compromisso que se dedica exclusivamente a promover o bem-estar ou elevar os padrões de vida dos mais necessitados, ou a resolver outras urgências econômicas e sociais, é incompleto e superficial. Em muitos casos, tão materialista quanto o marxismo ou o capitalismo.

Seria desvirtuar a doutrina social da Igreja ignorar que a promoção e a defesa da vida e da família constituem parte fundamental de seus conteúdos e concretamente do *bem comum*. Bento XVI ensina que existe um vínculo indissolúvel entre a ética da vida e todos os outros aspectos da ética social. “A Igreja insiste sobre o vínculo indissolúvel entre a ética da vida e todos os demais aspectos da ética social, pois está persuadida de que [...] ‘não pode ter sólidas bases uma sociedade que afirma valores como a dignidade da pessoa, a justiça e a paz, mas contradiz-se radicalmente aceitando e tolerando as mais diversas formas de desprezo e violação da vida humana,



sobretudo se débil e marginalizada”<sup>13</sup>.

A defesa da vida humana desde a concepção até a morte natural é parte da *agenda da caridade*, e não devemos temer que essa *radicalidade evangélica* possa tornar a ação dos cristãos e da hierarquia da Igreja impopular.<sup>14</sup> Ainda que seja preciso uma heroicidade inesperada: “É precisamente da obediência a Deus – o único a Quem se deve aquele temor que significa reconhecimento da sua soberania absoluta – que nascem a força e a coragem de resistir às leis injustas dos homens. É a força e a coragem de quem está disposto até mesmo a ir para a prisão ou a ser morto à espada, na certeza de que nisto ‘está a paciência e a fé dos Santos’ (Ap. 13, 10)”<sup>15</sup>.

## VI. A falsa inevitabilidade

Por último, ainda que sem esgotar a intervenção de João Paulo II de fevereiro de 2000, quero ressaltar que ao referir-se à mentalidade renunciatória diante das leis iníquas o Santo Padre afirma: “A consciência civil e moral não pode aceitar esta falsa inevitabilidade, do mesmo modo que não aceita a idéia da inevitabilidade das guerras ou dos extermínios inter-étnicos”.

A pressão social, o medo de sermos qualificados de fundamentalistas e um sincero, ainda que equivocado, espírito de salvar o que pode ser salvo frente à avalanche de projetos, leis e costumes iníquos, podem fazer-nos cair na tentação de negociar o que é inegociável e, portanto, ceder quanto ao que não nos pertence – a ordem natural e a doutrina de Jesus Cristo. Essa atitude nos fará cair

<sup>13</sup>Cfr. Bento XVI, *Discurso ao embaixador dos Estados Unidos*, 02-10-09; Enc. *Caritas in veritate*, 29 de junho de 2009, n. 15; João Paulo II, Enc. *Evangelium vitae*, 25 de março 1995, n. 23.

<sup>14</sup>Cfr. João Paulo II, *Novo Milênio ineunte*, cit. n. 51. Vid. *Mensagem para a Jornada Mundial da Paz 2001, Diálogo entre as Culturas para uma Civilização do Amor e da Paz*, 08-12-00

<sup>15</sup>Cfr. João Paulo II, Enc. *Evangelium vitae*, cit., n. 73 e vid. n. 74.

na opção do mal menor, num *malminorismo* moralmente inadmissível.

Que sirva para ilustrar o exemplo do Servo de Deus Jérôme Lejeune. Aos 33 anos, em 1959, Lejeune publicou sua descoberta sobre a causa da síndrome de Down, a “trissomia do 21”, e isto o transformou em um dos pais da genética moderna. Em 1962 foi designado como especialista em genética humana na Organização Mundial da Saúde (OMS) e, em 1964, foi nomeado Diretor do Centro Nacional de Investigações Científicas da França; no mesmo ano, é criada para ele, na Faculdade de Medicina da Sorbonne, a primeira cátedra de Genética fundamental. Transforma-se assim em candidato número um ao Prêmio Nobel de Medicina.

Aplaudido e lisonjeado pelos grandes do mundo, deixa de sê-lo em 1970, quando se opõe ferozmente ao projeto de lei do aborto eugênico. Lejeune combateu o *malminorismo* que infectou os católicos na França; estes supunham que cedendo no aborto eugênico freavam as pretensões abortistas e evitavam uma legislação mais permissiva. Os argumentos de Lejeune eram muito claros: não podemos ser cúmplices, o aborto é sempre um assassinato, quem está doente não merece a morte por isso e, mais ainda, longe de frear males maiores o aborto eugênico abre as portas para a liberalização total desse crime. Sua postura lhe rendeu uma real *perseguição eclesial* que se juntou à *perseguição civil*, acentuada por sua defesa do nascituro nas Nações Unidas.

Também em 1970, participou de uma reunião na OMS, na qual se tentava justificar a legalização do aborto para evitar abortos clandestinos. Foi nesse momento, quando se referindo à Organização Mundial de Saúde, que disse: “eis aqui uma instituição de saúde que se tornou uma instituição para a morte”. Nessa mesma tarde, ele escreveu para sua esposa e filha dizendo: “Hoje eu

joguei fora o Prêmio Nobel”. Em nenhum momento deu ouvidos aos prudentes, que o aconselhavam calar-se para chegar mais alto e assim mais poder influir.

João Paulo II, em uma carta ao Cardeal Jean-Marie Lustinger, então arcebispo de Paris, por ocasião da morte de Lejeune, disse:

“Como cientista e biólogo era um apaixonado pela vida. Ele se tornou o maior defensor da vida, especialmente a vida dos nascituros, tão ameaçada na sociedade contemporânea, de modo que se pode pensar que seja uma ameaça programada. Lejeune assumiu plenamente a particular responsabilidade do cientista, disposto a ser um sinal de contradição, ignorando a pressão da sociedade permissiva e do ostracismo do qual era vítima”.<sup>16</sup>

---

<sup>16</sup>Vid. Angelini, Cardenal Fiorenzo, *La figura morale e spirituale del Prof. Jérôme Lejeune*, Pontificia Academia para a Vida, 11-02-2004.

## 7 RECUPERAR A IDENTIDADE CATÓLICA

---

Terminava de escrever estas páginas quando chegaram notícias do veredito do Tribunal Europeu de Direitos Humanos – Tribunal de Estrasburgo –, que em sua sentença contra o Estado italiano considerava o seguinte: “a presença de crucifixo nas salas de aula escolares constitui uma violação dos direitos dos pais de educar seus filhos segundo suas convicções e viola a liberdade religiosa dos alunos”. Além disso, o tribunal afirmava: “a Corte não pode entender como a exposição, nas salas de aula dos colégios públicos, de um símbolo que pode ser razoavelmente associado ao catolicismo pode servir ao pluralismo educativo, essencial para a conservação de uma sociedade democrática, tal como a Convenção Européia de Direitos Humanos a concebe, um pluralismo que o Tribunal Constitucional italiano reconhece”. Infelizmente, François Tulkens, presidente do Tribunal de Estrasburgo, é professora da Universidade Católica de Lovaina.

A propósito da sentença, um dos vice-presidentes do Parlamento Europeu, Mario Mauro,<sup>1</sup> afirmava em seis de novembro de 2009:

“Parece-me fundamental ressaltar que a Corte de direitos humanos não é um organismo da União Européia. De fato, no grupo de sete juízes que emitiram a sentença estavam presentes também um juiz turco e outro sérvio.

---

<sup>1</sup>Vid. Sanahuja, J. C., *El Desarrollo Sustentable. La Nueva Ética internacional*, cit., p. 241

Nos jornais e telejornais aparecem manchetes enganosas que responsabilizam a Europa por ‘rejeitar o crucifixo nas salas de aula’”.

Esta sentença é fruto do trabalho de uma Corte que, sob o auspício do Conselho da Europa, pretende alterar o sentido próprio do projeto europeu. A decisão da Corte de Estrasburgo constitui um exemplo clássico de imposição laicista com o intuito de isolar a religião, especialmente a cristã, em um gueto. As motivações da sentença se enquadram nesta perspectiva, afirmando que a exposição de qualquer símbolo religioso viola o direito de escolha dos pais sobre como educar seus filhos, assim como o direito dos menores de crerem ou não, e que fere, além disso, o ‘pluralismo educativo’.

Anteriormente, os tribunais italianos tinham sentenciado que o crucifixo representa um elemento de coesão em uma sociedade que não pode prescindir de sua tradição cristã. “A sentença desconhece o papel da religião, sobretudo a cristã, na construção do espaço público, e promove uma indiferenciação religiosa que se contradiz profundamente com a história, a cultura e o direito do povo italiano”, concluiu Mauro.

Mas, além do que disse Mario Mauro, devemos considerar a intervenção do bispo de San Marino.

Dom Luigi Negri, bispo de San Marino-Montefeltro, qualificou a sentença como “objetivamente um gesto de rejeição ao Crucificado”, afirmando o que muitos de nós pensamos: que o excesso de *irenismo* e de *aberturismo* do mundo católico tem como resultado, por parte do laicismo radical e anti-cristão, o desprezo.

O Bispo Negri, exortando sua diocese ao desagravo, disse:

A decisão tomada pela corte de Direitos Humanos de Estrasburgo era largamente previsível e, em certos aspectos, esperada. Nestas instituições está se catalisando de forma substancial o pior laicismo, com uma conotação

objetivamente anti-católica e que tende a eliminar, até com violência, a presença cristã da vida em sociedade e, além disso, os símbolos desta presença. Outros já apontaram, sobretudo a Conferência Episcopal Italiana, a mesquinhez cultural desta decisão, a miopia, como disse a Santa Sé, mas eu creio que é correto dizer que se trata de uma vontade subversiva em relação à presença cristã, conduzida com uma ferocidade só comparável à aparente objetividade ou neutralidade das instituições do direito. No entanto, é também correto – como faziam nossos antepassados, e nós amiúde esquecemos esta lição – que nos perguntemos se nós, como povo cristão - e, quisera dizer, como eclesiásticos -, não temos alguma responsabilidade para com esta situação. É sempre correto fazer uma leitura em profundidade sobre se não corremos o risco, de algum modo, de ser cúmplices.

A questão de Estrasburgo, em sua brutalidade, é também uma conseqüência da abordagem demasiado conciliadora que atravessa o mundo católico há décadas, pelo que a principal preocupação não é a nossa identidade, mas o diálogo a todo o custo, a concordar com as posições mais distantes. Este respeito pela diversidade de posições culturais e religiosas, apoiada na idéia de uma equivalência substancial entre as várias posições e religiões, é que faz o catolicismo perder sua especificidade absoluta. Um irenismo, um *aberturismo*, uma disposição de diálogo a todo o custo, que é recompensada da única maneira que o poder humano sempre recompensa estas atitudes desordenadas de compromisso: com desprezo e violência.

É necessário renovar a consciência da própria identidade, da própria especificidade como acontecimento humano e cristão diante de qualquer outra posição, e nos prepararmos para viver o diálogo com todas as outras posições, não sobre a base de uma desmobilização da própria identidade, mas como expressão última, crítica, intensa, de nossa identidade.

Em última análise, será prova significativa, uma

prova que pode ser formativa, uma prova pela qual - como muitas vezes nos lembra a tradição dos grandes Padres da Igreja - Deus continua educando seu povo. Mas é necessário que o juízo seja claro e não se detenha em reações emocionais, para que se compreenda com profundidade a tarefa que temos diante de nós: recuperar nossa identidade eclesial e comprometer-nos com o testemunho diante do mundo.<sup>2</sup>

Deus espera de nós um testemunho de fé íntegra e não um *dialoguismo* que, da perda da identidade católica, se transforme facilmente em apostasia.

Para alguns, o panorama destas páginas parecerá desesperançado, pessimista ou negativo; a eles recordemos que a esperança é a virtude “pela qual aspiramos ao reino dos céus e à vida eterna como felicidade nossa, pondo nossa confiança nas promessas de Cristo e apoiando-nos não nas nossas forças, mas nos auxílios da graça do Espírito Santo”.<sup>3</sup>

Cultivemos a segurança da esperança sobrenatural, pois somos filhos de Deus: “O mesmo Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus. E, se nós somos filhos, somos logo herdeiros também, herdeiros de Deus, e co-herdeiros de Cristo: se é certo que com ele padecemos, para que também com ele sejamos glorificados” (Rom 8, 16-17). Cristo venceu a morte e o pecado, e com essa segurança temos a razão de nossa esperança.

João Paulo II nos ensinou que é o “Espírito Santo ‘Aquele que constrói o Reino de Deus no curso da história e prepara a sua plena manifestação em Jesus Cristo [...] que acontecerá no fim dos tempos’. Nesta perspectiva escatológica os crentes são chamados [...] a redescobrir a virtude teologal da esperança, que, ‘por um lado, impele

---

<sup>2</sup>Vid. Noticias Globales (NG) n° 1006, *Una sentencia contra Jesucristo*, 08-11-09 em [www.noticiasmglobales.org](http://www.noticiasmglobales.org)

<sup>3</sup>Cfr. Catecismo da Igreja católica, n. 1817.

o cristão a não perder de vista a meta final que dá sentido e valor à sua existência inteira e, por outro, oferece-lhe motivações sólidas e profundas para o empenhamento cotidiano na transformação da realidade a fim de a tornar conforme o projeto de Deus”.<sup>4</sup>

No esforço pela transformação cristã da realidade, Deus não nos pede vitórias humanas, pede luta. “O cristianismo não é o caminho de conforto, ao contrário, é uma escalada exigente, mas iluminada pela luz de Cristo e pela grande esperança que nasce d’Ele. Somente assim, experimentando o sofrimento, conhecemos a vida em profundidade, em sua beleza, na grande esperança suscitada por Cristo Crucificado e Ressuscitado”.<sup>5</sup>

João Paulo II nos adverte que, nas atuais circunstâncias, ao dom da esperança “devemos prestar atenção especial, sobretudo no nosso tempo, em que muitos homens, e não poucos cristãos, estão divididos entre a ilusão e o mito de uma infinita capacidade de auto-redenção e de realização de si mesmos e a tentação – do pessimismo – de sofrer freqüentes decepções e derrotas”.

Nossa esperança, esperança teologal, é baseada na vitória de Cristo sobre o pecado e a morte, na Ressurreição do Senhor.<sup>6</sup> Nós não esperamos o advento de um *mundo melhor*, nem sequer aquele que poderíamos ter a ilusão de conseguir, como resultado de nossos esforços para expandir a semente do Evangelho. Nós não estamos isentos de cair no *otimismo ideológico* especialmente se buscamos o êxito, a realização de nossos próprios planos e desejos, ou o aumento do poder e a extensão de nossas instituições. Em suma, o que *nós* imaginamos como triunfo de Cristo.

O Cardeal Ratzinger assinala o perigo do *otimismo*

<sup>4</sup>Cfr. João Paulo II, Audiências Gerais, 03-07-91 e 11-11-98

<sup>5</sup>Cfr. Bento XVI, *Audiência geral*, 05-11-08

<sup>6</sup>Vid. Bento XVI, *Audiência geral*, 26-03-08



*ideológico,*<sup>7</sup> *paródia da fé e da esperança*, cujas origens ideológicas podem ser encontradas tanto no liberalismo como no marxismo:

Na primeira metade dos anos setenta, um amigo de nosso grupo fez uma viagem à Holanda. Ali a Igreja sempre estava dando o que falar, vista por alguns como a imagem e a esperança de uma Igreja melhor para o amanhã e, por outros, como um sintoma de decadência, consequência lógica da atitude assumida. Com certa curiosidade esperávamos o relato que nosso amigo faria em sua volta. Como era um homem leal e observador preciso, falou-nos de todos os fenômenos da decomposição, dos quais já tínhamos ouvido algo; seminários vazios, ordens religiosas sem vocações, sacerdotes e religiosas que em grupo dão as costas à sua própria vocação, desaparecimento da confissão, queda dramática na frequência da prática dominical, etc., etc. Obviamente nos descreveu também as experiências e novidades, que não podiam, a bem da verdade, mudar nenhum dos sinais de decadência; aliás, reafirmavam-nos. A verdadeira surpresa do relato foi, no entanto, a avaliação final: apesar de tudo, era uma grande Igreja, porque em nenhuma parte se observava o pessimismo. O fenômeno do otimismo geral fazia com que toda a decadência e toda destruição fossem esquecidas; ele bastava para compensar todas as coisas negativas.

Eu fiz minhas reflexões particulares em silêncio. O que dizer de um homem de negócios que sempre faz anotações em vermelho, e que, ao invés de reconhecer suas perdas, de buscar as razões e se opor com valentia, se apresentasse diante de seus credores somente com o otimismo? O que se deveria pensar da exaltação de um otimismo simplesmente contrário à realidade? Tentei chegar ao fundo da questão e examinei várias hipóteses. O otimismo poderia ser simplesmente um anteparo atrás do qual se escondesse exatamente o desespero, tentando superá-lo dessa forma. Mas poderia ser algo

---

<sup>7</sup>Vid. Ratzinger, J., *Mirar a Cristo*, EDICEP, Valencia 2005, pp. 45-55

pior, uma vez que esse otimismo metódico era produzido por aqueles que desejavam a destruição da antiga Igreja e, sob o pretexto de reforma, queriam construir uma igreja totalmente diferente, ao seu modo, mas não podiam começá-la para que suas intenções não fossem rapidamente descobertas. Assim, o otimismo público era uma espécie de tranqüilizante para os fiéis, a fim de criar o clima adequado para desfazer, possivelmente em paz, a própria Igreja, e conquistar assim o domínio sobre ela. O fenômeno do otimismo tinha portanto duas caras: por um lado supunha a felicidade da confiança, ou melhor, a cegueira dos fiéis, que se deixam acalmar com belas palavras; e por outro lado, existiria uma estratégia consciente para uma mudança na Igreja, em que nenhuma outra vontade superior - vontade de Deus - nos incomodasse, perturbando nossas consciências, e nossa própria vontade teria a última palavra. O otimismo seria finalmente a forma de libertar-se da pretensão, já amarga pretensão, do Deus vivo sobre nossas vidas. Esse otimismo do orgulho, da apostasia, tinha se servido do otimismo ingênuo, mais ainda, o havia alimentado, como se este otimismo fosse apenas a esperança certa do cristão, a divina virtude da esperança quando, na realidade, era uma paródia da fé e da esperança.

Refleti igualmente sobre outra hipótese. Era possível que um otimismo semelhante fosse simplesmente uma variante da perene fé liberal no progresso: o substituto burguês da esperança perdida da fé. Cheguei mesmo a concluir que todos estes componentes trabalhavam conjuntamente, sem que se pudesse facilmente decidir qual deles, quando e onde, predominava sobre os outros [...]

Meu trabalho me levou a ocupar-me das idéias de Ernst Bloch [...] Para Bloch o otimismo é a forma e a expressão da fé na história, e, portanto, é necessário para uma pessoa que queira servir à libertação, para a evocação revolucionária do homem novo.

Enquanto lia Bloch, pensava que o otimismo é a virtude teológica de um novo Deus e de uma nova re-

ligião, a virtude da história divinizada, de uma *história* de Deus, do grande Deus das ideologias modernas e de suas promessas [...] Na nova religião o pessimismo é o pecado de todos os pecados, e a dúvida diante do otimismo, diante do progresso e da utopia, é um assalto frontal ao espírito da idade moderna, é o ataque a seu credo fundamental, sobre o qual se baseia sua segurança que, por outro lado, está continuamente ameaçada pela debilidade daquela divindade ilusória que é a história.

Tudo isso de novo me veio à mente, quando surgiu o debate sobre meu livro *Rapporto sulla fedde*, publicado em 1985. O grito de oposição que se levantou contra esse livro sem pretensões culminou em uma acusação: é um livro pessimista. Em algum lugar tentou-se até proibir a venda, porque uma heresia desse calibre simplesmente não podia ser tolerada. Os detentores do poder de opinião puseram o livro no *index*. A nova inquisição mostrou sua força. Mais uma vez foi demonstrado que não existe pior pecado contra o espírito da época que transformar-se em rei de uma falta de otimismo. A questão não era: é verdade ou não o que afirma? Os diagnósticos são justos ou não? Pude constatar que ninguém se preocupava em formular *tais* questões fora de moda. O critério era muito simples: ou existe otimismo ou não, e diante desse critério meu livro era, sem dúvida, uma frustração [...]

Por que digo tudo isso? Creio que é possível compreender a verdadeira essência da esperança cristã e revivê-la, se encararmos as imitações deformadoras que se insinuam por todos os lados. A grandeza e a razão da esperança cristã vêm à luz apenas quando nos livramos do falso esplendor de suas imitações profanas.

Bento XVI nos oferece o exemplo de São Paulo: “Não procurou uma harmonia superficial. Na primeira das suas *Cartas*, a que escreveu aos *Tessalonicenses*, ele diz de si mesmo: ‘No meio de grandes obstáculos... fomos anunciar-vos o Evangelho de Deus no meio de muitas lu-

tas... Com efeito, nunca usei de adulação, como sabeis' (1 Ts 2, 2.5). A verdade era para ele demasiado grande para estar disposto a sacrificá-la em vista de um sucesso externo. Para ele, a verdade que tinha experimentado no encontro com o Ressuscitado merecia bem a luta, a perseguição, o sofrimento. Mas o que o motivava no mais profundo do seu ser era ser amado por Jesus Cristo e o desejo de transmitir aos outros este amor. Paulo era uma pessoa capaz de amar, e todo o seu agir e sofrer só se explica a partir deste centro.”<sup>8</sup>

Ainda assim, servir a Deus com luta, perseguição e sofrimento não é uma tarefa que nossa natureza humana ignore. Servimos à verdade sendo homens e mulheres, com suas necessidades físicas e afetivas, com suas debilidades e fortalezas, com seus gostos e desgostos, suas inclinações e aversões.

Com a graça de Deus, ganharemos em profundidade interior se considerarmos com freqüência o seguinte texto da encíclica *Spe Salvi*: “Certamente, nos nossos inúmeros sofrimentos e provas sempre temos necessidade também das nossas pequenas ou grandes esperanças – de uma visita amiga, da cura das feridas internas e externas, da solução positiva de uma crise etc. Nas provações menores, estes tipos de esperança podem mesmo ser suficientes”. Ainda que não possamos esquecer que “nas provações verdadeiramente graves, quando tenho de assumir a decisão definitiva de antepor a verdade ao bem-estar, à carreira e à propriedade, a certeza da verdadeira grande esperança, de que falamos, faz-se necessária. Para isto, precisamos também de testemunhas, de mártires que se entregaram totalmente para que no-lo manifestem dia após dia. Temos necessidade deles para preferirmos, mesmo nas pequenas alternativas do dia-a-dia, o bem à comodidade, sabendo que precisamente assim vivemos a

<sup>8</sup>Cfr. Bento XVI, *Homilia na inauguração do ano paulino*, 28-06-2008

vida de verdade. Digamo-lo uma vez mais: a capacidade de sofrer por amor da verdade é a medida da humanidade. No entanto, esta capacidade de sofrer depende do gênero e da grandeza da esperança que trazemos dentro de nós e sobre a qual nos fundamentamos. Os santos puderam percorrer o grande caminho do ser-homem do modo como Cristo o percorreu antes de nós porque estavam repletos da grande esperança”.<sup>9</sup>

---

<sup>9</sup>Cfr. Bento XVI, Enc. *Spe Salvi*, 30 de novembro de 2007, n. 39

## ANEXO I

---

### **Obama e Blair. O messianismo reinterpretado** **Michel Schooyans**

*Conferência na Assembléia da Pontifícia Academia  
de Ciências Sociais*

Cidade do Vaticano, 1 de março de 2009 <sup>1</sup>

A eleição de Barack Hussein Obama para a presidência dos Estados Unidos suscitou numerosas expectativas em todo o mundo. Nos Estados Unidos, os eleitores votaram em um presidente jovem, mestiço e brilhante. Espera-se que corrija os erros de seu antecessor. Foram utilizadas fórmulas até excessivas, afirmando, por exemplo, que havia chegado a hora de “reedificar” os Estados Unidos ou de reorganizar a ordem internacional. Nota-se aqui a influência de Saul D. Alinsky (1909-1972), um dos Mestres do pensamento do novo presidente e de Hillary Clinton. Não faltou zelo aos admiradores do vivaz recém-eleito, que demonizaram o desventurado presidente George W. Bush, rogando que se destruía o quanto antes a política que tinha desenvolvido. Agora, a administração Bush, à qual também não faltaram méritos, é caracterizada por falhas reconhecidas, mesmo pelo círculo mais próximo do presidente. No entanto, sobre um ponto es-

---

<sup>1</sup>Fonte: <http://chiesa.espresso.repubblica.it/arueticolo/1338321?sp=y>

sencial e fundamental, o presidente Bush promoveu uma política meritória de respeito e de continuidade: ofereceu ao ser humano não nascido, assim como ao pessoal médico, uma proteção jurídica insuficiente, sem dúvida, mas eficaz.

Os eleitores que levaram Barack Obama à presidência não perceberam a debilidade e a ambigüidade das declarações feitas por seu candidato sobre este ponto decisivo. Mais ainda, uma vez eleito, uma das primeiras medidas do presidente Obama foi a de revogar as disposições tomadas pelo presidente Bush para proteger o direito à vida do ser humano não nascido.

O presidente Obama reintroduz, assim, o direito a discriminar, a “deixar de lado” alguns seres humanos. Com ele, o direito de cada indivíduo humano à vida e à liberdade não é reconhecido, nem muito menos protegido. O presidente Obama contradiz, por conseguinte, a argumentação invocada por seus próprios irmãos de raça no momento em que reivindicavam, com justiça, que fosse reconhecido o direito de todos à mesma dignidade, à igualdade e à liberdade. Em sua variante pré-natal, o racismo foi restaurado nos Estados Unidos.

O novo presidente arrasta assim o direito em um processo de regressão que altera a qualidade democrática da sociedade que o elegeu. De fato, uma sociedade que se diz democrática, na qual os governantes, invocando “novos direitos” subjetivos, permitem a eliminação de algumas categorias de seres humanos, é uma sociedade que já está dirigida para o caminho do totalitarismo. Segundo a Organização Mundial da Saúde, quarenta e seis milhões de abortos são feitos a cada ano no mundo. Revogando as disposições jurídicas que protegem a vida, Obama vai aumentar a lista fúnebre das vítimas de leis criminosas. O caminho está aberto para que o aborto se torne legalmente exigível. O próprio direito poderá ser imerso na indig-

nidade toda vez que seja instrumentalizado e empurrado a legalizar qualquer coisa e posto, por exemplo, a serviço de um programa de eliminação de inocentes. A partir daqui, a realidade do ser humano já não tem em si nenhuma importância.

A consequência óbvia da mudança decidida por Obama é que o número de abortos no mundo vai aumentar. O presidente Bush tinha cortado as subvenções destinadas aos programas que envolviam aborto, especialmente fora dos Estados Unidos. A revogação desta medida pela nova administração limita o direito do pessoal médico à objeção de consciência e permite que Obama possa aumentar os subsídios dados às organizações públicas e privadas, nacionais e internacionais, que desenvolvem programas de controle de natalidade, de “maternidade sem riscos”, de “saúde reprodutiva”, que incluem o aborto entre os métodos contraceptivos e o promovem.

O presidente Obama aparecerá, pois, inevitavelmente como um dos principais responsáveis pelo envelhecimento da população dos Estados Unidos e das nações “beneficiadas” pelos programas de controle da natalidade apresentados como condição prévia para o desenvolvimento. Como líder político bem informado ele pode ignorar que uma sociedade que aborta seus filhos é uma sociedade que aborta seu futuro?

A medida tomada por Barack Obama está destinada a ter repercussões no plano mundial. O “messianismo” norte-americano tradicional se gloriava de oferecer ao mundo o melhor modelo de democracia. Com a permissão de legalmente assassinar inocentes, esta pretensão caminha rumo à extinção. Em seu lugar emerge um “messianismo” que anuncia a extinção dos princípios morais escritos na Declaração de Independência (1776) e na Constituição dos Estados Unidos (1787). De agora em diante, rejeita-se a referência ao Criador. Nenhuma rea-



lidade humana se impõe em virtude de sua dignidade intrínseca. Prevalece a vontade presidencial. Segundo suas próprias palavras, o presidente já não deverá referir-se às tradições morais e religiosas da humanidade. Sua vontade é fonte de lei. A propósito, o que pensa disso o congresso norte-americano?

Agora, uma vez que a influência dos Estados Unidos é a que mais pesa nas relações internacionais, bilaterais e multilaterais, e particularmente na ONU, podemos esperar que o aborto mais cedo ou mais tarde será apresentado à ONU como um “novo direito humano”, um direito que permite exigir o aborto. Seguir-se-á, daí, que não haverá lugar, no direito, para a objeção de consciência. Este mesmo processo permitirá que o presidente manifeste sua vontade de incluir na lista outros “novos direitos” subjetivos, como homossexualidade, eutanásia, divórcio, drogas, etc.

### ***Refazer as religiões? Refazer o cristianismo?***

Nestes programas, o presidente Obama poderá contar com o apoio de Tony Blair<sup>2</sup> e Cherie Booth. O grupo de estudiosos fundado pelo ex-primeiro-ministro britânico sob o nome de *Tony Blair Faith Foundation* tem entre as suas atribuições reconstruir as grandes religiões, como seu colega Barack Obama irá reconstruir a sociedade global. Para este fim, a referida fundação irá expandir os “novos direitos” usando para isto as religiões do mundo, adaptando-as às suas novas tarefas. As religiões deverão ser reduzidas ao mesmo denominador comum, ou seja, deverão ser esvaziadas de sua própria identidade. Isso não pode ser feito senão com o estabelecimento de um direito internacional inspirado em Hans Kelsen (1881-1973) e chamado a legitimar todos os direitos das nações soberanas. Este direito também será aplicado sobre

---

<sup>2</sup>Ex-Primeiro Ministro britânico, Anthony Charles Lynton Blair.

as religiões do mundo, de modo que a nova “fé” seja o princípio unificador da sociedade global. Esta nova “fé”, este princípio unificador, deverá permitir o progresso dos *Objetivos do Milênio para o Desenvolvimento*. Entre estes objetivos, o item nº 3 afirma: “*Promover a igualdade de gênero e o empoderamento das mulheres*”; e o nº 5: “*Melhorar a saúde materna*”. Sabemos o que esconde e envolve essas expressões. Para o lançamento da Fundação, foi anunciada uma campanha contra a malária como parte da meta do nº 6: “*Combater o HIV/AIDS, a malária e outras doenças*”. O anúncio foi feito de forma tal que, subscrevendo esta campanha, subscreve-se também todos os objetivos do Milênio.

De fato, o projeto de Tony Blair prolonga e amplia a Iniciativa *das Religiões Unidas*, que surgiu há vários anos. Além disso, amplia a *Declaração para uma ética planetária* da qual Hans Küng é um dos principais inspiradores. Este plano não pode ser realizado senão à custa do sacrifício da liberdade religiosa, da imposição de uma leitura “politicamente correta” das Sagradas Escrituras e da sabotagem dos fundamentos do direito. Maquiavel já acomodava o uso da religião para fins políticos...

A “conversão” muito divulgada do ex-primeiro-ministro britânico ao catolicismo, e sua entrevista à revista gay “Attitude” em abril de 2009, permitem-nos compreender ainda melhor as intenções de Tony Blair em relação às religiões, a começar pela religião católica. Os discursos do Santo Padre, especialmente sobre preservativos, pertencem à outra geração. O recém “convertido” não hesita em explicar ao Papa não apenas o que deve dizer, mas também no que acreditar! É realmente católico? Blair não acredita na autoridade do Papa.

Estamos de volta aos dias de Hobbes, se não de Cromwell: é o poder civil que define em que acreditar. A religião é esvaziada do seu conteúdo próprio, de sua

doutrina, do que fica apenas um resíduo moral definido pelo Leviatã. Não se diz ser necessário renegar Deus, mas de agora em diante Deus não tem nada a ver com a história dos homens e dos seus direitos: retorna-se ao deísmo. Deus é substituído pelo Leviatã. Cabe a ele definir, se assim o quiser, uma religião civil; interpretar - se quiser e como quiser - os textos religiosos. A questão da verdade da religião já não importa. Os textos religiosos, e especialmente os textos bíblicos, devem ser compreendidos em sentido puramente “metafórico”; é o que Hobbes recomenda (III, XXXVI). Na melhor das hipóteses, apenas o Leviatã pode interpretar as Escrituras. É necessário também reformar as instituições religiosas para se adaptar às mudanças. É necessário tomar como reféns algumas personalidades religiosas, chamadas a validar a nova “fé” secularizada, a fé da “*civil partnership*”.

Os direitos do homem como concebidos na tradição do realismo filosófico são assim passados pelo fio da espada. Tudo é relativo. Dos direitos não sobram senão os definidos pelo Leviatã. Como escreve Hobbes: “a lei da natureza e a lei civil estão contidas uma na outra e são iguais em extensão” (I, XXVI, 4). Da verdade fica apenas aquela declarada pelo próprio Leviatã. Somente ele decide como a mudança deve ser feita.

### *O retorno da águia de duas cabeças*

O projeto Blair não pode ser realizado sem recolocar em questão a diferença e as relações entre a Igreja e o Estado. Este projeto corre o risco de fazer-nos regredir a uma época em que o poder político atribuía-se a si mesmo a missão de promover uma confissão religiosa ou de mudá-la. No caso da *Tony Blair Faith Foundation*, tratar-se-ia também de promover uma, e apenas uma, confissão religiosa, que um poder político universal, global, imporia ao mundo inteiro. Recordemos que o projeto Blair,

encharcado de Nova Era, foi preparado ideologicamente tanto pela *Iniciativa das Religiões Unidas* como pela *Declaração para uma Ética Mundial*, já citada, e apoiada por numerosas fundações semelhantes.

Este projeto lembra evidentemente a história do anglicanismo e de sua fundação pelo “defensor da fé” Henrique VIII. O projeto das religiões unidas, reduzidas a um denominador comum, é, no entanto, mais criticável que o projeto de Henrique VIII. Com efeito, este projeto propõe o estabelecimento de um governo mundial e uma força policial global das idéias. Como se viu, a propósito de Barack Obama, os arquitetos do governo mundial se dedicam a impor um sistema de positivismo jurídico que procede do direito de uma vontade suprema, da qual depende o reconhecimento dos direitos individuais. Em suma, se o projeto Blair se cumprisse, os agentes do governo mundial imporiam, com um novo Ato de Supremacia, uma religião única legitimada pelos intérpretes da vontade suprema (Hobbes, III, XXXVI).

A análise das decisões de Barack Obama e do projeto de Tony Blair revela que uma aliança de duas novas vontades convergentes está tomando forma. Uma tem como objetivo subjugar o direito e a outra subjugar a religião. Esta é a nova versão da águia de duas cabeças. Direito e religião são instrumentalizados para “legitimar” seja o que for.

Esta dupla instrumentalização é mortal para a comunidade humana. É o resultado de diferentes experiências realizadas no quadro do Estado-Providência. Este, à custa de querer agradar as pessoas, multiplicou os “direitos” subjetivos de condescendência, por exemplo, sobre o divórcio, a sexualidade, a família, a população, etc. Mas, ao fazer isso, o Estado-Providência cria inúmeros problemas que é incapaz de resolver. Com a extensão destes “direitos” de condescendência em escala mundial, os pro-

blemas de pobreza e de marginalização são multiplicados a ponto de nenhum governo mundial poder resolvê-los.

O mesmo acontece com a religião. A partir do momento que se conseguiu a separação entre a Igreja e o Estado, é inadmissível que o Estado se sirva da religião para dar força a seu domínio sobre os corações, os corpos e as consciências. Como disse o Arcebispo Ronald Minnerath,<sup>3</sup> o Estado não pode algemar a verdade religiosa e deve garantir a liberdade de buscá-la.

### *Para um terrorismo político-jurídico*

Através destes canais, e com o apoio de Blair, o presidente-jurista Obama presta-se a lançar um novo messianismo americano, completamente secularizado. Nisto se beneficia através do apoio de seu fiel parceiro, virtual candidato à presidência da União Européia. A vontade suprema do Presidente dos Estados Unidos irá validar o direito das relações entre as nações. Em suas pegadas, serão promulgados por seu colega britânico os “Trinta e Nove Artigos” da nova religião mundial.

Do topo da pirâmide, a vontade do Príncipe está destinada a se mover pelos canais internacionais da ONU e alcançar canais nacionais particulares. Nesta perspectiva, este processo, como se pode imaginar, elimina a autoridade dos parlamentos nacionais, remove a autoridade do executivo e destrói a independência do poder judiciário. É por estas razões que, na lógica de Obama, o papel de um tribunal penal internacional é chamado a se ampliar, e este deve ser armado para reprimir os recalcitrantes – os católicos, por exemplo - que rejeitam este ponto de vista do poder e do direito, de um direito tornado vassalo do poder. Como não ver esta verdade chocante ao testemunhar o surgimento de um terrorismo político-jurídico sem precedentes na história?

---

<sup>3</sup>Arcebispo de Dijon, França.

Façamos, por fim, um esforço para lembrar que a Igreja não tem o monopólio sobre o respeito do direito humano à vida. Este respeito é proclamado pelas maiores tradições morais e religiosas da humanidade, muitas vezes anteriores ao cristianismo. A Igreja reconhece plenamente o valor dos argumentos dados pela razão em favor da vida humana. Como o Arcebispo Minnerath admiravelmente mostrou, a Igreja completa e consolida esta argumentação valendo-se da contribuição da teologia: o respeito pela criação; o homem à imagem de Deus; o amor ao próximo; o novo mandamento, etc. Estes argumentos são freqüentemente apresentados nas declarações da Igreja e nos numerosos documentos cristãos sobre o assunto.

Mas, quando as mais altas autoridades das nações, e até mesmo a primeira potência mundial, vacilam diante do respeito aos direitos humanos fundamentais, é um dever para a Igreja chamar todos os homens e mulheres de boa vontade para que se unam a fim de formar uma frente única para defender a vida de todo ser humano. A primeira atitude que se impõe a todos, de acordo com as responsabilidades de cada um, é a objeção de consciência que, por outro lado, Obama quer limitar. Mas esta objeção deve ser completada por um compromisso e uma ação na esfera política, nos meios de comunicação e nas universidades. A mobilização deve ser geral e deve ser este o objetivo central de toda a moral e, especialmente, toda a moral católica: reconhecer e amar o próximo, começando pelo próximo menor e mais vulnerável.

## ANEXO II

---

### A Terra e seu Caráter Sagrado Irmã Donna Geernaert, SC

#### *Advertência ao leitor*

Para ilustrar o grau de confusão doutrinal a que se chegou, incluímos a conferência *A Terra e seu Caráter Sagrado*, da Irmã Donna Geernaert SC, no *Plenário da União Internacional de Superiores Gerais* (UISG) que se deu em Roma, em maio de 2007. Mas antes de enfrentar a leitura do trabalho de Geernaert, devemos fazer algumas breves observações que consideramos imprescindíveis para poder elaborar um julgamento correto, conforme a doutrina católica, sobre as teorias da autora.

O Magistério da Igreja se ocupou largamente nestes últimos anos do problema ecológico. João Paulo II chega a qualificar de “holocausto ambiental” os abusos cometidos pelo desmesurado afã de consumo para sustentar o atual modo de vida, especialmente dos países desenvolvidos, e dedica muitas páginas de seu ministério ao problema. Basta ver, por exemplo, a encíclica *Sollicitudo rei sociales*, n. 34; a encíclica *Centesimus annus*, n. 37-38; a *Mensagem da Jornada Mundial da Paz*, 1990; o *Discurso aos Cientistas*, de 8 de maio de 1993.

Bento XVI continua chamando a atenção da Igreja e do mundo sobre a questão ecológica, entre outras oca-

siões, na *Mensagem para a XLIII Jornada Mundial da Paz*, de 01 de janeiro de 2010, sob o título *Se Quiseres Cultivar a Paz Preserva a Criação*, na qual diz:

Porventura não é verdade que, na origem daquela que em sentido cósmico chamamos «natureza», há «um desígnio de amor e de verdade»? O mundo «não é fruto duma qualquer necessidade, dum destino cego ou do acaso, (...) procede da vontade livre de Deus, que quis fazer as criaturas participantes do seu Ser, da sua sabedoria e da sua bondade». Nas suas páginas iniciais, o livro do *Genesis* introduz-nos no projeto sábio do cosmos, fruto do pensamento de Deus, que, no vértice, colocou o homem e a mulher, criados à imagem e semelhança do Criador, para «encher e dominar a terra» como «administradores» em nome do próprio Deus (cf. *Gn* 1, 28). A harmonia descrita na Sagrada Escritura entre o Criador, a humanidade e a criação foi quebrada pelo pecado de Adão e Eva, do homem e da mulher, que pretenderam ocupar o lugar de Deus, recusando reconhecer-se como suas criaturas. Em consequência, ficou deturpada também a tarefa de «dominar» a terra, de a «cultivar e guardar» e gerou-se um conflito entre eles e o resto da criação (cf. *Gn* 3, 17-19). O ser humano deixou-se dominar pelo egoísmo, perdendo o sentido do mandato de Deus, e, no relacionamento com a criação, comportou-se como explorador pretendendo exercer um domínio absoluto sobre ela. Mas o verdadeiro significado do mandamento primordial de Deus, bem evidenciado no livro do *Genesis*, não consistia numa simples concessão de autoridade, mas antes num apelo à responsabilidade. Aliás, a sabedoria dos antigos reconhecia que a natureza está à nossa disposição, mas não como «um monte de lixo espalhado ao acaso», enquanto a Revelação bíblica nos fez compreender que a natureza é dom do Criador, o Qual lhe traçou os ordenamentos intrínsecos a fim de que o homem pudesse deduzir deles as devidas orientações para a «cultivar e guardar» (cf. *Gn* 2, 15). Tudo o que existe pertence a Deus, que o confiou aos homens, mas não à sua arbitrária disposição. (n.6).

O Santo Padre, para evitar os abusos do *ecocentrismo* expõe no n. 13 da *Mensagem*:



Por fim não se deve esquecer o fato, altamente significativo, de que muitos encontram tranqüilidade e paz, sentem-se renovados e revigorados quando entram em contato direto com a beleza e a harmonia da natureza. Existe aqui uma espécie de reciprocidade: quando cuidamos da criação, constatamos que Deus, através da criação, cuida de nós. Por outro lado, uma visão correta da relação do homem com o ambiente impede de absolutizar a natureza ou de considerá-la mais importante do que a pessoa. Se o magistério da Igreja exprime perplexidades acerca de uma concepção do ambiente inspirada no *ecocentrismo* e no *biocentrismo*, fá-lo porque tal concepção elimina a diferença ontológica e axiológica entre a pessoa humana e os outros seres vivos. Deste modo, chega-se realmente a eliminar a identidade e a função superior do homem, favorecendo uma visão *igualitarista* da «dignidade» de todos os seres vivos. Assim se dá entrada a um novo panteísmo com acentos neopagãos que fazem derivar apenas da natureza, entendida em sentido puramente naturalista, a salvação para o homem. Ao contrário, a Igreja convida a colocar a questão de modo equilibrado, no respeito da ‘gramática’ que o Criador inscreveu na sua obra, confiando ao homem o papel de guardião e administrador responsável da criação, papel de que certamente não deve abusar, mas de que também não pode abdicar. Com efeito, a posição contrária, que considera a técnica e o poder humano como absolutos, acaba por ser um grave atentado não só à natureza, mas também à própria dignidade humana (n.13).

\*

\* \*

Considerando o Magistério recente, passemos a analisar brevemente a conferência *A terra e seu caráter sagrado* da Irmã Donna Geernaert, SC, no *Plenário da União Internacional de Superiores Gerais* (UISG).

O artigo da Irmã Geernaert, como ela explicitamente declara, depende, entre outros autores, do pensamento do sacerdote jesuíta Pierre Teilhard de Chardin (1881-1955).

Tratando-se deste autor, devemos considerar que, em 30 de junho de 1962, a *Congregação do Santo Ofício* (hoje chamada *Congregação para a Doutrina da Fé*) declarou:

“Deixando de lado um juízo sobre esses pontos que dizem respeito às ciências positivas, é suficientemente claro que as obras acima mencionadas abundam em tais ambigüidades e até mesmo em erros graves, que ofendem a doutrina católica.

Por esta razão, os eminentísimos e reverendíssimos Pais do *Santo Ofício* exortam a todos os Ordinários e superiores dos institutos religiosos, reitores dos seminários e presidentes de universidades, a proteger eficazmente as mentes, particularmente dos jovens, contra os perigos apresentados pelas obras de P. Teilhard de Chardin e seus seguidores”.

Em 20 de julho de 1981, enfrentando os rumores de que o *Monitum* (Advertência) do Santo Ofício de 1962 sobre a obra de Teilhard de Chardin já não tinha vigência, a Santa Sé reiterou essa advertência. O Escritório de Imprensa da Santa Sé publicou na edição inglesa d’*Osservatore Romano* (20-07-1981) o seguinte:

“A carta enviada pelo Cardeal Secretário de Estado a sua Excelência Dom Poupard no centenário do nascimento do P. Teilhard de Chardin foi interpretada por certo setor da imprensa como uma revisão de pronunciamentos prévios da Santa Sé sobre este autor, e em particular do *Monitum* do *Santo Ofício* de 30 de junho de 1962, o qual assinalou que a obra do autor continha ambigüidades e graves erros doutrinários.

Questionou-se se tal interpretação está bem fundamentada.

Depois de ter consultado o Cardeal Secretário de Estado e ao Cardeal Prefeito da *Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé*, aqueles que, por ordem do Santo Padre, tinham sido devidamente consultados de antemão,

sobre a carta em questão, estamos em condições de replicar pela negativa.

Longe de ser uma revisão dos pronunciamentos prévios da Santa Sé, a carta do Cardeal Casaroli exprime reservas em várias passagens – e estas reservas foram deixadas de lado, pelo silêncio de certos jornais –, reservas que se referem exatamente ao juízo dado no *Monitum* de Junho de 1962, ainda que este documento não seja mencionado explicitamente”.

Outro autor citado por Donna Geernaert é o Padre Thomas Berry, *passionista* e discípulo de Teilhard de Chardin falecido em 1990. O Pe. Berry é considerado o “pai da *ecoteologia*” e do “*ecofeminismo*” dentro da Igreja Católica. A pesar de seus erros evidentes, suas obras nunca foram expressamente condenadas pela Igreja. Apadrinhou um numeroso grupo de religiosas – pertencentes a diferentes congregações – chamado “as freiras verdes”, que têm uma forte influência nas assembleias da *Leadership Conference of Women Religious* (LCWR), a Conferência de superiores religiosas dos Estados Unidos, que atualmente sofre intervenção por parte da Santa Sé.

Para o Pe. Berry, o grande desafio, que ele chamava de “o Grande Trabalho”, era a preparação da humanidade para o ingresso na nova era “*eco-zóica*”, na qual as espécies da Terra seriam “mutuamente benéficas” umas para as outras. As “freiras verdes” têm nesta tarefa sua missão principal, que consideram mais importante do que difundir o Cristianismo. Para Berry, a Bíblia devia ser deixada “numa estante pelo menos por vinte anos” para que as pessoas pudessem ler “a primeira Escritura, o mundo da natureza que está à nossa volta”. Seguindo este ensinamento, as freiras verdes procuram passar de um antropocentrismo a um “biocentrismo”.

Creio que estas linhas bastam para ajudar a situar doutrinalmente a conferência *A Terra e seu Caráter Sagrado*, da Irmã Donna Geernaert, de cujo texto notemos apenas o seguinte.

Nestes parágrafos da conferência não se afirma, con-

forme a doutrina católica, a absoluta transcendência de Deus em relação à criatura humana e a toda criação; sua autora pareceria, assim, estar de acordo com alguma forma de panteísmo quando afirma: “Na nova cosmologia, Deus é visto como uma causa interna, presença imediata no surgimento de todo universo”.

Na conferência de Donna Geernaert, a Revelação, a Salvação, a doação da Graça, que são ações próprias e exclusivas de Deus, não aparecem. E é confusa quando fala da Criação, obra *ad extra*, livre e exclusiva de Deus. Estes aspectos do artigo de Geernaert criam um extenso campo para a distorção da doutrina católica.

A criatura humana é posta no mesmo plano do resto das criaturas, quando a revelação bíblica claramente nos diz: “Que é o homem, para te lembrares dele, ou o filho do homem, para o visitares? Tu o fizeste pouco inferior aos anjos; de glória e de honra o coroaste, e lhe deste o mando sobre as obras das tuas mãos. Sujeitaste todas as coisas debaixo de seus pés” (Salmo 8, 5-7).

No texto de Geernaert, o ser humano – homem e mulher – pareceria estar sendo permanentemente levado pela corrente de uma evolução que não tem causa eficiente, nem final, nem origem, nem meta transcendente. O *destino partilhado* que daria unidade à grande diversidade em que se encontra indiscriminadamente imerso não é a Parusia, a Vinda do Senhor Jesus na Glória; a Transfiguração do Cosmos é mais uma indefinida permanência nesta Terra que exige uma solidariedade dos viventes ordenados a forjar e perpetuar uma bem-aventurança intramundana. As sucessivas gerações irão usufruindo desta felicidade, ao melhor estilo das utopias milenaristas ou materialistas. Assim, por exemplo, Geernaert conclui: “Uma espiritualidade ecológica chama as/os religiosas/os a trabalhar com a comunidade terrestre ampliada, para formar um processo planetário integral. Centra-se na recuperação da intimidade humana com todos os elementos que participam do universo do ser. Oferece uma nova forma de ministério profético com implicações tanto mís-

ticas como práticas. Esta espiritualidade ecológica contribuirá para fazer a transição entre um modo não viável e um modo viável para a comunidade planetária. Sem ela, não pode haver nem vida nem esperança para ninguém, nesta casa planetária, que é a nossa.”

Quanto à conduta cristã, aparece envolvida nesta grande evolução. Na conferência, o comportamento cristão se acha submetido a uma criatividade subjetiva que não admite verdades imutáveis e universalmente válidas para todos os seres humanos de todas as épocas históricas e de todas as latitudes. A Irmã Geernaert não parece considerar as palavras de Jesus: “Se me amais, observareis os meus mandamentos” (Jo 14,15); “Aquele que retém os meus mandamentos e os guarda, esse é que me ama; e aquele que me ama, será amado por meu Pai e eu o amarei e me manifestarei a ele” (Jo 14,21), afirmações de Jesus Cristo que não admitem as veleidades de um comportamento evolucionante.

### ***A terra e seu caráter sagrado***

Irmã Donna Geernaert, SC

Apresentação na Plenária da União Internacional das Superiores Gerais (UISG), que foi realizada em Roma, entre 6 a 10 de maio de 2007<sup>1</sup>.

Gostaria de começar agradecendo às organizadoras da Plenária deste ano por ter me convidado para introduzir a questão da ecologia como “espiritualidade nova

---

<sup>1</sup>Fonte [http://vidimusdominum.info/en/index.php?option=com\\_docman&task=doc\\_details&Itemid=75&gid=421](http://vidimusdominum.info/en/index.php?option=com_docman&task=doc_details&Itemid=75&gid=421), 14-05-10.

A Irmã Donna Geernaert, SC, nasceu em Saskatchewan e cresceu em Vancouver, BC. Ingressou nas *Irmãs da Caridade* de Halifax e realizou seus primeiros estudos superiores na Universidade de Mount Saint Vincent em Halifax. A Irmã Donna obteve um Doutorado em Teologia no St. Michael's College, Toronto. Seu trabalho como teóloga concentrou-se em várias áreas, com ênfase na Teologia católica contemporânea e na Teologia das Religiões. Desde agosto de 2002 é Superiora geral de sua congregação, As Irmãs da Caridade (Halifax), que tem missões no Canadá, no leste dos Estados Unidos, nas Bermudas, na República Dominicana e no Peru.

que gere esperança e vida para toda a humanidade”. Há alguns anos, escrevi minha tese sobre Teilhard de Chardin e esta foi uma boa ocasião para voltar a examinar uma parte desta reflexão. Convidar uma norte-americana para refletir sobre a ecologia é, obviamente, um objetivo especial, já que nossa sociedade industrializada é uma das causas maiores da contaminação do meio-ambiente.<sup>2</sup>

### ***A ecologia***

O termo “ecologia” vem do grego *oikos*, “casa”, que destaca o respeito e a solicitude em relação à terra, como criação de Deus e morada da vida. Estudo científico relativamente novo, a ecologia supõe uma posição moral espiritualmente fundada, segundo a qual todos os seres da terra formam uma casa (*oikos*) e se beneficiam de uma economia (*oikonomia*), favorecendo o desenvolvimento de todas as formas de vida planetária. A ecologia considera a “ordem da casa”, as atitudes e tecnologias, os comportamentos e a ciência, a fim de permitir que todos os habitantes do planeta vivam indefinidamente na prosperidade. Neste contexto, Sallie McFague fala de uma economia ecológica que “nos convida a imaginá-los, não como indivíduos isolados, mas como pessoas que vivem sob o mesmo teto”. Este modelo ecológico – continua ela – “exige que os inquilinos obedeçam três leis principais: contentar-se com a sua parte, limpá-la depois de usá-la e manter a casa em boas condições para os ocupantes futuros. Não somos donos da casa nem sequer a alugamos. É um empréstimo que nos fazem durante o nosso tempo de vida, com a cláusula de obedecer às regras acima descritas para que a casa possa nutrir, abrigar, fazer crescer e usufruir aqueles que se instalarão nela depois de

---

<sup>2</sup>Jerome C. Glenn y Theodore J. Gordon, 2006 *State of the Future*, United Nations University Centre, pp. 1-7 identifica um certo número de variáveis.

nós [nosotras/os].<sup>3</sup>

A resposta para a atual crise do meio ambiente apresenta um sério desafio para as religiões do mundo. Na verdade, os críticos têm considerado a religião como um agente significativo de deterioração ambiental. A historiadora Lynn White, em 1967, diz, em particular, que a ênfase no cristianismo em um Deus transcendente e na dominação humana da natureza levou a uma desvalorização do mundo natural e à destruição de seus recursos.<sup>4</sup> No entanto, existe um crescente grupo de pesquisa sobre o papel que a religião pode desempenhar articulando uma visão global e ética do mundo para ajudar a tratar eficazmente os problemas do meio-ambiente. O *Fórum de Harvard sobre Religião e Ecologia* procura pôr eruditos advindos de estudos acadêmicos na área de religião em contato com cientistas, políticos e ativistas; fomentar esforços conjuntos criando uma base comum para o diálogo e para a colaboração, imaginando e implantando soluções de longo alcance aos problemas do meio ambiente mais urgentes.<sup>5</sup>

## A cosmologia

---

<sup>3</sup>Sallie McFague, «New House Rules: Christianity, Economics and Planetary Living», *Diodalus* 130 (2001), 125-140.

<sup>4</sup>Lynn White, «The Historical Roots of Our Ecological Crisis», *Science* 155 (1967), 1203-1207.

<sup>5</sup>Uma série de dez conferências que teve lugar na Universidade de Harvard, de maio de 1996 a julho de 1998, analisou o tema religião e ecologia do ponto de vista das dez tradições religiosas mais importantes: Budismo, Cristianismo, Confucionismo, Hinduísmo, tradições indígenas, Islamismo, Jansenismo, Judaísmo, Xintoísmo e Taoísmo. Estes encontros produziram uma série de onze volumes sobre as religiões do mundo e a ecologia. Reuniram especialistas que estudaram os problemas da sociedade e do meio ambiente do ponto de vista religioso. Estes livros são um passo à frente no processo evidente de identificação dos recursos ecologicamente pertinentes no interior de cada tradição. Nesse mesmo sentido, o fórum canadense sobre religião e ecologia foi lançado na Universidade de Toronto em março de 2004 e, de 24 a 26 de maio de 2007, aconteceu em Bamberg, na Alemanha, a conferência inaugural do Fórum Europeu para o estudo da religião e do meio ambiente.

A iminência de um desastre do meio ambiente é, cada vez mais, evidente; a inação humana e a aparente falta de vontade para encontrar meios eficazes de abordar o problema o faz ainda mais intrincado. Neste contexto, o ecologista Thomas Berry afirma a importância da cosmologia:

“A narração cosmológica é a primeira narração de todo povo, pois esta história é a que lhe dá seu sentido do universo[...]. É uma história que cura, uma poderosa história, uma história que guia. Todos os papéis humanos são continuações, elaborações suplementares, desenvolvimentos e desdobramentos desta história. Assim, pois, todo ato criativo, no nível humano, é uma prolongação da criatividade do universo”<sup>6</sup>

Atualmente, afirma, estamos em dificuldade porque a história fundamental que foi o coração da civilização ocidental e de sua cultura perdeu sua potência. Numa palavra, a falta de uma cosmologia motivadora impede a ação.

A cosmologia cristã tradicional tem sua fonte nos três primeiros capítulos do Gênesis. Os biblistas estão de acordo em dizer que a narração da Criação em *Gênesis* 1 reflete o contexto do exílio da Babilônia. Na narração épica babilônica da Criação, a *Enuma elish*, o mundo é criado a partir dos restos de um monstro, uma deusa, *Tiamat*. A criatura humana, feita com o sangue da deusa vencida, é uma criatura primitiva e comum obrigada a servir aos deuses para que eles possam descansar. A Bíblia, pelo contrário, declara, sem equívocos, que toda a criação é boa. A humanidade é criada à imagem e semelhança de Deus e é chamada a compartilhar o repouso sabático

---

<sup>6</sup>Thomas Berry, *Evening Thoughts : Reflecting on Earth as Sacred Community* (San Francisco: Sierra Club Books, 2006), p. 59. Berry, sacerdote Passionista que se chama a si mesmo de “geólogo”, é um dos que mais contribuíram para o conhecimento da ecologia. Falou sobre o desenvolvimento de uma nova cosmologia ou de uma nova história do universo.



de Deus. Uma visão semelhante encontra-se em *Gênesis* 2, que pressupõe um ambiente desértico onde um Deus, mais antropomórfico, modela a humanidade (Adão) a partir do pó (*adamah*), cria um jardim, aí estabelecendo Adão para “cultivá-lo e guardá-lo”. Os comentários deste texto familiar, com freqüência, encontraram nele um argumento para justificar a subordinação da mulher, o que parece contradizer a igualdade dos sexos, evidente em *Gênesis* 1. No entanto, a exegese recente duvida desta interpretação e indica que *Gênesis* 2 descreve a igualdade fundamental entre homem/mulher, como se vê em *Gênesis* 1. O termo hebreu *adam* (2,7) é genérico e se refere a uma criação incorporando os dois sexos, até que aparece a diferenciação homem/mulher, *ish/isha*, (2,23). À luz destes estudos, a afirmação da dominação masculina aparece no contexto de um juízo divino da desobediência humana e é considerada como uma consequência do pecado, uma deformação da relação harmoniosa prevista na fórmula da aliança de *Gênesis*, 2, 23. Repensar a dominação do homem sobre a mulher sugere uma reavaliação similar das relações da humanidade com o resto do mundo criado. Desta maneira, em lugar de apoiar a supremacia do homem, ou do ser humano, as narrações da criação parecem, na verdade, condenar de maneira implícita o modelo de dominação/submissão da relação.<sup>7</sup> Ainda que a exegese contemporânea ofereça novas intuições sobre o sentido da narração bíblica, o texto continua refletindo uma cosmologia fundamentalmente estática.

Os avanços da ciência e da tecnologia, no transcurso do século passado, produziram uma explosão de informações sobre o universo. Enquanto os astrônomos escrutinam a longitude e a amplitude do espaço, os físicos exploram o trabalho interno das partículas e das ondas

---

<sup>7</sup>A interpretação de *Gênesis* 2-3 reflete a exegese de Phyllis Trible, *God and the Rhetoric of sexuality*, (Filadélfia: Fortress Press, 1978), 72-143.

subatômicas. No nível macro e microcômico, esta busca confirma, ao mesmo tempo, a imensidão do espaço e do tempo, a unidade subjacente do universo, a interação dinâmica do caos e da criatividade. Existe um consenso científico crescente a respeito de um universo em expansão nascido de uma explosão de energia, há uns quinze milhões de anos, e de uma comunidade terrestre em evolução que tomou consciência de si mesma com o aparecimento do ser humano. O físico Brian Swimme identifica alguns aspectos desta nova cosmologia científica. Num universo emergente, diz ele, em que “a dinâmica do tempo se revela através de uma criatividade permanente”, tudo está “geneticamente unido” e “interconectado” [...] “Todos os seres da Terra estão implicados no funcionamento de todo sistema de vida específica.”<sup>8</sup> Mais adiante o autor cita as três leis fundamentais do universo: “diferenciação (caráter único em relação a tudo o que existe como outro), subjetividade (interioridade centrada que se organiza por si mesma) e comunhão.

O fato de que esta nova cosmologia científica tenha sido elaborada de maneira empírica põe em relevo a possibilidade de que se transforme em uma história transcultural de fundação e convida a uma resposta religiosa. O paleontólogo Pierre Teilhard de Chardin está entre os pioneiros neste tipo de reflexão, que o permitiu afirmar a existência de uma dimensão espiritual na evolução cósmica e de uma dimensão cósmica na espiritualidade cristã. Através da análise da relação entre o psíquico e o aspecto físico da realidade, é detectada uma lei de complexidadeconsciência. Quando é considerada dentro do

---

<sup>8</sup>Brian Swimme, «Science: A Partner in Creating the Vision», in Anne Lonergan and Caroline Richards, eds. *Thomas Berry and the New Cosmology* (Mystic, CT: Twenty-Third Publications, 1987), pp. 86-89. Para uma discussão mais recente sobre o funcionamento integral do universo, ver a decrição da teoria de holon em Cletus Wessels, *Jesus in the New Universe Story* (New York: Orbis Books, 2003), pp. 48-59.

quadro do tempo evolutivo ou duradouro, esta lei revela uma crescente tomada de consciência de uma sucessão de formas cada vez mais complexas. Além disso, não existe nenhuma razão para supor que o processo evolutivo tenha se detido com o advento da humanidade, que se produziu através da etapa crucial da reflexão. É de se esperar, ao contrário, que o processo de complexidade-consciência crescente continue à medida que a sociedade humana proporcione um ambiente que permita a muitos indivíduos refletir, combinar seus esforços de reflexão e, assim, aumentar o campo e a clareza da reflexão. No entanto, aplicando a lei da complexidade-consciência à sociedade humana, Teilhard é consciente da autonomia humana e adverte sobre a eventualidade de uma crise orgânica na evolução. “Existe o perigo de que os elementos do mundo rejeitem servir ao mundo, porque pensam; ou, mais exatamente, que o mundo se rejeite a si mesmo quando se percebe através da reflexão”.<sup>9</sup> Neste contexto, espera que a síntese que propõe entre fé e evolução apóie o contínuo progresso científico da humanidade. É possível, afirma, crer simultaneamente e totalmente em Deus e no mundo, crer num através do outro.

### *Perspectivas Cristãs*

Num universo em evolução, o cosmos transforma-se em cosmogênese e os conceitos religiosos, formulados anteriormente com uma visão mais estática do mundo, já não convêm. Para responder ao novo estado, os teólogos cristãos buscarão não apenas explorar o sentido na nova cosmologia em relação à doutrina da criação, mas também reinterpretar os elementos e os ensinamentos da fé através do prisma da experiência contemporânea. Isto pode ser visto como uma ameaça ou uma oportunidade.

---

<sup>9</sup>Pierre Teilhard de Chardin, *Le phénomène de l'homme*, trad. Bernard Wall (Londres: Fontana Books, 1959), pp. 253-254. La ley de la complejidad-conciencia es resumida pp.328-338.

Para alguns, a nova cosmologia aparece como uma contaminação da religião e uma causa de desmoroamento da moral. Outros se entusiasmam diante da possibilidade de revitalizar os conceitos e práticas tradicionais através de imagens e de uma linguagem que falem ao século XXI.

A tradicional e a nova cosmologia sustentam que Deus é a fonte de tudo que existe e que está presente em todas as criaturas. No entanto, a maneira como Deus atua e está presente é muito diferente em cada caso. Na cosmologia tradicional, por exemplo, Deus intervém como causa externa para levar todas as criaturas à existência. Na nova cosmologia, Deus é visto como uma causa interna, presença imediata na manifestação de todo o universo. Segundo Cletus Wessels, “esta maneira de compreender a criação nos dá uma consciência pessoal mais profunda da presença íntima de Deus dentro de nós [*nosotras/os*] e da unidade interna entre a pessoa humana e toda a raça humana”.<sup>10</sup> Quando considera a questão da ação divina no mundo casual e de acontecimentos fortuitos, Elizabeth Johnson encontra grandes possibilidade na idéia de participação de Tomás de Aquino. “Uma das forças de Tomás, ressalta, é a autonomia que dá à existência criada graças à sua participação no ser divino” [...] “É uma visão de Deus e do mundo autenticamente não competitiva. Sua proximidade a Deus e sua autêntica autonomia de criatura crescem com seu dinamismo em proporção mais direta que inversa”.

Assim, neste sistema de pensamento, “a onipotência se manifesta infalivelmente, não como dominação coercitiva sobre..., mas como amor soberano que permite existir”. Além disso, limitar sua onipotência é, da parte de Deus, um ato de amor livre e voluntário.<sup>11</sup>

Do ponto de vista cristão, um universo emergente

---

<sup>10</sup>Wessels, *op.cit.*, p. 59.

<sup>11</sup>Elizabeth Johnson, «Does God Play Dice? Divine Providence and Chance», *Theological Studies* 56 (1966), 3-18.

no qual tudo está geneticamente unido e interconectado convida à reflexão sobre a presença cósmica de Cristo encarnado. Teilhard de Chardin propõe uma abordagem. Para ele, o processo fundamental de unificação em Deus através de Cristo chega a ser uma “Cristogênese” onde os mistérios da criação, da encarnação e da redenção estão lógica e historicamente unidos.<sup>12</sup> Pela encarnação, Deus está imerso no universo em evolução – sob a forma de uma pessoa histórica capaz de estimular e de acrescentar o amor intrínseco – e no estabelecimento de relações pessoais. É um acontecimento particular que pode também ser visto como “a expressão, especialmente intensificada, de um processo de dimensões ‘cósmicas’”. Assim, a encarnação não apenas expressa a aplicação de uma lei de nascimento, mas também significa a “influência definitiva” de Cristo sobre o universo.<sup>13</sup> Tendo-se materializado em um contínuo espaço-temporal, Cristo está tão “enraizado no mundo visível” que não pode ser extraído sem “sacudir os fundamentos do universo”. A humanidade torna-se capaz de experimentar, descobrir e amar a Deus em toda longitude, amplitude e profundidade do mundo em movimento. “É uma oração, diz Teilhard, que não pode ser feita senão no espaço-tempo”.<sup>14</sup>

Para os discípulos de Cristo, as opções morais estão ligadas ao fato de que o mundo inverte os valores do reino de Deus inaugurado na vida, morte e ressurreição de Jesus. O reino de Deus, este mundo de relações justas no qual a compaixão, a misericórdia e o perdão são realidades estruturais, deve ser vivido e proclamado com uma força convincente. No entanto, a atual ausência de

---

<sup>12</sup>Pierre Teilhard de Chardin, *Christianisme et évolution : suggestions pour une nouvelle théologie*, «Introduction à la vie chrétienne», in René Hague, trad. Christianity and Evolution (London Collins, 1971), pp. 182-183, 155.

<sup>13</sup>Pierre Teilhard de Chardin, «*Mon univers*», in René Hague, trad., *Science and Christ* (New York, Harper and Row, 1968), p. 61

<sup>14</sup>Pierre Teilhard de Chardin, «*Le phénomène de l'homme*», p. 325.

relações justas humanos/terra é cada vez mais evidente. Neste contexto, a reflexão moral começa por afirmar o valor intrínseco do mundo natural. A natureza, com seu próprio valor inerente diante de Deus, está em vias de ser reconhecida como o novo pobre, e a ação em nome da justiça se amplia para abarcar as outras espécies, na busca de comunhão dinâmica na vida para todos.<sup>15</sup> A partir de agora, reconhece-se que a opressão econômica, o racismo, o sexismo e o abuso da terra estão interrelacionados. Ao lado do homicídio, do suicídio e do genocídio, são denunciados os males que representam o ecocídio, o biocídio e o geocídio. Os bispos das Filipinas designaram a preservação e a proteção do planeta como “o objeto último da luta pela vida”.<sup>16</sup> Pamel Smith sintetiza a pedra angular da ética do meio ambiente em termos de “respeito de grande envergadura pela vida e de compromisso em grande escala pelo bem comum”. Como católicas/os, diz ela, a motivação mais importante para uma ética de respeito à vida e a tudo que ela compreender é talvez “nosso sentido sacramental”.<sup>17</sup>

### ***Uma nova espiritualidade para a vida religiosa***

Em uma série de apresentações sobre a espiritualidade da terra, Elaine Prevallet defende um alargamento e um aprofundamento do compromisso religioso a serviço da vida. Ela começa com uma reflexão sobre o instinto de sobrevivência; este é o mais profundo instinto da vida,

---

<sup>15</sup>Elizabeth Johnson se refere a um modelo de afinidade que «vê os seres humanos e a terra, com todas as suas criaturas, intrinsecamente vinculados, como companheiros, na comunidade da vida». *Women, Earth and Creator Spirit* (New York : Paulist Press, 1993), p. 30

<sup>16</sup>Bispos católicos das Filipinas, «*What is happening to our beautiful land?*», in Drew Christiansen and Walter Grazer, eds., «*And God Saw that it Was Good*»: *Catholic Theology and the Environment* (Washington: United States Catholic Conference, 1996), p. 317.

<sup>17</sup>Pamela Smith, «*Keystones of environmental Ethics*», *LCWR Occasional Papers*, (Summes 2003), 13-21.

compartilhado pelas plantas, animais e a espécie humana, e se expressa pela sede de possuir, pelo desejo sexual e pelo exercício do poder ou do controle. Cada um dos três votos representa uma intenção humana de alinhar a energia fundamental e instintiva ao padrão observado na criação. A pobreza toca a reciprocidade, a interdependência e a frugalidade natural frente às coisas vivas. O celibato indica canalizar a energia sexual ou comunicativa a fim de entrar numa criatividade e numa responsabilidade não biológicas para o bem do conjunto. A obediência salienta a fidelidade de todos os organismos vivos para realizar seu papel na comunidade terrestre. Cada um dos três votos implica, por sua vez, a resistência às normas culturais e à criatividade, inventando opções de estilos de vida alternativos, coerentes com as necessidades planetárias. Os/as religiosos/as buscarão, pois, inventar e conceber novas maneira de viver, opções coerentes com as necessidades da terra, orientadas para a justiça e que dêem testemunho contra-cultural da maneira como os humanos podem viver em harmonia com toda a criação.<sup>18</sup>

Para Alexandra Kovats, os princípios cósmicos de diferenciação, de subjetividade (*autopoiesis*) e de comunhão proporcionam um contexto permanente para rever e renomear os três votos evangélicos. A diferenciação, princípio cósmico que nomeia a rica variedade das diferenças observáveis no universo, está unida ao voto de pobreza. Posto que este voto se refere, em primeiro lugar, às relações com os dons da criação, Kovats sugere dar-lhe o nome de respeito cósmico. Este voto desafia os religiosos a manterem relações de respeito com toda a criação de Deus e a admirar a rica diversidade da vida. O voto de castidade se concentra no compromisso de amar e se refere especificamente às relações com outros seres huma-

---

<sup>18</sup>Elaine Prevallet, *In the Service of Life: Widening and Deepening Religious Commitment* (St Louis, MO: Loretto Earth Network, 2002), pp. 23-51.

nos. Como o princípio cósmico de comunhão se relaciona explicitamente com a interdependência, este voto poderia ser renomeado voto de hospitalidade e de solidariedade. Como um lembrete de que tudo pertence à família da vida. Este voto chama os/as religiosos/as a viver uma correta relação, na justiça, com todas as suas irmãs e irmãos. À luz do princípio de subjetividade (*autopoiesis*), que se refere à dinâmica criativa permitindo a cada um/a chegar a ser ele/ela mesmo/a, o voto de obediência poderia ser renomeado voto de criatividade. Por este voto, os/as religiosos/as são desafiados/as a uma justa relação, pessoal e comunitária, com as energias criativas, à luz de sua missão. Discernimento e colaboração são traços essenciais de como este voto é vivido por aqueles que serão co-criadoras(res) do reino de Deus neste tempo e nesta cultura.<sup>19</sup>

### **Conclusão**

Uma espiritualidade ecológica chama as/os religiosas/os a trabalhar com a comunidade terrestre ampliada, para formar um processo planetário integral. Centra-se na recuperação da intimidade humana com todos os elementos que participam no universo do ser. Oferece uma nova forma de ministério profético com implicações tanto místicas como práticas. Esta espiritualidade ecológica contribuirá para fazer a transição entre um modo não viável e um modo viável para a comunidade planetária. Sem ela, não pode haver nem vida nem esperança para ninguém nesta casa planetária, que é a nossa.

---

<sup>19</sup>Alexandra Kovats, «*Re-Visioning the Vows Holistically*» [Revisando os Votos Holisticamente], *LCWR Occasional Papers*, (Summer 2003), 23-30.



## BIBLIOGRAFIA GERAL

---

*Para os documentos pontifícios e da cúria romana, foram utilizadas as coleções publicadas pela revista Palabra, Madri, e a coleção de documentos publicados pela AICA, de Buenos Aires (AICA-DOC), além do site [www.vatican.va](http://www.vatican.va)*

ANATRELLA, Tony, *La Diferencia prohibida. Sexualidad, educación y violencia. La herencia de mayo de 1968*, Encuentro, Madri 2008.

BIFFI, Giacomo, *Las cosas de arriba. Ejercicios Espirituales predicados en 2007 en presencia de S.S. Benedicto XVI*, Ágape, Buenos Aires 2008.

BOLETÍN OFICIAL DEL ESTADO, *Acuerdo por el que se aprueba el Plan Nacional del Reino de España para la Alianza de Civilizaciones*, (BOE), nº 20, 23-01-08, p. 4447-4450. Madri

Committee on Doctrine United States Conference of Catholic Bishops, *Guidelines for evaluating Reiki as an alternative therapy*, 25 March 2009

Congregación para la Doctrina de la Fe, *Documenta. Documentos publicados desde el Vaticano II hasta nuestros días*, Palabra, Madri 2007.

CASTELLANI, L., *Su Majestad Dulcinea*.

DELGADO, Juan Manuel, *Feminismo Radicalizado en la Iglesia Católica*, en *La mujer hoy, después de Pekín*, Ed. JC, Rosário 1995.

FERGUSON, Marilyn, *La conspiración de Acuario*, Kairos-Troquel, Buenos Aires 1989.

FLORES A., René y García Trovato, Maíta, *Convención Iberoamericana de Derechos de los Jóvenes*, (pro manuscrito), Lima 11-12-07.

GORE, Al, *La tierra en juego*, Emecé, Buenos Aires 1993.

GORMALLY, Luke, *La responsabilità personale e sociale nel contesto della difesa della vita umana: il problema della cooperazione al male* en Pontificia Academia Pro Vita, *La coscienza cristiana a sostegno del diritto alla vita*, (a cura di Elio Sgreccia e Jean Laffitte), Editrice Vaticana 2008

HERRANZ, J., *La humanidad en la encrucijada*. Derecho y Biología, L'Osservatore Romano, ed. cast. 17-08-98

INTROVIGNE, Massimo, *I Nuovi Culti. Dagli Hari Krishna alla Scientologia*, Mondadori, Milão 1990

INTROVIGNE, Massimo, *Il Sacro Posmoderno, Chiesa, Relativismo e nuovi movimenti religiosi*, Gribaudi, Milão 1996.

JONSEN, Albert, *The Birth of Bioethics*, Oxford University Press, 1998

KÜNG, Hans y Kuschel, Karl-Joseph., *Hacia una Ética Mundial. Declaración del Parlamento de las Religiones del Mundo*, Trotta, Madri 1994

KÜNG, Hans y Jens, Walter, *Morir con dignidad. Un alegato a favor de la responsabilidad*, Trotta, Madri 1997.

LAFFITTE, J., *Storia dell'obiezione di coscienza e differenti accezioni del concetto di tolleranza*, en Pontificia Academia Pro Vita, *La coscienza cristiana a sostegno del diritto alla vita*, (a cura di Elio Sgreccia e Jean Laffitte), Editrice Vaticana 2008

LOVELOCK, James, *The Vanishing Face of Gaia: A Final Warning*, Basic Books, Nova York 2009

MEREAU, Jean-Pierre, *Le Terrorisme pastoral. Résurgence de la théologie de la libération*, Atelier Fol'Fer 2009

MURRAY, John Courtney, *We hold these truths*. Sheed and Ward, New York, 1961 (Fifth Printing)

NEWMAN, J. H., *Los fieles y la tradición*. Trad. Carlos A. Balina, Portico, Buenos Aires 2006

NEWMAN, J. H., *Cuatro sermones sobre el Anticristo*. Traducción, prólogo y notas Carlos A. Balina, Portico, Buenos Aires 2006

O'LEARY, Dale, *The Gender Agenda. Redefining Equality*, Vital Issues, Lafayette, Louisiana, 1997

PEREYRA, Hugo Luis, *La Carta de la Tierra. Juicio Crítico*, Gladius, n° 43, 25-12-98, Buenos Aires.

Pontificia Academia pro Vita, *Evangelium Vitae, Enciclica e commenti*, Editrice Vaticana 1995

Pontificia Academia para la Vida, *Comentario Interdisciplinar a la Evangelium Vitae*, (a cargo de Ramón Lucas Lucas), BAC 1996.

Pontificia Academia Pro Vita, *Evangelium Vitae. Five years of Confrontation with the Society*, Proceedings of the Sixth Assembly of the Pontifical Academy For Life, 11-14 February 2000, (Edited by Juan de Dios Vial Correa and Elio Sgreccia), Editrice Vaticana 2001.

Pontificia Academia Pro Vita, *La Cultura della Vita: Fondamenti e Dimensioni* (I y II), Atti della VII Assemblée Generale, 01-04 marzo 2001, (Edito da Juan de Dios Vial Correa e Elio Sgreccia), Editrice Vaticana 2002.

Pontificia Academia Pro Vita, *The Nature and Dignity of the Human Person as the Foundation of the Right to Life*, Proceedings of the eighth assembly of the Pontifical Academy for Life, (Edited by Juan de Dios Vial Correa e

Elio Sgreccia), Editrice Vaticana 2003

Pontificia Academia Pro Vita, *La coscienza cristiana a sostegno del diritto alla vita*, (a cura di Elio Sgreccia e Jean Laffitte), Editrice Vaticana 2008

Pontificio Consejo para la Familia, *La Familia ante los Desafíos del Tercer Milenio a la luz de la Evangelium vitae*, (a cargo de Juan C. Sanahuja), Senado de la Nación, Buenos Aires 1997

Pontificio Consejo para la Familia, *Lexicón. Términos ambiguos y discutidos sobre familia, vida y cuestiones éticas*, Palabra, Madri 2004.

Pontificio Consejo para la Cultura y Pontificio Consejo para el Diálogo Interreligioso, *Jesucristo. Portador del Agua de la Vida. Una reflexión cristiana sobre la “Nueva Era”*, Roma, 3 de fevereiro de 2003

Procuraduría General de la República de Costa Rica, *Criterio de la Procuraduría General de la República sobre “el proyecto de la Convención Interamericana contra el Racismo y Toda Forma de Discriminación e Intolerancia”*, 23 de outubro de 2006, OJ-145-2006.

Profesionales por la Ética, *Educación para la Ciudadanía en Primaria. Claves de la asignatura*, Madri, 01-09-09

RATZINGER, J., *Iglesia y Modernidad*, Paulinas, Buenos Aires 1992.

RATZINGER, J., *Verdad, Valores, Poder*, Rialp, Madri 1995.

RATZINGER, J., *Situación actual de la fe y la teología, en el Encuentro de Presidentes de Comisiones Episcopales de América Latina para la doctrina de la fe*, Guadalajara (México), L'Osservatore Romano, ed. cast. 1-11-96.

RATZINGER, J., *La Sal de la Tierra*, Palabra, Madri 1997.

RATZINGER, J., *Fede, verità, tolleranza. Il Cristianesimo*

- e le religioni del mondo*, Cantagalli, Siena 2003.
- RATZINGER, J., *Mirar a Cristo*, EDICEP, Valencia 2005.
- RATZINGER, J., *Europa en la crisis de las culturas*, 01-04-05. Conferencia em Subiaco, publicada pela agencia Zenit.
- ROCCELLA, Eugenia y Scaraffia, Lucetta, *Contro il cristianesimo. L'ONU e l'Unione Europea come nuova ideologia*, Piemme 2005
- SANAHUJA, J. C., *El Gran Desafío. La cultura de la vida contra la cultura de la muerte*, Serviam, Buenos Aires 1995.
- SANAHUJA, J. C., *El Desarrollo Sustentable. La Nueva ética internacional*, Ed. Vortice, Buenos Aires 2003.
- SANAHUJA, J. C., *El desarrollo sustentable como paradigma ético*, en *Bioética: Un compromiso existencial y científico* (t. I), Gloria Tomás Garrido (coord.), Universidad Católica San Antonio, Murcia, 2005.
- SANAHUJA, J. C., *La ideología de género y el proceso de reingeniería social anticristiana en Mujer y Varón. ¿Misterio o autoconstrucción?* Ed. CEU, Universidad Francisco de Vitoria y UCAM, Madri 2008. Reeditado em *Ideología de género. Reflexiones críticas*, Lacalle Noriega, M. y Martínez Pieroni, P. (coord.), Ciudadela, Madri 2009.
- SCHOOYANS, M., *L'Évangile face au désordre mondial*, Préface du Cardinal Ratzinger, Fayard 1997. Tradução italiana, *Nuovo disordine mondiale*, San Paolo, Milão 2000.
- SCHOOYANS, M., *La face cachée de l'ONU*, Le Sarmant, Fayard, 2000.
- TRILLO-FIGUEROA Y MARTÍNEZ-CONDE, J., *Una revolución silenciosa: la política sexual del feminismo*

*socialista*, Libros Libres, Madri 2007.

VVAA. *Il relativismo Religioso sul finire del Secondo Millennio*, Gruppo di Ricerca e di Informazione sulle Sette. Segretariato per L'ecumenismo e il dialogo della Conferenza Episcopale Italiana, Editrice Vaticana, 1996.

VVAA. *Bioetica Ambientale*, (a cura di Giovanni Russo), Editrice Elle di Ci, Torino 1998.

VVAA. *El actual debate de la Teología del Pluralismo. Después de la Dominus Iesus*, Libros Digitales Koinonía, Volumen 1. Versión 1.01, 25-10-2005.

## BIBLIOGRAFIA – NAÇÕES UNIDAS

---

NACIONES UNIDAS, *Una Alianza de Civilizaciones. Mandato para el Grupo de Alto Nivel, 25 agosto de 2005*, Nova York 2005

NACIONES UNIDAS, A/60/348. Asamblea General. Distr. General. 12 de septiembre de 2005. Español. Original: inglés. Nota del Secretario General. *Cuestiones relativas a los derechos humanos, incluidos distintos criterios para mejorar el goce efectivo de los derechos humanos y las libertades fundamentales El derecho de toda persona al disfrute del más alto nivel posible de salud física y mental.*

NACIONES UNIDAS, E/CN.17/2006/2. Consejo Económico y Social. Distr. General. 15 de febrero de 2006. Español. Original: inglés. Informe del Secretario General. Comisión sobre el Desarrollo Sostenible 14º período de sesiones, 1º a 12 de mayo de 2006. Grupo temático para el ciclo de aplicación 2006/2007. *Sinopsis de los progresos hacia el desarrollo sostenible: examen de la ejecución del Programa 21, del Plan para su ulterior ejecución y del Plan de Aplicación de las Decisiones de Johannesburgo.*

NACIONES UNIDAS, A/61/122/Add.1. Asamblea General. Distr. General, 6 de julio de 2006, 61º período de sesiones, Tema 60 a) de la lista provisional, *Adelanto de la mujer. Estudio sobre todas las formas de violencia contra la mujer, Informe del Secretario General*

NACIONES UNIDAS, A/C.3/61/L.10. Asamblea General. Distr. Limitada. 11 de octubre de 2006. Español. Original: inglés. *Francia y los Países Bajos: proyecto de resolución: Intensificación de los esfuerzos para eliminar todas las formas de violencia contra la mujer.*

NACIONES UNIDAS, *Alianza de las Civilizaciones, Informe del Grupo de Alto Nivel, 13 de noviembre de 2006, New York 2006*

NACIONES UNIDAS, *Alianza de las Civilizaciones, Reunión Ministerial del Grupo de Amigos, Sede de las Naciones Unidas, Nueva York, 26 de septiembre de 2007, Informe de la reunión, New York 2006*

NACIONES UNIDAS, *Alianza de Civilizaciones, Plan de Acción, 2007-2009, New York 2006.*

UNITED NATIONS, General Assembly, A/HRC/2/3. 20 September 2006. Distr. General. Original: English. *Human Rights Council. Implementation of General Assembly resolution 60/251, 15 march 2006. Report of the Special Rapporteur on freedom of religion or belief, Asma Jahangir, and the Special Rapporteur on contemporary forms of racism, racial discrimination, xenophobia and related intolerance, Doudou Diène, further to Human Rights Council decision 1/107 on incitement to racial and religious hatred and the promotion of tolerance.*

UNITED NATIONS, Security Council, S/2007/567. 12 September 2007. Distr.: General. Original: English. *Report of the Secretary-General on women and peace and security*

NACIONES UNIDAS, HRI. Instrumentos Internacionales de Derechos Humanos, HRI/GEN/1/Rev.9 (Vol. I), 27 de mayo de 2008. Español. Original: Inglés. *Instrumentos internacionales de derechos humanos. Volumen I. Recopilación de las Observaciones Generales y Recomendaciones Generales adoptadas por órganos creados en virtud de Tratados de Derechos Humanos.*



COMITÉ CONTRA LA TORTURA, 42° período de sesiones Ginebra, 27 de abril a 15 de mayo de 2008. Distr. General, CAT/C/NIC/CO/1, 14 de mayo de 2009. Original: Español. Versión no editada. *Examen de los informes presentados por los estados partes en virtud del artículo 19 de la convención. Observaciones finales del Comité contra la Tortura. Nicaragua*

COMITÉ DE DERECHOS ECONÓMICOS, SOCIALES Y CULTURALES, 41° período de sesiones, Ginebra, 3 a 21 de noviembre de 2008, Distr. Reservada

E/C.12/GC/20/CRP, 29 de septiembre de 2008. Español. Original: Inglés. Proyecto de observación general n° 20. *La no discriminación y los derechos económicos, sociales y culturales (artículo 2, párrafo 2).*

COMITÉ DE DERECHOS HUMANOS, Pacto Internacional de Derechos Civiles y Políticos, CCPR/C/CHL/5, 5 de julio de 2006. Distr. General. Original: Español. *Examen de los informes presentados por los estados partes en virtud del artículo 40 del Pacto. Quinto informe periódico. Chile.*

COMITÉ DE DERECHOS HUMANOS, Pacto Internacional de Derechos Civiles y Políticos, CCPR/C/HND/CO/1/CRP.1. 88° período de sesiones, 25 de octubre de 2006. Distr. Reservada. *Examen de los informes presentados por los estados partes con arreglo al artículo 40 del Pacto. Versión avanzada no editada. Observaciones finales del Comité de Derechos Humanos. Honduras*

COMITÉ DE DERECHOS HUMANOS, Pacto Internacional de Derechos Civiles y Políticos, CCPR/C/CHL/Q/5. 88.º período de sesiones, 16 de octubre a 3 de noviembre de 2006, Original: Español, 13 de diciembre de 2006. *Lista de cuestiones que deben abordarse al examinar el quinto informe periódico de Chile*

COMITÉ DE DERECHOS HUMANOS, Pacto Internacional de Derechos Civiles y Políticos, CCPR/C/CHL/Q/5/Add.1, 27 de febrero 2007. *Respuestas a la lista de cuestiones del Comité de Derechos Humanos (CCPR/C/CHL/Q/5) que deben abordarse al examinar el informe quinto del Gobierno de Chile (CCPR/C/CHL/5)*

COMITÉ DE LOS DERECHOS DEL NIÑO, 42º período de sesiones, Distr. General, CRC/C/MEX/CO/3, 8 de junio de 2006. Español. Original: Inglés. *Examen de los informes presentados por los estados partes en virtud del artículo 44 de la Convención. Observaciones finales. México*

COMITÉ DE LOS DERECHOS DEL NIÑO, 42º período de sesiones, Distr. General, CRC/C/MEX/CO/3, 8 de junio de 2006. Español. Original: Inglés. *Examen de los informes presentados por los estados partes en virtud del artículo 44 de la Convención. Observaciones finales. Colombia.*

COMMITTEE AGAINST TORTURE, Thirty-ninth session, 5-23 November 2007. Distr. General. CAT/C/GC/2/CRP.1/Rev.4, 23 November 2007. Original: English. Advance Unedited Version. Convention Against Torture and other Cruel, Inhuman or Degrading treatment or punishment. *General Comment n°. 2. Implementation of article 2 by States Parties.*

CEPAL-UNFPA, *Familias y políticas públicas en América Latina: Una historia de desencuentros*, Irma Arraigada (coord.), Comisión Económica para América Latina y el Caribe (CEPAL), Santiago de Chile 2007

ECONOMIC AND SOCIAL COUNCIL, Press Release, ECOSOC/6242, 11 December 2006, *Economic and Social Council Approves Consultative Status for three non-governmental organizations focusing on Gay, Lesbian rights*

ECONOMIC AND SOCIAL COUNCIL. Distr. General. E/C.12/GC/20, 2 July 2009. Original: English. Committee on Economic, Social and Cultural Rights. Forty-second session, Geneva, 4-22 May 2009, General Comment No. 20. *Non-discrimination in economic, social and cultural rights (art. 2, para. 2, of the International Covenant on Economic, Social and Cultural Rights)*

FNUAP, *La Oposición Religiosa y Política para la Salud y los Derechos Reproductivos*, New York, 3 de Junio 2006

ORGANIZACIÓN MUNDIAL DE LA SALUD, *Aborto sin riesgos. Guía técnica y de políticas para Sistemas de Salud*, Ginebra 2003.

WORLD HEALTH ORGANIZATION, *Human health under threat from ecosystem degradation, Threats particularly acute in poorer countries*. Bangkok and Geneva, 9th December 2005.

WORLD HEALTH ORGANIZATION BULLETIN, *Climate change and family planning: least-developed countries define the agenda*, World Health Organ 2009; 87. Revised version August 2009, Published online: 18 September 2009

UNESCO, *Declaration Universelle L'UNESCO sur la diversité culturelle. Adoptée par la 31e session de la Conférence Générale de l'UNESCO. Paris, 2 Novembre 2001*. UNESCO, Paris 2002

UNESCO, *Review of Sex, Relationships and HIV Education in Schools. Prepared for the first meeting of UNESCO's Global Advisory Group meeting, 13-14 December 2007*. UNESCO 2008

UNESCO, *International Guidelines on Sexuality Education: An evidence informed approach to effective sex, relationships and HIV/STI education*, UNESCO, Paris 2009

UNICEF, *Saving Women's Lives*, UNICEF, Regional Office for South Asia 2000

UNIFEM-SECRETARÍA DE RELACIONES EXTERIORES DE MÉXICO, *Derechos de las mujeres: normativa, interpretaciones y jurisprudencia internacional*, Vol I, México 2006

UNFPA, *MDGs and Reproductive Health*, New York 2007

UNFPA, *Estado de la Población Mundial 2007, Liberar el potencial del crecimiento urbano*, New York 2007

### **Organismos das Nações Unidas e outras instituições**

ARC-UNDP, *Many Heavens, One Earth. Faith commitments to protect the living planet, announced in the presence of His Royal Highness The Prince Philip, Duke of Edinburgh, His Excellency Ban Ki-moon, Secretary-General of the United Nations, in response to the ARC-UN call to the world's faiths for long-term plans to protect the living planet on 3rd November 2009 in the Waterloo Chamber, Windsor Castle, U.K.*, Intypelibra 2009

UNFPA-UNIFEM-UNAIDS-IPPF/WHR-BEMFAM-IAGP, *Brasilia Declaration: The Millennium Development Goals and Sexual and Reproductive Health & Rights in the 2005 World Summit*, Brasilia 2005

UNFPA-ASIAN POPULATION AND DEVELOPMENT ASSOCIATION (APDA), *G8 International Parliamentarians' Conference on Population & Sustainable Development, Global Health, Climate Change & Food Security*, Tokyo 2008

WORLD HEALTH ORGANIZATION-WORLD COUNCIL OF CHURCHES, *The Round Table Spirituality, Religion and Social Health. Call to Action*. Geneve, 15 December 2005

**Organização de Estados Americanos (OEA)**

ORGANIZACIÓN DE LOS ESTADOS AMERICANOS, CONFERENCIA REGIONAL DE LAS AMÉRICAS, WCR/RCONF/SANT/20001L. 1 /Rev.3, 20 de diciembre de 2000, *Preparativos de la Conferencia Mundial contra el Racismo, la Discriminación Racial, la Xenofobia y las Formas Conexas de Intolerancia*, Santiago de Chile, 5 a 7 de diciembre de 2000.

ORGANIZACIÓN DE LOS ESTADOS AMERICANOS, OEA/Ser.G, CP/CAJP-2271/05 rev. 6, 23 mayo 2005. Proyecto de Resolución, *Prevención del Racismo y de toda forma de Discriminación e Intolerancia y consideración de la elaboración de un proyecto de Convención Interamericana, (Presentado por la Misión Permanente del Brasil, copatrocinado por las Misiones Permanentes de Bolivia, Chile, Guatemala, Perú, Uruguay y Venezuela, y acordado por la CAJP en sus sesiones del 19 y 23 de mayo de 2005)*

ORGANIZACIÓN DE LOS ESTADOS AMERICANOS, *Documento Marco Pre Conferencia Santiago+5, contra el Racismo, la Xenofobia, la Discriminación y la Intolerancia*, Santiago de Chile, 10-12 de agosto de 2005

ORGANIZACIÓN DE LOS ESTADOS AMERICANOS, OEA/Ser.G, CP/CAJP-2357/06, 18 abril 2006. *Anteproyecto de Convención Interamericana contra el Racismo y toda forma de Discriminación e Intolerancia*

ORGANIZACIÓN DE LOS ESTADOS AMERICANOS, OEA/Ser.G, CAJP/GT/RDI-35/06 add. 2, 2 abril 2007, *Comentarios de los órganos, organismos y entidades de la OEA al "Anteproyecto de Convención Interamericana contra el Racismo y toda forma de Discriminación e Intolerancia"* (CP/CAJP-2357/06), [Comité Jurídico Interamericano (CJI)]

ORGANIZACIÓN DE LOS ESTADOS AMERICANOS, AG/RES-2435 (XXXVIII-O/08), Resolución “*Derechos Humanos, Orientación Sexual e Identidad de Género*”, Aprobada en la cuarta sesión plenaria, celebrada el 3 de junio de 2008.

### ***Organização Iberoamericana da Juventude***

ORGANIZACIÓN IBEROAMERICANA DE LA JUVENTUD, *Convención Iberoamericana de Derechos de los Jóvenes*, <http://www.oij.org>

### ***Outros Organismos Internacionais***

QUINTA CUMBRE DE AMERICA LATINA Y CARIBE-UNION EUROPEA, Lima, 16 de mayo de 2008. *Declaración de Lima, Respondiendo juntos a las prioridades de nuestros pueblos*, Lima 2008

### ***Organizações não-governamentais***

ASSOCIATION FOR WOMEN’S RIGHTS IN DEVELOPMENT (AWID), *Resistencias y Desafíos a los Fundamentalismos Religiosos: Aprender de la experiencia*, Toronto-Ciudad de México 2008

CENTRO DE DERECHOS REPRODUCTIVOS, *Haciendo de los Derechos una Realidad: Un análisis del Trabajo de los Comités de Monitoreo de la ONU sobre Derechos Reproductivos y Sexuales*, New York 2003

CONSORCIO LATINOAMERICANO DE ANTICONCEPCIÓN DE EMERGENCIA, *Declaración de América Latina Conferencia de Población y Desarrollo 2009*, Cairo +15, 2 de abril de 2009, CEPAL, Santiago de Chile 2009

INTERNATIONAL LESBIAN & GAY ASSOCIATION (ILGA), *Estrategias de Incidencia LGBTTI en el sistema de la Organización de Estados Americanos*, Ciudad de Panamá, Panamá 31 de Mayo a 1 de Junio 2007

RED DE MUJERES AFROCARIBENAS Y AFROLATINOAMERICANAS, *Declaración de representantes la Sociedad Civil de América Latina y el Caribe en la Conferencia de Evaluación de Durban, Ginebra 2009*

## ÍNDICE DE NOMES E ASSUNTOS

---

- A**liança das Civilizações, 64, 65
- Alliance of Religions and Conservation (ARC), 78
- Annan, Koffi, 67, 71, 75
- Anticristo, 94, 124, 125, 126, 128, 181
- Anistia Internacional, 66
- Armstrong, Karen - 65
- Arias, Oscar, 65  
– Fundación Arias para la Paz y el Progreso Humano, 67
- Apostasia, 12, 22, 87, 94, 95, 98, 99, 123, 124, 128, 129, 144, 147,
- Australian Catholic Bishops' Conference, 79,
- B**achelet, Michelle, 44,
- Bahá'í, 68, 78, 79, 122,
- Ban Ki-moon, 65, 79, 190
- Benedicto XVI, 87, 100, 111, 131, 179
- Bento XVI - 10, 23, 24, 25, 39, 41, 42, 87, 92, 95, 99, 111, 119, 124, 131, 137, 138, 145, 148, 149, 150, 161,
- Berkley Center's Program on Religion and Global Development, 75.



- Biffi, Giacomo Card., 124, 125, 126, 128, 179.
- Blair, Leonard P., 115, 116.
- Blair, Anthony Charles Lynton (Tony), 44, 92, 99, 115, 116, 151, 154, 155, 156, 157, 157, 179.
- Boff, Leonardo, 14, 17, 54, 63, 67, 68, 70, 83, 84, 95.
- Brahma Kumaris, 68, 122.
- Brown Charles, 115.
- Brundtland, Gro, 75, 76.
- Burke, Raymond Card., 104, 105, 106, 107,  
Mudança Climática, 54, 79, 80,  
–aquecimento global, 54, 55,
- C**añizares, Antonio Card., 95, 96, 98,
- C**AIRE International, 66,
- Carta da Terra, 17, 49, 56, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 69, 70, 77, 82, 83, 88, 120, 121,
- Cartilha Nacional de Saúde para Adolescentes de 10 a 19 anos (México), 85.
- Cardoso, Fernando H., 75.
- Carter, Jimmy, 75.
- Casaldáliga, Pedro, 68.
- Castellani, Leonardo, 94, 179.
- Catholic Bishops' Conference of England and Wales, 79, 80.
- Catholic League, 111, 179.

- Catholics in Alliance for the Common Good, 111, 179.
- Catholics United, 111, 179.
- Clube de Roma, 66, 77, 179.
- Comastri, Angelo Card., 62,
- Confusão, 35, 64, 81, 98, 123, 125, 130, 161,  
 – dentro da Igreja, 95,
- Congregação para a Doutrina da Fé, 44, 80, 81, 93, 102,  
 103, 104, 108, 114, 116, 131, 132, 134, 164, 165.  
 –Considerações sobre os projetos de  
 reconhecimento legal das uniões entre pessoas  
 homossexuais, 93.  
 –Dominus Iesus, Declaração, 68, 81, 184.  
 –Nota doutrinal sobre algumas questões relativas  
 ao compromisso e a conduta dos católicos na vida  
 política, 102, 134.
- Constituição Civil do Clero, 91.
- Convenção Ibero-americana de Direitos dos Jovens, 47.
- Cottier, Georges Card., 112, 113.
- Curran, Charles, 111.
- Cusick, Maureen, 121, 122.
- Chaput, Charles, 99, 112, 113.
- Chicago Catholic Women, 118.
- Chomsky, Noam, 67.
- D**olors, Jacques, 67.
- Dia da Terra, 53, 54, 80.
- Dia Internacional da Mãe Terra, 54, 63.

Díaz, Miguel, 105, 106.

Discernimento, 84, 123, 124, 128, 178.

Dissidência católica, 105, 111,

Drinan, Robert, 111.

**E**arth Council, 66.

**E**cológismo, 49, 50, 53, 55.

Educação para a Cidadania, 84.

Elders, The, 75, 76.

Espanha, 61, 68, 84, 95, 116,  
–projeto Grande Símio, 60.

Erdogan, Recep Tayyp, 65.

Ética Planetária, 68, 69, 70, 89, 120, 122, 155.

*Evangelium vitae*, Encíclica, 10, 21, 40, 43, 53, 92, 93,  
95, 103, 129, 138, 181, 182.

**F**elipe de Edimburgo, 68, 78.

**F**inn, Robert W., 110.

Forcades, Teresa, 117.

Foro Mundial de Redes da Sociedade Civil (UBUNTU),  
66, 67.

Fuchs, Joseph, 111.

Fundação Rockefeller, 101.

**G**ates, Bill, 44.

**G**ênero, 15, 17, 30, 35, 37, 38, 42, 43, 44, 47, 48, 56, 57,  
60, 61, 67, 73, 74, 75, 83, 87, 97, 119, 150, 155, 183, 192.

- gender, 42, 43, 75, 181.
- gender equity, 43.
- gênero, ideologia, 15, 17, 30, 42, 44, 183.

García Márquez, Gabriel, 65, 67.

Global Faith-Based Organization Forum on Multi-religious Cooperation for Humanitarian Relief, Development and Peace, 77.

Global Interfaith Network on Population and Development, 73, 75.

Global Network to Fight Maternal Death, AIDS, Poverty, 73.

Gorbachev, Mikhail, 56, 63, 65, 67, 88.

Gore, Albert Arnold Jr. (Al), 54, 55, 180.

**H**arvard Divinity School, 118.

Homossexualidade, 8, 35, 38, 43, 84, 90, 91, 92, 93, 115, 116, 119, 132.

- homossexualismo, 16, 46, 60, 67, 83, 119.

- inquirição gay, 93.

- new ways ministry, 116, 117.

- orientação sexual, 35, 37, 38, 44, 47, 48.

- princípios de Yogyakarta, 38, 46, 47, 75.

Human Rights Watch, 67.

*Humanae vitae*, encíclica, 42, 93, 95, 99, 101, 102, 103.

**I**glesias, Enrique, 66.

Identidade católica, 18, 98, 112, 141, 144.

Indigenismo, 61, 63, 88.

Irenismo, 109, 142, 143.

Insulza, José Miguel, 46.

Interfaith Climate Change Network, 53.

**J**oão Paulo II, 7, 9, 21, 25, 29, 40, 41, 53, 54, 58, 60, 76, 80, 92, 100, 102, 103, 129, 130, 136, 137, 138, 140, 144, 145.

**K**hatami, Mohamed, 66.

**K**laus, Václav, 55.

Kennedy, Robert, 111.

Kennedy Townsend, Kathleen, 110.

Küng, Hans, 14, 18, 49, 67, 68, 69, 70, 122, 155, 180.

**L**aicidade, 131, 132, 134.

**L**affitte, Jean, 91, 92, 180.

Leadership Conference of Women Religious (LCWR), 115, 119, 120, 165.

–avaliação doutrinal, 114, 115, 116, 119.

–visita apostólica, 114, 119.

Lejeune, Jérôme, 139, 140.

Leão XIII, 18, 25, 96, 98.

López Trujillo, Alfonso Card., 39.

Lustinger, Jean-Marie Card., 140.

**M**andela, Nelson, 75, 76.

**M**açonaria, 67, 68.

Confederação Maçônica Interamericana (CMI), 46, 62.

Mayor Zaragoza, Federico, 65, 66, 68, 83, 88.

Mauro, Mario, 141, 142.

Mendes, Candido, 66, 67.

México, 28, 61, 64, 73, 82, 84, 86, 105.

Millea, Mary Clare, 114.

Morales, Evo, 54, 63.

Moralismo político, 83, 85.

Murray, John Courtney, 111, 122.

**N**akajima, Hiroshi, 11, 12, 32, 33.

National Coalition of American Nuns, 118.

National Religious Partnership for the Environment (NRPE), 53.

Naumann, Joseph, 106.

Negri, Luigi, 142,

Nações Unidas, 15, 27, 30, 33, 34, 35, 36, 38, 48, 51, 54, 58, 61, 63, 64, 65, 72, 73, 74, 77, 79, 80, 88, 139.

–Conferências Internacionais, 27, 30, 73, 87.

–Comitê de seguimento da Convenção Internacional contra toda forma de Discriminação da Mulher (CEDAW), 35, 37, 66.

–Comitê de seguimento do Pacto Internacional de Direitos Econômicos, Sociais e Culturais, 37.

–Comitê de seguimento do Tratado Internacional contra a Tortura, 35.

–Conference of NGOs in Consultative Relationship to the Economic and Social Council of the United Nations (CONGO), 66.

–Conferencia de População de Bucareste, 28.

–Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA, FNUAP), 72, 74.

- Organização Mundial da Saúde (WHO, OMS), 11, 32, 36, 56, 75, 139, 152.
- Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (UNPD, PNUD), 80.
- UNAIDS, 74, 190.
- UNESCO, 8, 37, 50, 51, 56, 63, 64, 68, 74, 78, 84, 85, 87, 88, 122, 189.
- Ética universal de valores relativos, 50, 68, 87.
- Ética universal de vida sustentável, 50, 51.
- Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural, 87, 88.
- UNICEF, 37, 74, 78.

New Age, 14, 68, 116.

- Reiki, 116, 179.

Obaid, Thoraya Ahmed, 74.

Obama, Barack, 33, 76, 98, 99, 101, 102, 105, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 151, 152, 153, 154, 157, 158, 159.

- obamismo, 108, 110.

Objecção de consciência, 33, 89, 153, 154, 159.

Organização Católica Canadense para o Desenvolvimento e a Paz (Development and Peace, D&P), 77.

Organização dos Estados Americanos (OEA), 43, 44, 45, 46, 47, 48, 191.

- Convenção Interamericana contra o racismo e toda forma de discriminação e intolerância, 44, 45.

Oxfam International, 67.

O'Malley, John W., 110.

**P**aulo VI, 42, 101, 102.

Panteísmo, 53, 63, 64, 71, 81, 83, 163, 166.

Paradigmas éticos, 9, 10, 29, 31, 81.

- paradigma de família, 15, 22.
- paradigma da nova cidadania, 9, 94.
- paradigma da reinterpretação dos direitos humanos, 9, 34.
- paradigma da saúde, 32, 33, 34.
- paradigmas religiosos, 9.

Parlamento Catalão das Religiões, 81.

Parlamento das Religiões do Mundo, 62, 68, 74, 81, 122.

Pérez de Cuellar, J., 88.

Pérez Esquivel, Adolfo, 65, 67.

Pontifício Conselho para a Família, 39, 43, 44, 53, 92.

**Q** Princípios não negociáveis, 87, 99, 131, 132, 135.

**Q** Quinn, Donna, 118, 119.

**R** Ratzinger, Joseph Card., 10, 11, 12, 24, 26, 43, 49, 81, 86, 91, 92, 99, 105, 129, 145, 146, 182, 183.

Relatório Kissinger, 28, 29.

Reengenharia social anticristã, 8, 30, 41, 48.

Religions for Peace (Religiões para a Paz), 64, 77, 78.

Robinson, Mary, 75, 76.

Rodé, Franc Card., 117.

Rodríguez Zapatero, José Luis, 65.

**S** Sadik, Nafis, 66.

**S** Saúde sexual e reprodutiva, 48, 60.

Sebelius, Kathleen, 105, 106.

San Agustín, 94.



São Pio X, 123.

Sampaio, Jorge, 65.

Saramago, José, 67.

Schooyans, Michel, 22, 43, 83, 109, 151, 183,

Schüssler Fiorenza, Elisabeth, 118.

Schüssler Fiorenza, Francis, 118.

Sincretismo religioso, 53, 76, 78, 80, 81.

Soares, Mario, 67.

Soloviev, Vladimir, 124, 125, 126.

Soros, Georges, 76, 111.

-Open Society, 76.

Spaemann, R., 22, 129.

Strong, Maurice, 56, 63, 65.

**T**ribunal Europeu de Direitos Humanos, 141.

Turner, Ted, 71.

Tutu, Desmond, 65, 66, 75.

**U**nião Internacional de Superioras Gerais (UISG), 120, 121, 122, 161, 163, 167.

United Religions Initiative (URI), 120, 161, 163.

Universidades Católicas, 99, 100, 101.

-*Ex Corde Ecclesiae*, Constituição Apostólica, 100

-Boston College, 101, 106, 111.

-Catholic University of America, 106, 118.

-Fordham, 99.

- Georgetown, 75, 99, 101, 106.
- Land O'Lakes statement, 101.
- Lovaina, 121, 141.
- Notre Dame, 98, 99, 101, 108, 112, 113, 114, 118.

US Catholic Coalition on Climate Change, 80.

*V*edrine, Hubert, 66.

*W*indsor Commitments, 79, 80.

*W*omen's Environment & Development Organization (WEDO), 67.

Women's Ordination Conference, 117.

World Union of Catholic Women's Organizations, 78.

Worldwatch Institute, 67.

World Wide Fund for Nature (WWF, antes World Wildlife Fund), 67, 68,

Yunus, Muhammad, 67.

---

## FICHA CATALOGRÁFICA

Sanahuja, Juan Claudio

Poder Global e Religião Universal / Juan Claudio Sanahuja; Tradução de Lyège Carvalho - Campinas, SP : Ecclesiae, 2012

Título Original: Poder Global y Religião Universal

ISBN: 978-85-63160-24-9

1. Igreja e Problemas Sociais 2. Nova Ordem Mundial 3. Ecumenismo 4. Religião Universal 5. Catolicismo

I. Título II. Juan Carlos Sanahuja.

CDD – 261.83

---

### Índice para Catálogo Sistemático

1. Igreja e Problemas Sociais – 261.83

2. Nova Ordem Mundial – 291.17

3. Ecumenismo – 262.0011

4. Catolicismo – 282



### *Minha Impalpável Biblioteca*

Este livro foi impresso em abril de 2012 pela Editora Ecclesiae. Os tipos usados são da família Sabon. O miolo foi feito com papel polén soft 80g, e a capa com cartão supremo 250g.